

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Entre conservar e regenerar áreas degradadas: um olhar
antropológico sobre a Associação VERDE

Catarina Isabel Duarte Nunes

Mestrado em Antropologia

Orientador: Professor Doutor Francisco Manuel da Silva Oneto
Nunes, Professor Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Antropologia

Entre conservar e regenerar áreas degradadas: um olhar
antropológico sobre a Associação VERDE

Catarina Isabel Duarte Nunes

Mestrado em Antropologia

Orientador: Professor Doutor Francisco Manuel da Silva Oneto
Nunes, Professor Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

À minha mãe,

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a abertura e disponibilidade da VERDE - Associação para a Conservação Integrada da Natureza, em me receber, permitindo-me elaborar a presente dissertação. Agradeço à equipa que me acolheu no terreno, aos quais considero neste momento meus amigos, por estarem sempre disponíveis para me ajudarem e pelos maravilhosos momentos que passamos juntos.

Agradeço a dois professores em específico. Ao meu orientador, o Professor Francisco Oneto Nunes, pela sua disponibilidade em me ajudar, pela sua compressão quando tive dificuldades e pelas suas palavras de motivação. E à Professora Nélia Susana Dias, que durante todo o mestrado nos incentivou a levarmos este objetivo até ao fim.

De seguida, quero deixar uma nota de agradecimento particular à Associação Portuguesa de Antropologia, pelo apoio financeiro providenciado a partir da bolsa para Trabalho de Campo. Sem esta ajuda teria sido muito mais difícil concretizar este trabalho.

Um obrigada especial à minha mãe, por me apoiar em todos os momentos da minha vida e estar sempre pronta para me amparar quando preciso. Estou eternamente grata por todos os sacrifícios que fizeste ao longo da tua vida por mim, pela motivação sempre dada e por nunca me deixares desistir.

Quero agradecer ao David, por todo o apoio e paciência, por ter estado sempre presente quando precisei dele e pelo carinho que me foi transmitido.

Por último, reforço o meu agradecimento pelo valioso trabalho feito diariamente por todas as pessoas que estão no terreno, a lutar pela conservação da natureza e por um mundo com maior biodiversidade.

Resumo

Na região do Sousa Superior, encontra-se a pequena vila de Lousada, conhecida por ser o coração da rota do românico, pela vinha do enforcado e pelos seus diversos recursos naturais. Nesta zona, está sediada a VERDE - Associação para a Conservação Integrada da Natureza. Os caminhos que impulsionam a gestão e conservação ambiental ultrapassam diversas fronteiras geográficas e encontram motivação tanto no trabalho coletivo quanto em indivíduos singulares. A VERDE busca, por meio das suas ações, aprender com os ciclos e padrões da natureza, contribuindo para a conservação e regeneração dos ecossistemas, ao valorizar o território, facilitando assim a união de diversas pessoas em prol da mesma causa.

Com uma abordagem antropológica, a partir deste “local físico” (a Associação VERDE), exploramos questões relacionadas às várias formas de colaboração humana existentes para enfrentar as perturbações ecológicas atuais causadas por impactos antropogénicos. Acrescentamos ainda uma preocupação especial, em tentar compreender as várias maneiras de coexistência entre seres humanos e outras formas de vida. A VERDE é um excelente exemplo demonstrativo, tendo o nosso foco central no elemento natural da árvore, permitindo-nos explorar a complexa teia de relações entre diferentes seres.

Palavras-chave: Regeneração; Árvores; Conservação da Natureza; Associação Ambiental; VERDE

Abstract

In the Sousa Superior region, you can find the small village of Lousada, known for being the heart of the Romanesque route, the "Vinha do Enforcado" (Hanged Vine) and its diverse natural resources. In this area, you'll find VERDE - Association for Integrated Nature Conservation. The pathways that encourage environmental management and conservation transcend geographical boundaries, finding motivation in both collective work and singular individuals. VERDE, through its actions, aims to learn from the cycles and patterns of nature, contributing to the conservation and regeneration of ecosystems by valuing the land, thereby fostering the unity of diverse individuals for the same cause.

With an anthropological approach, starting from this "physical location" (VERDE Association), we explore issues related to the various forms of human collaboration aimed at addressing current ecological disturbances caused by anthropogenic impacts. We also add a particular concern, to comprehend the various ways of coexistence between humans and other life forms. VERDE stands as an excellent illustrative example, with our central focus on the natural element of the tree, allowing us to explore the intricate web of relationships among different beings.

Keywords: Regeneration; Trees; Nature Conservation; Environmental Association; VERDE

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice	ix
Índice de Figuras	xi
Glossário	xiii
Capítulo 1. Introdução	1
1.1. Definição do tema, objeto e problemática	1
1.2. Metodologia e estrutura da dissertação	3
Capítulo 2. Enquadramento teórico	7
2.1. Contributo da Antropologia para o estudo de questões ambientais	7
2.2. Perceções em relação à Natureza	9
2.3. Diferentes termos e filosofias práticas de gestão ambiental	10
Capítulo 3. Movimento Ambientalista - história, caracterização e criação de ONG ambientais	17
3.1. Breve enquadramento histórico sobre o Ambientalismo e a sociedade internacional	17
3.2. Movimento e Associativismo Ambiental em Portugal	19
3.3. O papel das ONG para a criação de um espaço de ação comum	24
Capítulo 4. Associação VERDE um lugar para regenerar.	29
4.1. Comunidade de acolhimento: Lousada e o seu papel preponderante na valorização do património natural	29
4.1.1. Câmara Municipal de Lousada	32
4.2. Associação VERDE: como o dia a dia espelha a sua visão	36
4.2.1. Manifesto: visão e a sua aplicabilidade	39
4.3. Caminhos que se cruzam dentro e fora da associação	43
Capítulo 5. Diferentes exemplos de relações simbióticas entre seres humanos e árvores	49
5.1. Partilhar o mundo com outros seres: o que as árvores podem ensinar	49
5.2. Gigantes Verdes e as pessoas	51
5.3. “Um dia entre as árvores”, desde o culto da árvore ao TreeBlitz	62
Capítulo 6. Considerações finais	65
Referências Bibliográficas	71

Índice de Figuras

Figura 1- Cronologia da evolução das diferentes ações do Município de Lousada. Imagem da Câmara de Lousada	34
Figura 2- No lado esquerdo encontramos o Ecocentro e a Ecoteca e no lado direito situa-se o canil e o viveiro municipal. Imagem retirada do Google maps.....	38
Figura 3 - Mapa da localização das propriedades onde a associação VERDE atua, os limites a amarelo são os locais onde existe protocolo entre a associação e o proprietário. Mapa cedido pela VERDE.	45
Figura 4 - Mapa da distribuição dos Gigantes Verdes no concelho de Lousada. Mapa cedido pela VERDE.	52
Figura 5 - Tílias que foram transformadas em esculturas no concelho de Lousada. Trabalho artístico feito por Rosa Van de Vooren.	60
Figura 6 - Sénior a plantar descalça durante uma atividade de plantação numa escola secundária de Lousada.....	61

Glossário

Árvores nativas de médio porte - Definido pela associação como qualquer árvore de espécie autóctone com um perímetro de tronco superior a 30 centímetros e inferior a 150 centímetros, medido a 1.30 metros do solo.

Cuidador de Gigantes - Qualquer proprietário, arrendatário ou gestor (singular ou coletivo) de árvores de grande porte e de árvores nativas de médio porte, que tenha a sua candidatura aprovada pela Associação VERDE por meio do projeto Carbono Biodiverso.

Espécie exótica – Espécie que foi introduzida num local diferente do seu de origem, de forma intencional ou acidental, normalmente através da ação do homem.

Espécie invasora- Também conhecida como alienígena ou alien. É uma espécie exótica, que passa a ser invasora quando se reproduz intensamente, dispersando-se ao longo de uma determinada área. Pode ter graves impactos negativos nas atividades humanas e causar variados problemas ambientais.

Espécie nativa – Conhecida também por espécie espontânea, indígena ou autóctone. É qualquer espécie que é natural do território onde se encontra.

Gigantes Verdes (GV) - Termo alusivo às árvores de grande porte (**AGP**), podendo também designar um projeto da associação VERDE com o intuito de preservar e regenerar estas mesmas árvores. É assim qualquer árvore com um perímetro superior a 150 centímetros de tronco medido a 1,30 metros do solo. Têm um elevado valor ecológico e capacidade para hospedar uma grande quantidade de diferentes organismos.

Guardião de Gigantes - Pessoas ou entidades coletivas conscientes da sua pegada ecológica, que pretendem compensá-la contribuindo para a preservação e plantação da biodiversidade florestal em Portugal. Normalmente a compensação é monetário e será investida nos projetos da VERDE, particularmente no projeto Carbono Biodiverso.

Projeto Carbono Biodiverso – Primeiro projeto de compensação de carbono em Portugal coordenado pela associação VERDE. Funciona a partir de uma estrutura que valoriza economicamente o território nacional a nível local, principalmente através da plantação de novas árvores e preservação de árvores de grande porte. É por meio deste projeto que a associação estabelece a conexão entre Guardiões e Cuidadores.

Proprietário - Na maioria das vezes esta palavra é usada como sinónimo de Cuidador de Gigantes, sendo um termo frequentemente utilizado pelos trabalhadores da associação no seu dia a dia. Também pode significar o dono de um terreno que não tenha AGP, no entanto, na dissertação a utilização com este intuito é pouco visível.

Restauro Ecológico - O restauro ecológico é feito pela associação VERDE através de ações que promovem e apoiam a regeneração natural da paisagem nativa. Desde plantações de árvores, controlo de plantas infestantes, remoção de espécies exóticas invasoras ou diferentes estruturas benéficas para a biodiversidade como charcos ou estruturas de madeira morta.

Introdução

1.1. Definição do tema, objeto e problemática

Foram as várias experiências de voluntariado dentro da área da conservação da natureza realizadas pela mestranda, que contam com mais de um ano de participação e aprendizagem, que motivaram o desenvolvimento da dissertação em causa. Antes do início do mestrado em Antropologia integrou a equipa de duas associações ambientais, localizadas no norte e centro de Portugal. Neste meio teve a oportunidade de interagir e criar laços com diversas pessoas, sendo que na sua grande maioria os técnicos e colaboradores das associações tinham formação dentro da área das ciências naturais, como biologia, conservação e biodiversidade ou engenharia ambiental. No entanto, apesar de muitos dos voluntários e estagiários que conheceu, estarem de algum modo ligados a um contexto de formação académica dentro das ciências da natureza ou trabalharem em áreas adjacentes, sem existir obrigatoriedade de terem o ensino superior, algumas pessoas vinham de um contexto “divergente” desde o mundo das artes ou das ciências sociais como a antropologia e a filosofia. Esta realidade reforça a existência e o interesse de diferentes domínios do saber que refletem e exploram temáticas inerentes ao ambiente que nos envolve, os diferentes seres que nele habitam e os riscos que ambos correm.

A estudante pretende assim dar continuidade ao conhecimento que adquiriu durante estas experiências mas desta vez a partir de uma visão antropológica. As questões de partida foram-se modificando ao longo do tempo e em especial após o início da pesquisa de campo. A curiosidade inicial sobressaia no aprofundamento de conceitos como “invasor” e “nativo”, através da reflexão das problemáticas sociais e culturais relacionadas com a biodiversidade e as relações entre espécies exóticas e/ou invasoras e humanas. Tal estímulo deveu-se aos variados discursos e debates atuais relacionados com estas ideias e das múltiplas atividades práticas realizadas pela mesma de controlo de plantas exóticas invasoras. Exemplos de espécies em Portugal com carácter invasor são as mimosas (*Acacia dealbata*) ou a erva-de-pampas (*Cortaderia Selloana*). Segundo a plataforma Invasoras.pt existem pelo menos 111 espécies de plantas invasoras em Portugal. O antropólogo e professor norueguês Thomas Hylland Eriksen, utiliza a metáfora do “*overheating*”, que caracterizou como “...heating with no thermostat.” (Eriksen, 2016: 131), para descrever o mundo atual que está em sobreaquecido de forma descontrolada, devido às várias mudanças interrelacionadas que estão a acontecer demasiado rápido e de forma desigual, levando a consequências dramáticas e muitas vezes não desejadas.

Um bom exemplo para se compreender o conceito *overheating* é através da perda de biodiversidade. Esta perda desenfreada atualmente visível é desencadeada não por apenas um, mas por múltiplos fatores que se interligam e reforçam, como a expansão agrícola, a poluição, as alterações climáticas, o sistema neoliberalista global, o crescimento populacional entre outros fatores. Estas causas são cada vez mais difíceis de controlar, sendo que em alguns casos já é mesmo impossível e demonstram o desenvolvimento em massa de uma consequência não tensional realizada pelas atividades humanas. O humano é o agente principal que causa maior impacto e ameaça para tal perda, juntamos ainda a esta equação de fatores o impacto das espécies invasoras (Rafferty, 2023). O processo de invasão biológica é a denominação usada para caracterizar a introdução propositada ou acidental de qualquer tipo de organismo num ambiente diferente da sua distribuição natural territorial. O ser humano tem um papel extremamente influente nesta redistribuição, seja ela de sementes, plantas ou animais através de vários fenómenos como a expansão da globalização que leva ao aumento da movimentação de organismos, bens e pessoas (Vicente et al., 2018). Estas introduções em novos territórios podem desenvolver diferentes consequências a partir da sua autónoma e rápida expansão originando várias modificações nos ecossistemas. Muitos dos debates em volta das espécies exóticas e/ou invasoras, incidem maioritariamente em duas posições extremas. Os professores neerlandeses Jozef Keulartz de filosofia ambiental e Cor van der Weele de filosofia humanística com conhecimentos em biologia, denominam essas duas posições opostas de nativismo e cosmopolitismo. Para além destas duas perspetivas consideram existir outras intermedias às mesmas denominadas por restauração, recreação, reabilitação, reparação e recombinação (Keulartz & Weele, 2009).

Apesar da potencialidade exploratória da vertente exposta, após o início do trabalho de campo as questões centrais foram-se inevitavelmente modificando e acabaram por se reconciliar diretamente às principais causas de defesa e trabalho do local escolhido para pesquisa e reflexão. Quando a mestranda procurava um possível local para realizar a sua investigação, manifestou-se a oportunidade de desenvolver a sua dissertação a partir de uma associação ambiental chamada VERDE. Tal possibilidade muito se deveu à abertura da associação em receber estudantes tanto portugueses como de outras nacionalidades, das mais diversas áreas do saber para desenvolverem as suas teses ou projetos curriculares. Não é intenção deste trabalho ser apenas uma mera descrição de uma associação ambiental. Existe a pretensão de a partir deste “local físico” (associação VERDE), se refletir e retirar diferentes perceções sobre as questões que iremos expor mais à frente. O ritmo intenso e acelerado da globalização, criou variadas crises, inclusive grandes mudanças nos ecossistemas, no entanto

estas alterações não são percebidas, compreendidas ou enfrentadas da mesma forma por diferentes indivíduos e grupos, produzindo diferenças culturais tanto a nível local como global. É visível nos textos de Eriksen que é do seu interesse compreender como é que as pessoas e diferentes comunidades lidam com o impacto da globalização especialmente a nível local. Tendo como inspiração o título da obra do autor *Small Places, Large Issues* (2015) através da ideia que está agregada a esta mesma designação, escolhemos como “pequeno” local de reflexão a associação VERDE, com a intenção de explorar fenómenos e fazer perguntas mais abrangentes, através da recolha de diferentes perceções de um lugar pequeno. Com o início do trabalho de campo várias questões orientadoras para a investigação foram surgindo, desde tentar perceber qual a importância e o papel das organizações ambientais para a preservação e conservação da biodiversidade, qual o posicionamento da associação em causa e o plano de ação no que toca à ameaça constante da biodiversidade, que impacto produz na comunidade local e como é que as pessoas aceitam e integram os conhecimentos transmitidos pela VERDE. Para além disto, um dos projetos principais da associação recaí sobre a preservação de árvores de grande porte. Assim, nesta pesquisa existe também a preocupação em perceber como é que a equipa da associação e os locais interagem e se relacionam com este ser. Entre estas e muitas outras questões que fomos desenvolvendo ao longo da dissertação, existe uma pergunta-chave que desperta maior ênfase. Na era atual em que vivemos caracterizada por dramáticos e devastadores impactos antropogénicos nos ecossistemas, o que leva as pessoas a quererem conservar e mesmo a regenerar a natureza que nos envolve? Acreditamos que a associação em causa nos fornece perspetivas relevantes para refletirmos acerca desta questão. Esta exploração tentou ser alcançada através da observação ativa do quotidiano dos colaboradores da associação em causa e de uma participação incita nas atividades de campo realizadas pelos mesmos, que inevitavelmente envolveram pessoas da comunidade local e de fora.

1.2. Metodologia e estrutura da dissertação

Para a concretização da dissertação, os processos metodológicos focaram-se sobretudo na observação-participante e no trabalho de campo. A pesquisa de terreno teve lugar na zona norte de Portugal. Uma vez que a mestranda estuda e reside na área metropolitana de Lisboa, ficou acordado com a associação que ela ficaria alojada no apartamento que a VERDE disponibiliza na vila de Lousada para os voluntários e estagiários de longa duração (estas informações são explicadas em maior detalhe no Capítulo 4). Inicialmente a estudante ficaria apenas três meses, no entanto houve um prolongamento tendo ficado numa duração total de quatro meses, desde

o início de Janeiro até ao final de Abril de 2023. A observação participante é um dos métodos mais usados nesta área. Possibilita assim o antropólogo a passar mais tempo junto das pessoas aprendendo em conjunto com as mesmas através de observações sistemáticas (Newing et al., 2011). A mestranda participou e observou o dia a dia da associação, interagiu e realizou diferentes atividades tanto com a equipa como com outros voluntários e com a comunidade local. Apesar do tempo de trabalho de campo ter sido curto (quatro meses) comparativamente à duração normal tradicional do uso deste método, existem condicionantes que dificultam a extensão da duração temporal, desde restrições financeiras à duração do próprio mestrado e a sua estruturação. Mesmo não conhecendo a maioria das pessoas que constituem a equipa até ter ido para o terreno, o facto de já ter estado a ajudar noutras associações facilitou a sua integração uma vez que lhe eram familiares certas dinâmicas e atividades. A mestranda fez-se acompanhar por um pequeno caderno de campo, que usava para fazer pequenas anotações. Diariamente após a realização das suas atividades transcrevia os seus apontamentos para um outro caderno onde descrevia detalhadamente as suas notas. O facto de a aluna participar nas atividades diárias e de ser chamada de “estagiária” ajudou a que as pessoas não olhassem para ela com desconfiança e respondessem com maior abertura às suas questões. Realizou também entrevistas qualitativas, como entrevistas informais a partir de conversas com as pessoas que encontrava no dia a dia e com alguns membros da equipa e entrevistas semiestruturadas, planeadas com antecedência utilizando um guião não restrito. No segundo caso as entrevistas foram realizadas com locais que possibilitaram uma compreensão mais abrangente dos vários projetos existentes na vila onde realizou o trabalho de campo, tendo entrevistado ainda alguns proprietários com os quais a associação trabalha em parceria.

Trabalhos com um enfoque antropológico, produzidos num contexto nacional português, são escassos. Especificamente, estudos de caso focados em associações não governamentais ambientais são insuficientes. Em termos de dissertações a maioria dos trabalhos produzidos vem de áreas dentro das ciências naturais como a biologia, gestão e conservação de recursos naturais, biodiversidade e conservação da natureza e ainda da arquitetura paisagista. Tradicionalmente uma investigação dentro das ciências naturais subsiste por formular uma hipótese, recolha de dados (normalmente quantitativos) relacionados com variáveis específicas e de testes podendo essa hipótese vir a ser aceite ou rejeitada. A estratégia de investigação nas ciências sociais não é tão restrita. Existe uma ampla variedade de abordagens, que podem ser tanto indutivas quanto dedutivas. Além disso, o tipo de dados recolhidos e a análise realizada não se limitam a ser quantitativos, frequentemente têm um carácter qualitativo (Newing et al., 2011). Sabemos que as diferenças existentes de investigação e tradição nestas áreas de estudo

podem levar a diferentes ontologias e hipóteses. Estas variações influenciam tanto a natureza da produção de conhecimento como a nossa perceção sobre o mundo onde habitamos. Considerando que uma grande parte das mudanças ambientais devem-se a fatores humanos e conseqüentemente os grandes desafios que os ambientalistas e conservacionistas enfrentam recaem sobretudo em sistemas sociais, políticos e económicos, acreditamos ser necessário criar equipas multidisciplinares, permitindo o envolvimento urgente dos conhecimentos e práticas de investigação dentro da área das ciências sociais e humanas (Sanborn & Jung, 2021).

A estrutura desta dissertação evolui de uma abordagem macroestrutural para uma análise mais detalhada e microestrutural. O nível macro enfoca uma descrição geral e mais abrangente, como por exemplo, o papel da Antropologia e das associações ambientais para a reflexão e resolução de diferentes problemáticas ambientais. No nível micro o foco assenta maioritariamente num objeto de estudo específico, neste caso a associação VERDE. O primeiro capítulo é a “Introdução” e no segundo expomos o “Enquadramento teórico”. Começamos por fazer uma breve análise sobre o desenvolvimento da subcategoria da Antropologia Ambiental e o contributo desta área do saber para o estudo de diferentes questões ambientais. Partimos depois para a exploração de como a antropologia pode conceptualizar o conceito de Natureza e as diferentes perceções que podem existir sobre a mesma em diferentes comunidades. Para finalizar examinamos alguns conceitos que vão ser úteis ao longo da leitura desta dissertação como: preservação, conservação, restauração e regeneração. Apesar de muitas vezes alguns destes termos serem usados como sinónimos, pretendemos demonstrar que existem diferenças teóricas entre os mesmos que conseqüentemente refletem variáveis práticas quando aplicados seja a partir de técnicas utilizadas no meio ambiente ou simplesmente como forma para perspetivar a realidade.

O terceiro capítulo intitulado “Movimento Ambientalista - história, caracterização e criação de ONG ambientais”, primeiramente apresentamos a história do Ambientalismo num contexto internacional, terminando inevitavelmente por o enquadrar no registo nacional, explorando um pouco da evolução do movimento associativista ambiental em Portugal. Aprofundamos ainda a importância das organizações não-governamentais para a minimização dos problemas ambientais e o seu papel educativo a partir de iniciativas de voluntariado.

O quarto capítulo “Associação VERDE um lugar para regenerar”, começa por descrever a localização física da VERDE, no norte de Portugal, numa pequena vila chamada Lousada. Fazemos assim uma descrição da vila com um enquadramento histórico, dando a conhecer um

pouco das paisagens que podem ser encontradas e o património natural existente. Reforçamos o papel preponderante que a Câmara Municipal tem na valorização desse mesmo património, alguns desafios que enfrentam, a sua estratégia, expondo ainda algumas iniciativas existentes. De seguida, num formato mais detalhado damos a conhecer a associação VERDE, o seu envolvimento com a Câmara Municipal, a sua equipa e toda a comunidade que se une a partir desta organização. Analisamos também o seu manifesto, para conhecermos e percebermos como é que os seus variados projetos interligam-se sinergicamente com os valores e visão da associação.

O quinto capítulo “Diferentes exemplos de relações simbióticas entre seres humanos e árvores”, explora como ao longo da história humana o mundo natural ocupou sempre um lugar de destaque e de ensinamento. Damos uma especial distinção às árvores e exploramos as diferentes dimensões de ligação deste elemento com os humanos. Aprofundamos o projeto Gigantes Verdes (um dos vários projetos a cargo da associação) e exploramos as ameaças recorrentes que as árvores de grande porte sofrem e o impacto do seu declínio. Consequentemente mostramos algumas notas e apontamentos registados no diário de campo, que relatam diferentes interações, algumas com um impacto mais negativo e outras mais positivas, em relação à interação das pessoas com estes elementos naturais. Falamos ainda de diferentes festividades que se ligam à nossa conexão com as árvores, apresentando o evento TreeBlitz proporcionado pela associação VERDE, exatamente para celebrar e salvaguardar estes seres.

No sexto e último capítulo, “Considerações finais”, aprofundamos o tema do Antropoceno e os diferentes termos que surgiram em redor deste conceito. Os mesmos criam distintas realidades, contudo todos eles enfatizam um carácter desestabilizador e amplamente prejudicial. Apresentamos a possibilidade de reflexão que acontece quando o nosso foco centrar deixa de estar apenas na espécie humana e damos alguns exemplos de como isto é percecionado através da associação VERDE. Para finalizar, aprofundamos a abordagem proposta por Tim Ingold, caracterizada como “Antropologia para além da Humanidade”. Questionamos como as gerações presentes estão a reconfigurar o futuro e o mundo que as próximas gerações irão habitar, especialmente se escolherem viver de forma a causar menor devastação no sistema terrestre.

Enquadramento teórico

“For anthropology is distinguished not by its object, as if it shone a spotlight on humanity, while leaving the rest of creation in the shadows, but by its way of working, which is to learn through correspondence with other lives.” Tim Ingold (2021: 308)

2.1. Contributo da Antropologia para o estudo de questões ambientais

Etimologicamente Antropologia é uma palavra que se constrói a partir de duas outras de origem grega: "anthropos" e "logos", respetivamente, que podem ser traduzidas como "humano" e "razão". Compreendemos assim que esta disciplina recai sobre a reflexão e produção de conhecimento sobre os seres humanos, nas suas múltiplas vertentes, sejam estas sociais, culturais, psíquicas, biológicas ou a forma como eles se relacionam com o meio ambiente. De entre as várias definições popularizadas por vários antropólogos sobre este campo do saber, salientamos a de Eric Wolf: “[Anthropology] is less a subject matter than a bond between subject matters. It is in part history, part literature; in part natural science, part social science; it strives to study men both from within and without; it represents both a manner of looking at man and a vision of man—the most scientific of the humanities, the most humanist of sciences.” (Wolf, citado em Eriksen, 2015: 1).

A disciplina da Antropologia divide-se em várias subcategorias interdisciplinares de interesse focal. Daremos especial ênfase ao campo da Antropologia Ecológica ou Ambiental que tem como mote de estudo, as diferentes formas como as populações humanas percecionam, cuidam e se relacionam com o mundo natural que as rodeia. A comunidade humana está em contacto contínuo com os diversos elementos dos ecossistemas. Estes ecossistemas abrigam diversas formas de vida e, através dessa interação, são moldados e impactados pela humanidade (Barnard & Spencer, 2005). Os campos de estudo são amplamente diversos, desde o estudo da adaptabilidade humana (um dos tópicos centrais para o desenvolvimento desta abordagem no campo da antropologia), ecologia primata, paleoecologia, estudo da paisagem, etnoecologia, etnobotânica, ecologias pastoris e agrárias, entre muitos outros tópicos de interesse. Os termos Antropologia Ecológica ou Ambiental, apesar de serem os mais usados atualmente, originaram-se a partir do cruzamento de diferentes linhas de pensamento e correntes teóricas dentro das principais escolas antropológicas em que a própria diferenciação e diversificação terminológica o demonstra. Damos como exemplo três correntes teóricas ocidentais, predominantes até meados de metade do século XX como o Determinismo Ambiental ou Geográfico, o

Determinismo Cultural e a Adaptação e Evolução Humana (Moran, 2022). Acrescentamos ainda a esta equação a Ecologia Cultural. Não nos iremos debruçar a fundo sobre a definição teórica de cada uma destas correntes nem as diferenças existentes entre as mesmas, salientamos apenas alguns pontos que achamos relevantes.

Certos intelectuais, consideram a Antropologia Ambiental um termo mais amplo e abrangente em comparação com a Antropologia Ecológica, ocorrendo também o inverso (Shoreman-Ouimet & Kopnina, 2013). É recorrente observar ambas as expressões como substitutas e/ou sinónimas, contudo existe quem exerça a sua separação. A investigadora americana e antiga professora de antropologia Patricia Townsend, salienta a seguinte perspetiva: “Ecological anthropology will refer to one particular type of research in environmental anthropology field studies that describe a single ecosystem including a human population. Studies in ecological anthropology frequently deal with a small population of only a few hundred people, such as a village or neighborhood.” (Townsend, 2009: 12). Na Europa também é recorrente a utilização da designação Antropologia da Natureza (Shoreman-Ouimet & Kopnina, 2017).

Esta disciplina do saber contribui de diferentes formas para o estudo das questões ambientais. O antropólogo Thomas Eriksen, aponta que no caso das problemáticas ligadas às alterações climáticas e as extremas crises ambientais provocadas por estas alterações, existem pelo menos duas formas de explorar estas questões pelos antropólogos. A primeira vertente que aponta, evidência as construções discursivas e a forma como são propagadas por diferentes entidades e/ou percecionadas por diferentes públicos. A segunda vertente, recai na análise minuciosa das realidades sociais e culturais, criadas ou ampliadas pelas consequências tangíveis das alterações climáticas e da crise ambiental (Eriksen, 2015). Um bom exemplo deste segundo ponto em Portugal, é a presente investigação intitulada *Pastopraxis*. Une diferentes investigadores tanto da área das ciências sociais e humanas como das ciências naturais, com o objetivo de estudar como é que a comunidade local pastorícia no Parque Natural de Montesinho se está a adaptar às alterações climáticas.¹ Numa visão mais abrangente, a professora de antropologia social na universidade Queens de Belfast, Kay Milton, uma das autoras mais esclarecidas neste subcampo, propôs no mínimo três formas de como a antropologia pode contribuir para o seu envolvimento, defesa, estudo e aprofundamento do conhecimento relacionado com causas ambientais. Desde o estudo das relações entre o humano e o ambiente onde a disciplina passa a ser vista como ecologia humana ou como os antropólogos podem

¹ Para mais informações visitar o seguinte site: <https://pastopraxis.cimo.ipb.pt/index.php>.

exercer um papel privilegiado como intérpretes da prática e conhecimento ambiental gerado entre diferentes culturas. E ainda tratar como objeto de análise o estudo do movimento ecológico ou ambiental como uma prática cultural (Milton, 1993, 1996, 2002, como citado em Shoreman-Ouimet & Kopnina, 2017: 5).

2.2. Percepções em relação à Natureza

De acordo com Eriksen, na antropologia existem pelo menos dois conceitos principais sobre a natureza: natureza externa, ou seja, um ecossistema, designação muitas vezes usada para caracterizar o “mundo natural” habitado por vários elementos vivos, que é formado tanto por interações bióticas como abióticas, ou a natureza interna, que constitui a própria “natureza humana” (Eriksen, 2015: 59).² Eriksen não aprofunda o conceito de natureza humana, sendo que este é bastante contestável, para algumas pessoas pode ser mais do que visível, enquanto outras podem opor-se completamente. Tim Ingold assenta a sua posição nesta segunda possibilidade. No seu texto *Against Human Nature* (2006), argumenta que não existe uma natureza humana universal na evolução biológica. Uma teoria da natureza humana pode ser entendida através da tentativa de afirmação das características centrais dos humanos (Stenmark, 2009). Entre os vários exemplos demonstrados no seu texto, Ingold refuta a idealização de que os genes constituem um género de arquitetura universal, para explicar uma predeterminação comportamental comum entre todos os seres vivos. Defende assim, que as variações humanas não descendem de um *standard* universal fixo, mas sim de processos de desenvolvimento ontogénicos que são continuamente moldados pela atividade humana, desenvolvimento esse que se altera ao longo da história da existência humana. No seu entendimento "It is my contention that there is no human nature lurking inside us that has somehow escaped the current of history. Of course we all carry our complement of genes, but these do not set us up with a constitution all in place, ready to interact with the outside world." (Ingold, 2006: 13).

A natureza é muitas vezes conceptualizada e representada como algo antagónico à cultura (Eriksen, 2015). Esta possível oposição conceptual, é um tema exaustivamente

² Biótico refere-se a tudo que está associado à vida. Quando dizemos que um ecossistema é constituído por fatores bióticos, incluímos todos os organismos vivos que vivem num determinado lugar e a forma como se relacionam entre si e afetam o próprio ecossistema, desde bactérias, a plantas e animais. Por outro lado, abiótico, que é o oposto de biótico, refere-se à ausência ou suspensão aparente da vida. Num ecossistema, os organismos vivos podem sofrer influências através de fatores abióticos, ou seja, através de elementos aparentemente “não vivos”. Estes elementos podem derivar de aspetos químicos, físicos ou físico-químicos, como a luz, a radiação solar, o vento, a água, a composição do solo, a temperatura ou os gases atmosféricos. Dependendo de como e com que intensidade afetam os componentes bióticos, esses fatores podem determinar a presença ou a ausência de vida em um ambiente.

abordado na disciplina da Antropologia e amplamente questionado. Na proposição do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em geral todas as sociedades humanas distinguem, mesmo que de maneiras diferentes, entre o conceito de cultura e natureza (Rocha, 2011). Philippe Descola, também antropólogo francês, que defendeu a sua tese sob a orientação de Lévi-Strauss, contesta a visão do mesmo. Para Descola, algumas sociedades humanas normalmente não-ocidentais, conceptualizam a Natureza de uma forma diferente à que podemos encontrar exemplificativamente em muitos textos teóricos de organizações internacionais, através de uma idealização menos restrita e universalista (Descola, 2013). Numa conferência que teve lugar no dia 25 de Maio de 2023, na Culturgest (centro cultural em Lisboa), O antropólogo partilhou com a plateia que fez trabalho de campo entre 1976 e 1979, com o povo indígena Jivaro Achuar na Amazónia Equatoriana. A partir desta vivência, conferiu que a oposição entre a natureza e sociedade não é universal e que para este povo em particular a natureza não existe na forma convencional como a conceptualizamos, afirmando que a mesma é vista “... com um interior parecido ao humano através de formas como plantas ou animais.”. Podemos ficar assim a perceber que existem diferentes formas de ordenar o mundo e de perceber a natureza e outras entidades vivas, e que as mesmas não têm que ser vistas como opostas.

2.3. Diferentes termos e filosofias práticas de gestão ambiental

O interesse crescente relacionado com o destino do ambiente natural, proteção e defesa da biodiversidade, provocou nas últimas décadas um alastramento generalizado de jornais, revistas e livros que abordam estes assuntos, aparecimento de novas políticas públicas, ações de ativismo e o aumento da criação de entidades e associações ambientais. A biodiversidade é a abreviatura para diversidade biológica, ou seja, o conjunto de variabilidade de vida que existe num determinado local e as suas interações, existindo pelo menos três níveis de diversidade: genética, ecossistemas e espécies (Naeem et al., 2016). O humano e as suas ações, são a causa principal para a ameaça contínua e rápida aceleração da perda de biodiversidade, comprometendo a eficiência do habitat. Isto provoca a redução da capacidade de resistência da natureza a fatores em mudança, afetando também os humanos a vários níveis, desde a saúde, meios de subsistência ou até ao agravamento de conflitos políticos. As ameaças à biodiversidade assumem diferentes vertentes, como a alteração da utilização dos solos, a sobre-exploração do ambiente natural, as alterações climáticas, poluição, a espécies exóticas invasoras e à destruição de habitats (Adebayo, 2019). O próprio conceito de ameaça

constantemente aplicado à biodiversidade, frequentemente estrutura-se a partir de ideias que envolvem determinadas construções culturais. Com isto, podemos dizer que a forma como este conceito é originado e aplicado pode representar diferentes percepções do mundo (Vidal & Dias, 2016). Na obra *Endangerment, Biodiversity and Culture* (2016), deparamos com a plasticidade formal em que o termo pode ser enquadrado: “Endangerment, then, not only refers to states of the world that the sciences may identify and describe, but also names an individual and collective resource for apprehending the world at the level of symbols and action.” (Vidal & Dias, 2016: 1). Das várias reflexões que a obra explora, salientamos a ideia de que muitas vezes a ampla destruição e alteração do meio ambiente provocada pelos humanos, interliga-se pelo desenvolvimento de um crescente sentimento de culpa e responsabilidade em querer preservar e proteger o que está em perigo ou ameaça. As associações ambientais desempenham um papel importante na salvaguarda do mundo natural, através de diferentes vertentes, mas apesar de todo o trabalho no terreno que muitas efetuam, a partilha de conhecimentos através da sensibilização e educação dos cidadãos é fundamental para promover uma mudança de percepção. Quando analisamos o discurso e literatura relacionada com associações ambientais, muitas vezes somos confrontados com os seguintes termos: preservação, conservação ou regeneração. A associação VERDE não é exceção, e para melhor compreendermos a sua visão (que será aprofundada no capítulo 5) é importante desmistificar e explorar um pouco o significado destes e outros conceitos.

Quando pensamos em preservação talvez as primeiras ideias que surjam sejam proteção, manter a salvo ou vivo, intacto e livre de ferimentos, deterioração, danos ou mesmo de destruição. A preservação tal como outros termos, perspetivas e interpretações filosóficas que vamos explorar, podem ser percecionadas através de diferentes contornos. Em relação à palavra conservação, talvez surjam na sua mente abstrações como manter algo sem danos, conservado ou um conjunto de determinadas ações que permitem manter algo fora de perigo. Efetivamente estes dois termos podem parecer bastante semelhantes ou até mesmo sinónimos um do outro, no entanto, dentro do seio da teoria existem várias perspetivas sobre ambos e na prática as técnicas utilizadas no meio ambiente também podem diferir. A preservação é muitas vezes colocada em causa se for analisada ao extremo. Num mundo constantemente em mudança, apesar de a ideia de preservação parecer algo inicialmente benéfico, a natureza em si encontra-se em constante evolução e alteração (para não falar nas mudanças constantes causadas pelo ser humano). Desse modo, a estratégia de preservação pode ser problemática devido à intenção de manter a natureza num regime “estático”, quando na realidade a mesma encontra-se em contante mudança (Baldwin Jr et al., 1994). Devido a este fator e também pelas

dificuldades práticas, políticas, económicas e escassez de áreas selvagens à disposição para preservar, muitos grupos de preservacionistas tradicionais, viram-se obrigados a ampliar os seus objetivos e campo de atuação para além da preservação da natureza. Como tal, muitos projetos começaram a implementar estratégias de restauro e recuperação de áreas danificadas (Baldwin Jr et al., 1994). A obra *Beyond Preservation: Restoring and Inventing Landscapes* (1994) levanta várias questões pertinentes sobre estas problemáticas. De entre elas, questionam que se realmente fosse possível preservar ou mesmo conservar uma área natural intocada através da evitação do contacto e intervenção humana, para que este mesmo lugar seguisse a sua evolução natural sem obstáculos, onde é que isto nos posicionaria como humanos? Através desta perspetiva passaríamos ou não a fazer parte da natureza? Se nós entendermos que não fazemos parte, que somos outros, diferentes ou opostos à natureza, será que faz sentido tentar proteger, preservar, ou mesmo isolar certas partes da mesma? (Baldwin Jr et al., 1994). O botânico e jornalista americano William R. Jordan III um largo entusiasta sobre a filosofia da restauração ecológica e Frederick Turner poeta e professor fundador na universidade do Texas em Dallas, que desde cedo se interessou em explorar e criar ensaios ligados à construção e invenção de novas paisagens, partilham alguns pensamentos em comum. Ambos acreditam que os seres humanos fazem parte da natureza e que a opção de nos afastarmos dela não é válida, uma vez que não podemos negar a nossa influência sobre a mesma e outras espécies, tendo assim um papel fundamental e uma enorme responsabilidade em “cuidar” e usar os nossos conhecimentos para influenciar beneficentemente os mesmos. Defendem que devemos de assumir um papel ativo na restauração e construção da paisagem, indo para além dos limites da preservação (Baldwin Jr et al., 1994).

Segundo a Society for Ecological Restoration (SER) a restauração ecológica, pode ser entendida como um processo que pretende auxiliar na recuperação de um ecossistema que foi danificado, degradado ou destruído. O humano pretende reproduzir um determinado ecossistema, trazendo de volta a sua estrutura, diversidade e função original. Os fundamentos estruturantes da restauração também variam. William Jordan desenvolveu a ideia de “restauro ecocêntrico”, para se distinguir de outras formas de restauração que possam não ser motivadas pela recriação literal do próprio ecossistema em causa. São assim determinadas por outras razões, como criar um ecossistema ou ambiente mais favorável para alguém, melhorando apenas algumas condições externas e não provocando as mudanças essenciais nesse ecossistema. Esta filosofia prática de gestão ambiental proposta pode ser interpretada da seguinte forma: “This entails everything we do to an ecosystem or a landscape in an ongoing attempt to compensate for novel or “outside” influences on it in such a way that it continues to

behave or can resume behaving as if these influences were not present.” (Jordan & M. Lubick, 2011: 2).

Aprofundando o conceito que introduzimos no início, a conservação da natureza é um movimento ambiental, mas também social e político que procura proteger e gerir os recursos naturais. Segundo a National Geographic, a conservação protege e cuida desses mesmos recursos para que as gerações futuras possam ter acesso a eles. Isso inclui o cuidado dos genes, de diferentes espécies, dos ecossistemas, do ciclo de nutrientes e das próprias funções do meio ambiente (National Geographic Society, 2023). Enquanto a preservação pretende proteger a natureza da utilização humana, a conservação sugere que também deve haver uma atenção especial nas áreas onde existe presença humana (DRE, 2008; Phillips, 1998). Frederick Turner descreve a conservação da natureza da seguinte forma: 'A conservação vê a natureza como um vasto recurso, físico e espiritual, que deve ser sabiamente administrado para que possa continuar a fornecer uma rica colheita para os seres humanos (Turner, citado em Baldwin Jr et al., 1994: 35).

Apesar de existir muito conteúdo explorado por académicos, como filósofos do ambiente ou historiadores a respeito do significado da preservação e da conservação e de como estas ideias podem ser usadas para construir métodos e técnicas de gestão ambiental ou mesmo construções morais e diferentes formas de ver e estar no mundo, existem poucos estudos que nos ajudem a perceber como é que estes termos são definidos e aplicados pelos cidadãos ou mesmo por quem normalmente trabalha no terreno e aplica estes princípios (Minteer & Corley, 2007). Os investigadores e professores americanos Ben Minteer e Elizabeth Corley, efetuam pesquisas relacionadas com questões ligadas às problemáticas ambientais e procederam a um estudo utilizando vários métodos como entrevistas com cidadãos e cientistas florestais envolvidos ou interessados na gestão da floresta nacional de Chattahoochee. Durante a investigação procuraram compreender como é que estas pessoas definem os conceitos de conservação e preservação e também focaram-se na forma como a sua definição dos mesmos, pode moldar as atitudes dos indivíduos em relação à gestão da floresta em causa. De entre as várias conclusões a que chegaram, perceberam por exemplo que muitas destas pessoas veem a conservação como uma gestão ativa e prática, que promove o uso sensato dos recursos florestais, permitindo ao mesmo tempo a ocorrência de alterações ecológicas. Em contrapartida a preservação é vista como uma gestão onde não existe tanta intervenção, existindo apenas pouca intervenção humana ou mesmo nenhuma (Minteer & Corley, 2007).

Para finalizar, apresentamos apenas mais um termo que acreditamos ser útil para a compreensão do desenvolvimento da leitura da dissertação, a regeneração. Numa floresta a

regeneração natural acontece quando as plantas e as árvores mais recentes, ou seja, aquelas que se desenvolvem a partir das sementes dos elementos naturais já existentes anteriormente, germinam e mais tarde substituíram os seus procedentes, que naturalmente ou por interferências externas acabaram por desaparecer (Brown, 2004). Quando aplicada à conservação da natureza, poderá ser um bom método para ajudar a acelerar os processos ecológicos num determinado ecossistema (Lohbeck et al., 2021). As abordagens regenerativas aplicadas a sistemas sócio-ecológicos, são muitas vezes desconhecidas nas sociedades ocidentais, ou pelo menos estão a ser redescobertas, pois as suas bases filosóficas encontram-se exploradas no pensamento de diferentes sociedades (Buckton et al., 2023). A inclusão de princípios regenerativos poderá ser desafiante para determinadas pessoas, uma vez que requer a alteração de perceção sobre a forma como normalmente vemos e interagimos com a natureza, as pessoas e o planeta. Estes sistemas sócio-ecológicos regenerativos interligam-se e fazem parte do pensamento de outras práticas e conceitos como a permacultura, a agroecologia, a ecologia profunda, biodinâmica ou a gestão holística, influenciando também outras dimensões como a criação de novas abordagens económicas (Buckton et al., 2023). Na obra *Designing Regenerative Cultures* (2016) o autor alemão Daniel Christian Wahl, introduz-nos a uma nova abordagem de estruturação do design das culturas, através de sistemas que as tornem mais regenerativas e menos destrutivas. Desafiando as práticas insustentáveis da humanidade, o autor facilita diferentes métodos e estratégias que podem ajudar a repensar e reestruturar os modelos culturais e sociais atuais. O design regenerativo é assim descrito como uma participação adequada que desenha em conjunto com a natureza, abrindo os horizontes para uma abordagem poética que permite perspetivar o futuro, não através da busca desenfreada de um progresso contínuo, mas sim da colaboração criativa, apreendendo com lições de sucesso do passado e colocando boas questões que nos permitam perspetivar um futuro cenário viável e harmonioso.

Como vimos estes termos, movimentos e/ou correntes de pensamento ecologistas são bastante vastos e muitos outros ficaram por ser explorados e mencionados. O nosso objetivo estendeu-se na tentativa de demonstrar que mesmo dentro de uma determinada corrente, podem existir várias interpretações e conseqüentemente a forma como serão colocadas em prática irá diferir. Algumas destas correntes podem ser compatíveis e em alguns casos pode fazer sentido adotar num determinado território uma determinada metodologia em prol de outra. O interessante nesta diversidade é que independentemente da filosofia e gestão de território que se venha a adotar, todas estas correntes levantam as suas próprias questões e ambiguidades, fazendo-nos questionar como é que o humano interage com a natureza e quais as supostas melhores formas de interação. A associação VERDE intitula-se como uma associação para a

conservação integrada da natureza. Muitos dos conceitos que acabamos de explorar aqui, são recorrentes na linguagem utilizada pela mesma. Apesar de termos percebido, que existem linhas bastante distintas que caracterizam estas correntes e termos, a associação utiliza muitos deles recorrentemente. Podem existir vários motivos para tal, como o facto de não quererem se identificar e fixar apenas numa única perspetiva. A associação VERDE tem poucos anos de existência e é composta por várias pessoas de diferentes áreas do saber, e mesmo aqueles que têm uma base académica dentro das ciências naturais, têm diferentes especializações (mais à frente procedemos a uma caracterização mais detalhada da associação). Este pode ser um elemento importante para a adoção e abertura de diferentes conceitos na forma como manifestam as suas intenções. Se assim for, isto poderá demonstrar também uma certa predisposição e tentativa de adoção dos melhores métodos e linhas de pensamento que têm conhecimento até ao momento. Através da exploração e aprendizagem contínua em conjunto, tanto com as pessoas que fazem parte da equipa como de todos aqueles que se queiram juntar para ajudar. Como a VERDE define, a associação pretende fundir-se e não se sobrepôr à paisagem existente onde fazem ações de intervenção com a intenção de “...integrar a conservação e regeneração da natureza no dia a dia dos portugueses.” (VERDE, n.d.). A VERDE partilha visões e métodos de gestão com outras organizações ambientais sediadas tanto em Portugal como em outros países. No entanto, também existem linhas que as separam, pois não existe uma única fórmula universal de interpretar e aplicar a conservação em diferentes territórios, nem de perspetivar a relação entre o humano e a natureza. O antropólogo tem assim um papel fundamental na demonstração que não existe uma única solução ou fórmula universal de atuação e interpretação a respeito da crise ambiental ou nas perspetivas e medidas adotadas pelas associações ambientais (Shoreman-Ouimet & Kopnina, 2017).

Movimento Ambientalista - história, caracterização e criação de ONG ambientais

“Só assumindo a dimensão trágica dos problemas e opções que se nos deparam estaremos em condições, como indivíduos e como comunidades, de atravessar vitoriosamente o duro caminho que nos poderá conduzir a uma história aberta, ultrapassando as ameaças de um destino esmagador.” José Soromenho-Marques (1994: 151)

3.1. Breve enquadramento histórico sobre o Ambientalismo e a sociedade internacional

Neste capítulo, apresentaremos uma breve introdução à história do Ambientalismo em contextos nacional e internacional. Além disso, exploraremos a importância das organizações não governamentais neste movimento ecológico, bem como o impacto que têm na sociedade. Desde o século XIX que já existiam testemunhos bastante significativos e pertinentes sobre a delimitação e enraizamento do movimento ambientalista e da proteção da natureza, com especial foco nos movimentos pioneiros em Inglaterra e na América. As preocupações centravam-se sobretudo em desafios locais, relacionados com a preservação de zonas naturais, poluição urbana e proteção dos animais. Nessa época, no entanto, havia pouca atenção voltada para os aspectos transnacionais dos problemas ambientais. Isto não é o equivalente a afirmar-se que os movimentos ambientalistas que foram surgindo ao longo do tempo se centraram apenas em alguns locais específicos do mundo. Tratou-se exatamente do inverso, tendo sido um fenómeno à escala global.

"Em Inglaterra, como resposta aos impactos progressivos e devastadores da Revolução Industrial, particularmente da poluição do ar através da combustão do carvão, surgiram as primeiras associações, movimentos e regulamentos com expressão ambiental. Destacamos a associação Manchester Association for the Prevention of Smoke criada em 1842, a Commons Preservation Society³ que é o órgão de conservação nacional mais antigo do Reino Unido fundado em 1865, a associação East Riding Association for the Protection of Sea Birds fundada em 1867 e a Association for the Protection of British Birds fundada em 1870. Nos Estados Unidos da América, também houve pioneiros no surgimento de movimentos e associações

³ Atualmente conhecida como Open Spaces Society.

ambientais. Destacamos a American Ornithologists Union, que surgiu em 1883, e o Sierra Club, fundado em 1892. É neste mesmo país que surgem os primeiros parques nacionais, tendo o Parque Nacional de Yellowstone como mais antigo, criado em 1872 (Schmidt, 2008).

Na transição do século XIX para o século XX que se começou a testemunhar transformações mais significativas no movimento ambientalista. Gradualmente passou de algumas iniciativas dispersas a nível local, para um movimento com uma maior abertura e abordagem sobre os problemas ambientais a partir de uma dimensão transfronteiriça (Falkner, 2021). Foi em França que se realizou o primeiro Congresso Internacional para a Proteção da Natureza intitulado como "Congresse Internationale pour la Protection des Paysages", em Paris no ano 1909 (Conwentz, 1914). Como foi mencionado anteriormente, os movimentos ambientalistas são um fenómeno à escala global, no entanto, muitas destas ideias foram introduzidas em territórios ocupados por diferentes potências coloniais europeias. A ilha de Java na Indonésia viu crescer a reserva Ujung Kulon (atualmente intitulada como parque natural) em 1915 pelos holandeses. O governo colonial belga criou em 1925 o primeiro parque nacional no continente africano, na atual República Democrática do Congo, intitulado como Parque Nacional Albert.⁴ O mesmo em 1979 foi classificado como Património Mundial da UNESCO, tendo sido criado propositadamente para proteger a população local de gorilas (Falkner, 2021).

O crescimento de uma sociedade com maior consciência ecológica foi um processo lento e gradual, no entanto, na transição dos anos 60 para os anos 70 registou-se um enraizamento mais generalizado e predominante sobre a intervenção e reflexão ambientalista. Isto levou à necessidade de haver uma maior preocupação sobre as políticas ambientais num contexto internacional, levando diretamente ao início de uma maior pressão sobre os Estados, para que os mesmos comesçassem a ter um papel mais ativo na tomada de medidas ambientais. As próprias ONG tiveram e têm um papel importante no que toca ao exercício de exercer pressão política sobre os Estados para que estes tornem numa prioridade estas mesmas medidas. Porém, isto só se facilitou quando começou a existir um maior apoio de organismos sociais mais amplos, uma vez que antes da Segunda Guerra Mundial, os membros das organizações eram maioritariamente compostos por uma pequena elite social e política (Falkner, 2021). Outras mudanças em termos de paradigmas preceptivos fizeram-se sentir. Ameaças que dantes eram mais localizadas, ou vistas como tais, passaram a ser vistas como catástrofes globais. O aumento elevado e súbito da população humana, a perda de biodiversidade ou a destruição das florestas,

⁴ Atualmente conhecido como Parque nacional de Virunga.

questões que afetam todo o planeta, começaram a ser vistos como problemas comuns, onde a ação para o seu combate deve de ser partilhada e não feita de forma isolada. Damos como exemplo o desastre de Chernobyl, acidente nuclear catastrófico que aconteceu em 1986 e o acidente do navio petrolífero Exxon Valdez em 1989, onde uma quantidade imensa de petróleo foi lançado ao mar devido a uma colisão do navio em rochas submersas abrindo parte do seu casco. O aumento crescente dessas adversidades, tanto em frequência quanto em gravidade, devido ao impacto humano progressivo, levou a um maior envolvimento da sociedade internacional. Envolvimento esse que se caracterizou na produção crescente de conferências e convenções internacionais, de tratados e negociações que ajudaram na divulgação destes desastres e na criação de possíveis soluções (Antunes, 1997). Citamos como casos análogos e importantes marcos na história da política ambiental internacional: a conferência de Estocolmo em 1972, a Convenção de Viena para a Proteção da Camada de Ozono em 1985, a Conferência do Rio de Janeiro em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável em 2012 e o Acordo de Paris em 2016.

Muitas outras iniciativas se procederam de forma a aproximar as questões relacionadas com o meio ambiente das agendas de desenvolvimento sustentável e social. Contudo, segundo o relatório da UNEP (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) publicado em 2019, apesar do crescimento fecundo das entidades ambientais e de leis nas últimas décadas, a fraca eficiência na aplicação de medidas e políticas ambientais é uma tendência global que tem o efeito inverso de agravamento destas mesmas ameaças (Bruch et al., 2019).

3.2. Movimento e Associativismo Ambiental em Portugal

No contexto nacional português, o protagonismo temático do movimento ambiental só começou a ser verdadeiramente saliente após o Estado Novo (regime político ditatorial que teve início em 1933 tendo sido derrubado em 1974). Segundo o filósofo e professor universitário português José Viriato Soromenho Marques (2005), existiu um leque de diferentes tendências que condicionaram e enfraqueceram a ideologia portuguesa no que toca ao desenvolvimento de políticas ambientais e proteção da mesma. O dominante carácter rural e de pobreza que caracterizou a maioria da população até grande parte do século XX, a baixa aderência e pouca participação pública da sociedade portuguesa a iniciativas e protestos ambientais⁵ que muito se

⁵ Foram poucos os protestos sobre problemas ambientais durante o Estado Novo. No entanto, damos como exemplo o protesto dos agricultores do Baixo Vouga, que teve início no final dos anos 40 devido às ações devastadoras da Companhia Portuguesa de Celulose no território. Também destacamos o

deveu aos elevados níveis de iliteracia, à grande repressão política existente, à existência de um Estado que se encontrava bastante destruído, altamente burocrático e centralizado e à lenta alteração de percepção do regime económico sobre a exigência de uma consciência ecológica neste setor. Isto não é sinónimo de uma total inexistência de preocupação centrada na conservação da natureza e nos problemas ecológicos durante o regime ditatorial, ou mesmo num período anterior. A título de exemplo, na Constituição Política da Monarquia Portuguesa de 1822, encontra-se presente no artigo 223 o dever de “...promover a plantação de árvores nos baldios e nas terras dos Concelhos.” pelas câmaras municipais (Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes, 1822, p.85). Existiam também preocupações ligadas à administração das águas, sendo que entre 1884 e 1919 tentou-se criar e institucionalizar um modelo de atuação pública que potencializasse a sua utilização. Em 1911, foi criada a Associação Protetora da Árvore, que publicou alguns conteúdos legislativos sobre a proteção de exemplares de árvores notáveis.

Foi a partir do início do século XX, que vários autores, maioritariamente dentro da área da engenharia da silvicultura, começaram a desenvolver trabalhos mais proeminentes dentro do contexto da conservação da natureza.⁶ Salientamos o biólogo Carlos Baeta Neves e o engenheiro Francisco Flores, que em 1939, publicaram um texto pioneiro intitulado: "A Protecção da Natureza, Directrizes Actuais", de grande relevância para a conservação da natureza, explorando práticas conservacionistas no contexto português (Brilha, 2005). Apesar destes exemplos, as preocupações ecológicas eram pontuais e esporádicas. Durante o regime do Estado Novo era complicado criar e manter organizações não governamentais. Este regime não democrático e ditatorial, controlava grupos organizados de tal forma que estes eram percecionados como grupos potencialmente revolucionários, aumentando a suspeita do Estado sobre os mesmos.

Um dos poucos exemplos associativos ambientais que foram fundados durante este período foi a organização intitulada por Liga para a Protecção da Natureza (LPN).⁷ Criada em 1948 a partir da convergência audaciosa de um pequeno grupo de académicos (tendo sido o professor Carlos Baeta Neves o seu principal impulsionador) que desafiaram a liberdade do associativismo. Pretendiam encontrar algumas respostas e denunciar as ameaças incidentes de

protesto dos habitantes de Pernes desde os anos 50, quando fábricas de curtume contaminaram as águas do rio Alviela (Rodrigues, 1995).

⁶ Nesta altura a designação mais utilizada era “proteção da natureza”.

⁷ Existiram outros exemplos de associações e ONG ligadas à proteção da natureza, criadas durante o Estado Novo, nomeadamente: a Real Sociedade Arqueológica Lusitana, em 1849, em Santiago do Cacém; o Real Instituto Arqueológico de Portugal, criado em 1858, em Lisboa; a Sociedade Portuguesa de Espeleologia, em Lisboa, fundada em 1948; o Clube de Torres Vedras, em 1971; e a Associação de Estudos do Alto Tejo, em 1972, na Vila Velha de Ródão (Giavara, 1995).

destruição sobre a Serra da Arrábida, em especial a mata do solitário (Giavara, 1995). Atualmente a LPN encontra-se inserida dentro da categoria de associação sem fins lucrativos, com estatuto de utilidade pública, possuindo também o estatuto ONGA (Organização Não Governamental de Ambiente). É a associação mais antiga da Península Ibérica que se centra na defesa dos valores da conservação da natureza (LPN, sem data). Nas primeiras décadas de existência, manteve um registo essencialmente centrado na pesquisa científica e académica, tendo decorrido de forma gradual o seu papel interventivo na intervenção pública e social (Schmidt, 2008). A LPN foi a principal responsável pela criação de algumas das mais significativas áreas protegidas em Portugal, como o Parque Nacional da Peneda-Gerês em 1971 e o Parque Natural da Arrábida em 1976 (Queirós, 2016). Após o 25 de Abril, que proporcionou o surgimento de vários grupos ecologistas de pequena dimensão através da manifestação do movimento associativo ambiental, destacamos a criação do MEP - Movimento Ecológico Português em 1975. Com forte relevância na luta contra a questão nuclear, foi fundado pela figura preponderante na área ambiental em Portugal, Afonso Cautela. Este movimento mais tarde viria a dar origem à Associação Portuguesa de Ecologistas “Amigos da Terra” (Carvalho, 2003). De entre as suas várias profissões, Cautela foi professor primário, bibliotecário, livreiro e revisor tipográfico e ainda um importante e destacado jornalista. Dedicou uma atenção especial aos temas ligados à ecologia, abordados assuntos pouco falados nesta altura como a plantação de eucaliptos, a poluição dos rios e a ocupação industrial (Sistema Solar, n.d.).

Entre 1976 e 1978, deu-se um dos primeiros conflitos ambientais após a implementação do sistema democrático (Schmidt, 2008). O governo português em 1968 pediu à Junta de Energia Nuclear (JEN), que elaborasse um estudo sobre a viabilidade da implementação de uma central nuclear para a produção de energia elétrica. A associação “Amigos da Terra” começou a ter uma maior projeção a partir do início dos anos 80, tendo tido um papel importante no envolvimento da comunidade juvenil ativista. Foi a mesma, que informou que desde 1969 a vila de Ferrel do município de Peniche era o local predileto para receber uma central nuclear (Madeira, 2018). Este conflito originou uma vaga de protestos públicos, juntando a população, cientistas, intelectuais e associações ecologistas que se manifestavam contra o avanço deste projeto (Cautela, 1977, como citado em Schmidt, 2008). Realizou-se em Janeiro de 1978, na vila de Ferrel e nas Caldas da Rainha o festival “Pela vida contra o nuclear” onde participaram aproximadamente três mil pessoas (Junta de Freguesia de Ferrel, n.d.). O evento contou com a participação de importantes cantores como Zeca Afonso, Sérgio Godinho, Vitorino Salomé, Pedro Barroso e Fausto Dias. O último cantor imortalizou este protesto popular, numa música chamada "Rosalinda". Para além destas figuras relevantes no campo musical, participaram no

colóquio do festival importantes intelectuais e professores como Delgado Domingos, Afonso Cautela, Jacinto Rodrigues, José Carlos Marques e António José Saraiva (Santos Pereira et al., 2017). A investigadora Eugénia Rodrigues salienta que a causa nuclear teve duas frentes, uma no “plano energético” contra a instalação destas centrais e outra como “...denúncia da corrida aos armamentos e do perigo de guerra nuclear (no auge da guerra fria) ...” (Rodrigues, 2008: 2). Quatro anos depois deste acontecimento, este projeto foi finalmente abandonado.

Entre 1984 e 1985 realizou-se pela primeira vez em Portugal, o primeiro encontro de ecólogos portugueses, dos quais o primeiro ano teve lugar na Foz do Arelho e o segundo em Tróia (Soromenho-Marques, 2005). Não irromperam resultados práticos deste encontro, no entanto, foi uma etapa importante para o reposicionamento e desenvolvimento de um novo rumo ambiental em Portugal. Inclusive, nesta mesma altura em 1985, a Quercus (organização não governamental do ambiente) é fundada com um variado programa direcionado para a conservação da natureza nas suas múltiplas faces, tanto ambientais, como políticas, sociais e culturais. O substantivo Quercus deriva do latim, sendo atribuído como um género que caracteriza biologicamente de forma coletiva árvores como o carvalho, o sobreiro e a azinheira, que representam a floresta portuguesa.

Se até à década dos anos 70, grande parte do trabalho gerado pela LPN consistia em aulas de universidade, viagens de campo e criação de artigos científicos com pouca representação pública, o aparecimento da Quercus veio alterar esta imagem. Para além de ter vários núcleos espalhados pelo território português, os membros desta associação mantinham uma posição na esfera pública mais vincada, centrando uma maior representação nas mudanças de decisão política, moldando a agenda ambiental e representando o interesse social e político no que toca às mudanças e posições ambientais. Este posicionamento viria a tornar esta associação numa das mais bem posicionadas com as autoridades públicas ambientais e entidades políticas nacionais (Queirós, 2016). Um ano depois, o Geoto - Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente, constitui-se legalmente representando um foco mais evidente no campo da educação ambiental. Esta amplificação do movimento ambientalista em Portugal, foi impulsionada com a queda do regime ditatorial, que trouxe uma maior oferta no campo da formação e educação e o desenvolvimento deste mesmo setor.

Grande parte do amadurecimento das políticas ambientais em Portugal foram impulsionadas por influências externas, tanto através de leis, atos legislativos, como pela sua participação em diferentes conferências e congressos. A adesão à União Europeia em 1986 veio impulsionar essa influência externa através do reforço da legislação portuguesa, exigindo e

introduzindo diferentes medidas legislativas e trazendo novos apoios, sobretudo financeiros. A transição dos anos 80 para os anos 90, foram caracterizados por uma atenção e empenho redobrado para a concretização dos regulamentos europeus pela administração pública portuguesa. Com a vinculação desta nova “tendência”, alguns partidos políticos portugueses começaram a perceber a importância de se focarem nas questões ambientais aliando-se a alguns das ideias trazidas pelo movimento ambientalista (Queirós, 2016).

Apesar das vantagens que as influências externas produzem (para o desenvolvimento das políticas ambientais em Portugal), existe um outro ângulo onde as medidas de conservação da natureza acabam por ser muitas vezes traduzidas e criadas a partir de uma hierarquia “top-down” (Schmidt, 2008). Como consequência, pode-se expressar na colocação em segundo plano da participação social na criação de medidas ambientais. A década de 90 mostrou-se significativamente mais propícia ao desenvolvimento das organizações em defesa do meio ambiente e aos fundamentos do ambientalismo, onde a vida na Terra se encontra interdependente e agregada. Isto produziu um aumento significativo na agenda ambiental nacional, a partir de organizações portuguesas anteriormente mencionadas como a Quercus, a LPN e a Geota, muito devido ao elevado nível de formação dos seus integrantes, à capacidade de produzir conhecimento científico e ao vínculo com instituições de ensino.

Apesar do percurso das ONG ambientais em Portugal terem uma história relativamente curta, estas tem demonstrado serem capazes de influenciar as políticas públicas e a sociedade civil para a importância dos princípios ecológicos. Demonstraram a sua habilidade para crescerem e redirecionarem as suas estratégias de forma a apoiarem os dilemas ambientais atuais, mesmo que estas diligências sejam complicadas de serem aplicadas, especialmente em tempo de maior austeridade económica como no caso da Troika.

No caso da VERDE, uma associação recente e de pequena dimensão (comparada às entidades mencionadas anteriormente) já começa a ser perceptível o seu contributo para as políticas públicas. Damos como exemplo a apresentação de algumas reflexões e sugestões da VERDE, para o diploma legislativo sobre a instituição de um mercado voluntário de carbono, quando este estava em consulta pública (VERDE, 2023). De forma a promover-se uma maior e mais eficaz defesa e salvaguarda da natureza e das gerações futuras, cada vez mais coligações e redes estão a aparecer.

Um caso atual em aliança é a entrada da associação ZERO na coligação de Organizações Não Governamentais de Ambiente (ONGA), integrando sete organizações (em vez de apenas

seis) e passando a ser conhecida por Coligação C7.⁸ O início do novo século (XXI) caracteriza-se por iniciativas mais significativas no que toca à adesão de economias verdes e políticas públicas mais sustentáveis. Ainda assim, é necessário compreender-se que existem limitações no que diz respeito à capacidade de ação interna, tanto do Estado como das ONG, devido às inter-relações e influências existentes entre as questões ambientais e a globalização (Queirós, 2016).

3.3. O papel das ONG para a criação de um espaço de ação comum

Segundo o Registo Nacional de Organizações não Governamentais de Ambiente e Equiparadas (RNOE), em 2023 encontram-se registadas 105 associações e ONG ambientais (APA, 2023). Apesar destes dados, não devemos assumir que em Portugal existem apenas 105 associações ambientais. Para a associação obter este estatuto, é necessário realizar-se uma inscrição e cumprir certos requisitos fundamentais para aprovação pela APA (Agência Portuguesa do Ambiente). A associação VERDE apesar de transmitir o desejo de querer fazer parte deste registo, ainda não cumpre todos os requisitos exigidos. Estes requisitos incluem a necessidade de os valores éticos do requerente estarem em harmonia com os valores da RNOE. Além disso, é necessário ter pelo menos 100 associados na entidade que procede à inscrição. Como é esperado, também é preciso entregar o requerimento de registo juntamente com um número abundante de diferentes documentos. Isto leva-nos a querer que existem outras entidades na mesma situação que a VERDE, especialmente se foram fundadas há pouco tempo. Assim sendo, o número de associações e ONG ambientais em Portugal é superior ao apresentado. Infelizmente não conseguimos encontrar registo do número exato de entidades ambientais existentes em território nacional português, independentemente das suas tipologias de estruturação.

De acordo com a base de dados da Pordada a RNOE (que na altura apenas se intitulava por Organizações não Governamentais de Ambiente – ONGA), registou em 1998 a existência de

⁸ A coligação de Organizações Não Governamentais de Ambiente (ONGA) é constituída por sete associações: LPN, GEOTA, Quercus, FAPAS, SPEA, Zero e ANP/WWF.

LPN - Liga para a Proteção da Natureza, fundada em 1948.

GEOTA - Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente fundado em legalmente em 1986 existindo deste 1981 como grupo de reflexão ambiental e de educação.

Quercus - Organização Não Governamental de Ambiente (ONGA), fundada em 1985.

FAPAS - Associação Portuguesa para a Conservação da Biodiversidade fundada em 1990.

SPEA - A Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, fundada em 1993.

Zero – Associação Sistema Terrestre Sustentável, fundada em 2015.

ANP - Associação Natureza Portugal, foi criada em 2018. Nesse mesmo ano começou a trabalhar em associação com a WWF (World Wide Fund For Nature) fundada em 1961.

133 organismos registadas com um total de 155.778 associados. Em 2021 (data mais atual) registou-se a existência de apenas 97 associações com um total de 220.754 associados (Pordata, 2022). Apesar de o número de organismos com o estatuto em causa ter diminuído (entre os 23 anos que distanciam estas datas, existiram sempre oscilações predominantes nos valores das ONGA), o número de associados aumentou. O que leva a crer que para além de um aumento no envolvimento cívico e participação nas causas ambientais, passou a existir uma maior credibilidade sobre o papel destas entidades junto do público interessado.

Os movimentos ambientalistas podem assumir uma pluralidade de diferentes vertentes de intervenção. Desde uma atuação político-partidária mais informativa e comunicativa, a um domínio filosófico, ético, religioso, científico e pedagógico ou mesmo estatal, normalmente através de políticas públicas (Soromenho-Marques, 1998). No caso da VERDE, atua principalmente num domínio cívico não-governamental. No entanto, esta não é a sua única vertente de intervenção. Desempenha também um papel importante no que se refere à comunicação de informação relacionada com o ambiente e transmissão de conhecimento. Destaca-se no setor do capital natural incentivando benefícios socioeconómicos e ambientais através do seu projeto Carbono Biodiverso, o primeiro projeto de compensação de carbono em Portugal. Também no domínio ético se distingue, principalmente no que diz respeito ao seu posicionamento e à filosofia dos seus ideais perpetuados na forma como atuam. Iremos abordar este assunto com maior profundidade no capítulo seguinte.

Soromenho-Marques (2005) salienta um conjunto de características comuns normalmente existentes entre entidades com papel ativo e progressista na área ambiental. De entre as características facultadas saliento a forte capacidade criativa de utilização dos recursos disponibilizados. Isto é visível a partir da constituição de uma equipa variada e multidisciplinar que permite cruzar ferramentas, técnicas e conhecimentos. Concretamente na utilização de múltiplas plataformas digitais (website, instagram, facebook, ...) ou na capacidade de oferta de diferentes formatos de aproximação com a comunidade (desde a oferta de programas de voluntariado com diferentes modalidades a passeios interpretativos para as pessoas conhecerem as árvores de grande porte de uma determinada localidade). Participação e presença assídua da VERDE em eventos sociais e com contextos diversificados (presença na segunda edição da Aldeia da Inovação Social, comparecimento assíduo em diferentes conferências e participação em diversos concursos). Diversas parcerias com distintas entidades (como o município de Lousada, loja do zero e o distribuidor de energia elétrica português E-REDES). Criação de diferentes iniciativas como o Concurso Arvore do Ano de Lousada de 2023 e organização do evento Tree Blitz. Tudo isto ajuda à construção e fortificação de contactos e redes de

comunicação social. A um nível mais elevado de amadurecimento da associação, isto poderá ser uma abertura e o início de um trilho que permita a VERDE ter um papel mais representativo e transformador em diferentes políticas públicas de interesse público (como o que já está a acontecer de forma gradual com o projeto Carbono Biodiverso).

Pequenos passos também estão a ser dados no que toca à produção de conhecimento científico, seja dentro do núcleo da equipa da associação ou na abertura a diferentes pessoas, nomeadamente estudantes para que estes venham desenvolver as suas investigações nas instalações e locais de ação da associação. Após esta descrição sobre as características onde esta entidade se destaca de forma inovadora, não seria justo fazer uma comparação da mesma com outras associações como as que já foram mencionadas anteriormente (Quercus, LPN,...). O longo tempo de existência das mesmas, a grande trajetória que já percorreram tanto dentro de Portugal como num contexto internacional, os seus fundos e quantidade de recursos humanos disponibilizados criam um espaçamento entre estes organismos. Acreditamos que a associação em causa se encontra num bom caminho no que diz respeito à criação de uma imagem e perfil inovador e transformador dentro da intervenção ambientalista. Contudo, salientamos que apesar de um perfil multifacetado e com forte poder de iniciativa, ajudar a associação a crescer e chegar a mais pessoas, este mesmo percurso deve de ser feito coerentemente e de forma sensata. Não basta ter uma forte motivação ambiental para melhorar as coisas à nossa volta, é necessário cuidar daqueles que possibilitam e ajudam na construção desta mesma associação. Um crescimento contínuo, exaustivo e desproporcional na sua estrutura e na carga de trabalho que não seja acompanhado por um aumento da equipa, divisões de tarefas e uma melhor gestão do tempo, poderá tornar-se extremamente exaustivo para os seus membros, tendo consequentemente um impacto negativo no perfil da associação e no que ela representa.

As associações e ONG ambientais muitas vezes dependem da vontade própria e disponibilidade pessoal de um conjunto de pessoas. São múltiplas as definições, estudos existentes e áreas do saber que tentam definir o conceito de voluntariado de forma inclusiva e explorar as suas inúmeras vertentes. No artigo “Defining Who is a Volunteer: Conceptual and Empirical Considerations” (1996), os académicos identificaram quatro dimensões comuns sobre uma análise minuciosa na literatura de diferentes definições do conceito de voluntariado. Sendo esses elementos constituídos por uma ausência de remuneração, estrutura, beneficiários previstos e liberdade de escolha. Também no livro “Volunteering and Society in the 21st Century” (2010) os autores demonstram a complexidade existente na definição deste conceito, nas diferentes noções em que este termo existe, nos seus princípios e perspetivas. Os autores apresentam pelo menos três hipóteses sobre a ação voluntária: “o paradigma dominante” mais

conhecido como voluntariado como serviço, “o paradigma da sociedade civil” com foco no ativismo e “o voluntariado como lazer sério” (Rochester, et al., 2010). É importante compreender que cada uma destas hipóteses capta uma parcela do fenómeno do voluntariado. Mesmo dentro destas três perspetivas é possível existir uma combinação entre as mesmas aumentando assim o leque de opção e definições. Contudo, se fizermos uma análise individual, deixamos de perceber a complexidade existente no que diz respeito às várias possibilidades de experiências de voluntariado.

Baseando-se nas tipologias motivacionais propostas por Measham e Barnett (2008), o município de Lousada aponta como motivação para a participação em atividades de voluntariado seis tipologias motivacionais. Estas são o contributo à sociedade, interação social, desenvolvimento pessoal, aprender acerca do ambiente, sentimento genérico de ética ambiental e afeição pelo local do voluntariado (Matos e Nunes, 2020). Tal como o município de Lousada, a VERDE também apresenta um programa de voluntariado. Este varia desde as suas atividades até à sua duração, podendo ser voluntariado pontual ou de longa duração. Dentro do voluntariado de longa duração o público-alvo caracteriza-se maioritariamente por jovens adultos. No voluntariado pontual normalmente existe uma maior diversidade de pessoas e faixas etárias. Continuando a sua maioria a ser jovens-adultos, podemos encontrar (normalmente em menor grau) crianças, adultos e famílias. Se for uma atividade de voluntariado pontual realizada em parceria com o município de Lousada a diversidade acresce ainda mais. Imaginemos que se trata de uma plantação de árvores, onde podemos encontrar todo o público-alvo anteriormente mencionado acrescentando algumas pessoas estrangeiras e ainda possíveis parcerias com escolas e/ou empresas.

Muitas vezes sem a existência destas iniciativas de ação voluntária e sem o apoio destas pessoas, seria impossível levar a cabo muitos dos objetivos práticos das associações. No caso da VERDE é bastante visível o impacto que estas iniciativas têm, tanto no crescimento e desenvolvimento da própria organização, mas sobretudo no alcance e impacto que as suas iniciativas de conservação da natureza atingem. Para além de promoverem a coesão social, onde as pessoas se juntam para defender e atuarem numa causa comum em que acreditam, ainda promove um impacto positivo, tanto no local físico onde se realizam as iniciativas, como no próprio bem-estar das pessoas que as realizam.

Associação VERDE um lugar para regenerar

“The only true voyage of discovery (...) would be not to visit strange lands but to possess other eyes (...)” Marcel Proust (2023:277)

4.1. Comunidade de acolhimento: Lousada e o seu papel preponderante na valorização do património natural

Nas terras do Vale de Sousa, mais concretamente na região do Sousa Superior encontramos uma pequena vila chamada Lousada. Localiza-se na região norte do país, a cerca de 28 km de distância da área metropolitana do Porto, fazendo parte deste distrito. A vila divide-se em 15 freguesias e, em 2021, segundo os Censos, contava com 47.364 habitantes, possuindo uma área total que ronda os 96,08 km² (Mais Transparência, 2021). Concelho conhecido pelos seus múltiplos campos de cultivo, diversidade de diferentes recursos naturais e pela vinha do enforcado, marcado fortemente por uma matriz económica agropecuária e florestal, destacando-se gradualmente no setor têxtil, do calçado, mobiliário e mais recentemente na reestruturação da produção vinícola (Município de Lousada, n.d.).

É nesta vila que encontramos o coração da rota do românico, projeto que nasceu em 1998 dando a conhecer lugares, património arquitetónico e cultural, diferentes memórias e a História agregada ao estilo artístico Românico. Estilo esse vigente na Europa que remanesceu entre os séculos XI e XIV, nos concelhos e municípios que pertencem ao Vale de Sousa e às terras do Douro e Tâmega (Rota do Românico, n.d.). Os primeiros solares nobres surgiram entre os séculos XVI-XVIII em Portugal a pedido de diferentes entidades da nobreza portuguesa. Os aparecimentos destas casas de origem nobre andam de mãos dadas com o momento em que se começou a construir a fundação da nacionalidade portuguesa anterior aos acima mencionados séculos XVI-XVIII, tendo a sua propagação despontado na região do Vale do Sousa e arredores (Pedras, 2007). Lousada é assim o segundo município do país onde podemos encontrar vários exemplares de casas e quintas nobres, construídas na época do auge da aristocracia rural. Para além da importância arquitetónica destes espaços as suas matas, bosques e jardins privados irradiam uma nítida relevância, sendo possível encontrar distintas espécies de flora nativa nestes locais, mas também espécies originárias de todos os continentes que acabaram por aclimatizar-se e reproduzir no concelho (Diego Alves et al., 2021). Os solares nobres e os elementos orgânicos que os compõem criam um prisma corpulento de diversidade tanto de flora como de

arquitetura e história na vila.

Na altura em que Lousada ainda se escrevia com z em vez de s, durante as três primeiras décadas do século XX, o concelho foi bastante procurado por pessoas de fora devido a ser uma “vila simpática” com “os seus belos panoramas e os seus bons ares” (Jornal de Louzada, 1924, p.1). Por ter uma altitude que ronda os 300m, afastada dos grandes núcleos urbanos e da poluição que os caracteriza, rodeada por pequenas florestas e bosques que rasgam a paisagem prevalentemente agrária, fez com que esta pequena vila fosse na altura uma escolha de eleição para o que hoje intitulamos de turismo da natureza, de saúde e bem-estar. Visitada essencialmente pela aristocracia citadina que vinha aproveitar os ares puros e passar uns tempos nos seus solares e por quem procurava curar epidemias respiratórias que caracterizavam esta época como a tuberculose (Cardoso, 2011).

Atualmente as paisagens da vila de Lousada desenham horizontes espalhados e fragmentados, sendo o seu povoamento rural disperso com culturas agrícolas que podem ser encontrados ao longo de todo o concelho. A morfologia agrária e os sistemas de cultura ocupam aproximadamente 58% do solo num contexto agroflorestal, sendo o milho e a vinha duas das maiores culturas produzidas (Sousa Superior, 2022). Na sua grande maioria estes terrenos caracterizam-se pela sua pequena dimensão, ou seja, são terrenos minifúndios, com formas irregulares e campos fechados entre si através de sebes vivas, bouças orgânicas e pelo distinto, antigo e ancestral sistema de condução da vinha do enforcado, neste momento em ameaça de desaparecimento. A morfologia da exploração agrária é consideravelmente de dimensão superior, com campos mais abertos e regulares na zona do Alentejo, Trás-os-Montes e Ribatejo comparativamente à dimensão mais reduzida na Beira Litoral ou na zona entre o Douro e a Minho, onde Lousada se localiza. Apesar de os espaços artificializados serem dispersos, predomina na extremidade norte do concelho em termos florestais e ocupando cerca de 34% do solo, monoculturas de espécies como o pinheiro-bravo e o eucalipto. Isto deve-se em especial à topografia do terreno da região, onde as altitudes mais altas se localizam na extremidade norte e nordeste. Na zona de altitude mais baixa podemos encontrar os principais recursos hídricos desta região como o rio Mezio e o rio Sousa (Município de Lousada, 2020).

Ao longo da bacia hidrográfica do rio Sousa e do Vale de Sousa em Lousada, com um total atual de 1609 hectares localiza-se a Paisagem Protegida Local do Sousa Superior (PPLSS) (Sousa Superior, 2022). Na delimitação desta área protegida, é possível localizar riquíssimos valores naturais altamente importantes para a conservação da biodiversidade e da natureza. Por um lado, em virtude das paisagens presentes e das suas características como a variedade de biodiversidade presente, a qualidade dos recursos naturais, os cursos de água ou a diversidade

do património existente como museus, pontes e moinhos e por outro lado, devido ao desejo e esforço de uma conversão contínua interativa e harmoniosa das relações humanas com a natureza envolvente. Podemos definir os valores naturais, como elementos que fazem parte do património natural e que são dignos de proteção devido à sua vulnerabilidade ou interesse cultural, histórico, educativo, económico e científico. Uma entidade natural como as florestas ou os rios não têm que ter apenas valor para as pessoas porque nos fornecem algum tipo de serviço. Se estes elementos naturais contribuem também para o nosso bem-estar, acrescentamos que os mesmos também podem ser considerados valores naturais devido a uma propensão pessoal, mítica, religiosa, política ou mesmo histórica. Assim não tem que ter valor apenas por serem um meio que usamos para atingir certos fins, podendo existir um conjunto de outros significados. Como o professor de filosofia Simon Paul James da faculdade de Durham colocou “... we will need to use a broad palette of concepts, if we are to comprehend all the ways that nature matters to us. We will certainly need to look beyond appeals to instrumentality and causation. Amongst other things, we will need to consider part-whole relations and relations of meaning.” (James, 2019, p.15). Apesar das múltiplas oportunidades e potencialidades desta área protegida, existem sempre problemas agregados no território que estão a ser gradualmente trabalhados como o combate à poluição, à apropriação abusiva e desacertada das margens e obstrução do leito do rio, degradação e abandono de elementos arquitetónicos construídos, pressão urbanística ou a desvalorização da herança natural e rural e o esquecimento gradual das práticas tradicionais (Mota et al., 2019). A criação da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior (PPLSS) pretende proteger esta área dos problemas mencionados e de outros, salvaguardando o património natural e cultural desta região, através do envolvimento e participação participativa da população.

É no cerne da PPLSS que descobrimos o pulmão de Lousada, a Mata de Vilar. São 14 hectares de floresta nativa, a maior área contínua com estas características do concelho e sendo certificada internacionalmente como Floresta de Alto Valor de Conservação, pela organização sem fins lucrativos Forest Stewardship Council. Ao visitarmos a Mata somos imediatamente impactados pela sua beleza. Pelas diversas cores que se modificam consoante as épocas, múltiplos sons que possui desde o pisar de uma folha, os pequenos ramos a estalarem ou o movimento perceptível de residentes rastejantes ou voadores. Nos dias chuvosos sentimos os odores únicos e intensos da terra húmida. Em dias solarengos, as brisas aconchegantes que revelam as essências das diferentes espécies de árvores que recheiam esta mancha verde. Encontramos assim uma múltipla gama de diferentes espécies de arvoredos com o carvalho-alvarinho (*Quercus orocantabrica*) que é uma espécie nativa e espécies exóticas como o

carvalho-americano (*Quercus rubra*), a faia (*Fagus sylvatica*) ou o cedro-do-Buçaco (*Cupressus lusitanica*). É importante salientar que apesar de ser a maior mancha de floresta nativa, não significa que não tenham existido ou ainda existam espécies exóticas ou mesmo invasoras (a última opção atualmente está controlada sendo praticamente inexistente). Apesar das maravilhas que encontramos ao visitar a Mata de Vilar, que enaltecem cada um dos nossos sentidos, nem sempre este local se encontrou no estado de conservação que encontramos na atualidade. A sua história é bastante rica e antes de ser o local público que é atualmente, a mata pertenceu a uma família com renome em Lousada, ligando-se assim conseqüentemente a uma importante casa senhorial. O seu surgimento remonta ao final do século XIX, com carácter florestal e agrícola, foi a partir do século XX na década dos anos 20, que o seu carácter se alterou para um panorama recreativo e de lazer. Não obstante, outras pessoas não ligadas diretamente a esta família, acompanharam o desenvolvimento da mata. Atualmente várias memórias estão a ser resgatadas, ajudando-nos a compreender com maior profundidade e clareza a história deste local e a descobrir pequenas maravilhas, que sem estas partilhas dificilmente viriam a ser descobertas. Um bom exemplo que nos foi partilhado foi uma visitante que pediu à guardiã da mata para visitar a mesma. Apesar do local ser aberto ao público, quem pretende visitar deve agendar uma visita ou participar nas múltiplas atividades pedagógicas que acontecem com regularidade para o mais diverso público-alvo. A mata está assim vedada para que este mesmo sistema mantenha o pulmão de Lousada conservado, não progredindo ou produzindo possíveis degradações. A eficiência deste sistema é perceptível. Quando a senhora em causa visitou o local, demonstrou o seu descontentamento no que toca às alterações feitas, uma vez que a mata está bastante diferente do que ela conhecia quando era pequena. Nos percursos que costumava fazer para a escola, atravessava diariamente este território e uma das memórias mais vividas que tem, é avistar o antigo dono da mata a beber chá numa estrutura composta por uma mesa central de pedra, sentado em longos bancos contínuos em formato de U. Ao exprimir a sua tristeza por não ter visto este local, agora que visita a mata após várias décadas, a guardiã da Mata de Vilar procede com a ajuda da senhora à descoberta do local que representa a tal memória. Foi a partir desta partilha que hoje é possível ver alguns vestígios desta estrutura em pedra que antes servia de espaço de lazer. Hoje, depois de ter sido desenterrada, é uma das várias memórias que podem ser partilhadas tanto pela via da oralidade, como visualmente. Esta história enaltece a importância que a mata teve e continua a ter na vida de tantos lousadenses.

Quando a câmara de Lousada adquiriu a Mata de Vilar em 2008, encontrava-se em mau estado de conservação com várias espécies invasoras e outras preocupações agregadas. Várias

intervenções foram feitas desde aí. Foram adotadas várias propostas, estratégias e metodologias relacionadas com a gestão, requalificação e restauro ambiental e paisagístico. Atualmente é descrita como “um laboratório vivo”, onde as diversas metodologias de gestão ambiental resultaram numa recuperação inegável da sua funcionalidade ecológica. Foi assim criado, um centro interpretativo, um viveiro pedagógico, um banco de sementes, vários trilhos (sendo um deles o primeiro trilho florestal acessível a pessoas com deficiência e mobilidade reduzida) e vários equipamentos eco sensoriais. Apresenta ainda um vasto programa de serviços educativos, oportunidades dentro do campo do turismo científico e diferentes eventos ambientais e culturais (Pereira et al., 2022). Lousada devido à sua posição geográfica, desenvolvimento histórico e características morfológicas que criam valores ambientais distintos, demonstra ter atributos mais que suficientes para ter um património natural que deve ser preservado e valorizado.

4.1.1. Câmara Municipal de Lousada

A preservação dos valores naturais, culturais e sociais do concelho só é possível através de entidades e comunidades locais que respeitem os princípios da natureza e estejam em sintonia com a mesma. O município de Lousada têm tido um papel preponderante e pioneiro na conservação e regeneração do património natural existente nesta área do país. Foi durante o mandato autárquico de 2013-2017, mais concretamente em 2014, que através de uma parceria entre o município e o Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, se iniciou uma análise das múltiplas oportunidades e problemas existentes no território em causa. Este levantamento foi a base para a criação da atual Estratégia Municipal de Sustentabilidade (Matos & Nunes, 2021).

Antes desta nova eleição, existia uma preocupação insuficiente e pontual no que toca às questões ambientais, não havendo uma estratégia bem estruturada ou um caminho coerentemente delimitado. O atual vereador do Ambiente, Natureza e Clima quando entrou em funções em 2013 percebeu que para haver uma transformação na abordagem ambiental do município seria necessário em primeiro lugar contratar uma equipa especializada. Pessoas com os conhecimentos necessários apoiaram a investigação e produção de conhecimento que solidificou e serviu de base à criação de novas estratégias e ações concretas. Foi necessário arranjar financiamento através de diferentes fundos e apoios nacionais e internacionais, como foi o caso do financiamento ambiental IMPRINT+. É um problema comum a vários municípios, os apoios monetários disponibilizados não serem suficientes para concretizar todas as ideias e projetos que surgem. Assim a autarquia de Lousada teve que encontrar diferentes meios e

oportunidades de fundo.

A Estratégia Municipal para a Sustentabilidade desenvolvida em Lousada assenta em cinco eixos base:

- Investigação científica e conservação da natureza;
- Educação ambiental e literacia científica;
- Envolvimento social;
- Ações infraestruturais;
- Sustentabilidade interna;

Pode-se ainda considerar um sexto eixo: as parcerias.

Como o vereador do Ambiente, Natureza e Clima do município mencionou numa conversa informal que teve lugar no dia 7 de Março de 2023, esta estratégia trata-se de um “desenho silencioso que depois se torna visível”. É a partir destes eixos que surge o Fundo Lousada Sustentável, que financiou o desenvolvimento primário do projeto Gigantes Verdes que consequentemente levou ao nascimento da associação VERDE, que iremos explorar a fundo já a partir do próximo subcapítulo. Os eixos mencionados acima foram assim implementados em diferentes iniciativas como: BioLousada; Mata de Vilar; Lousada Charcos; Plantar Lousada; BioFest; BioEscola; revista Lucanus: Ambiente e Sociedade; Lixo Sustentável; Lousada Jardins; Lousada Guarda Rios; Cornélias - Lousada Bike-Sharing; BioSénior; Paisagem Protegida Local do Sousa Superior; Rede Municipal de Micro-reservas; e muitas outras (Figura 1).



Figura 1- Cronologia da evolução das diferentes ações do Município de Lousada. Imagem da Câmara de Lousada.

O envolvimento social é de extrema importância para o processo de transformação ecológica. O município foi assim aproximando-se mais da comunidade local ao longo dos últimos anos. O projeto Plantar Lousada exemplifica bem este fator. Criado em 2016 com o objetivo de plantar 10 mil árvores no concelho até 2018 (intenção atingida em 2017), a continuidade do projeto até aos dias de hoje fez com que em 2023 tenha sido atingido o significativo valor de 100 mil árvores plantadas. O vereador partilhou que na primeira plantação informal organizada por ele, passou vários dias a tentar entrar em contacto com diferentes pessoas, freguesias e grupos culturais para arranjar voluntários. Tratando-se de uma iniciativa recente as pessoas não compreendiam bem qual era a intenção da atividade. Acabaram por aparecer cerca de 30 voluntários residentes de Lousada e de fora. Encomendaram aproximadamente 400 árvores, mas no dia da plantação apareceram apenas umas 40. Os trabalhadores do município pensaram que o vereador se tinha enganado, dado que 400 plantas parecia um número excessivo. Após correção de comunicação, os funcionários do município arranjaram mais árvores e a primeira plantação aconteceu. Depois este episódio, formalizou-se a iniciativa e começaram a acontecer plantações com regularidade. Em muitas delas ainda foi necessário convencer e entrar em contacto com várias pessoas e entidades. Como o vereador mencionou: “É necessário insistir muito no início, mas depois começa a dar frutos”. Gradualmente, a comunidade local e mesmo de outras regiões, começam a conhecer e a compreender o objetivo da iniciativa, deixando de ser preciso fazer telefonemas semanais para se publicar nas redes sociais o evento, aparecendo o número necessário de voluntários.

Para além das várias iniciativas criadas o município conta ainda com um Regulamento Municipal de Gestão de Arvoredo e dos Espaços Naturais do Município de Lousada (2020) e o Regulamento da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior (2021). Atualmente está a ser desenvolvida a Carta Ambiental do Concelho. Já recebeu vários reconhecimentos e distinções tendo sido foi o vencedor do prémio Transformative Action Award (2019). A estratégia adotada foi desenhada para ser usada por um longo período de tempo e mesmo que os funcionários da autarquia mudem, é possível manter o que foi contruído até ao momento, desde que os valores estejam em concordância e que exista vontade real para tal. Todo o processo se encontra documentado em vários artigos, facilitando a inspiração e adesão de estratégias semelhantes por outros municípios. Contudo, para que seja realizável tal reformulação no campo de atuação ambiental numa autarquia é preciso existir vontade política, desejo real de proceder a uma mudança, formação interna dos colaboradores independentemente do seu departamento, equipas competentes com elevados níveis empáticos e conhecimentos científicos e técnicos, criação de metodologias realistas e praticáveis, trabalho em equipa e dar uma autêntica e efetiva

participação à população (Matos & Nunes, 2021). É fundamental uma reeducação de dentro para fora, ou seja, transmitir conhecimentos assertivos aos colaboradores dos municípios para que os mesmos possam depois ser transmitido à comunidade local.

As autarquias também enfrentam várias dificuldades e desafios, sejam por existirem caminhos vedados ou dificultados para se chegar por exemplo a certos apoios e patrocinadores. A sobrecarga de trabalho, certas carências de condições dadas aos trabalhadores e salários reduzidos para técnicos com elevados conhecimentos são uma realidade generalizada e que foi observada. Frequentemente os municípios são olhados pela população local com descontentamento e desconfiança. Por conseguinte, as associações podem apresentar uma presença mais neutra, o que pode ser uma vantagem. É dentro desta neutralidade que a associação VERDE surge, não sendo um projeto desenvolvido pelo município de Lousada, mas trabalhando em parceria com o mesmo.

4.2. Associação VERDE: como o dia a dia espelha a sua visão

A VERDE - Associação para a Conservação Integrada da Natureza, é uma associação sem fins lucrativos, fundada em Fevereiro de 2021 e sediada em Lousada. A organização nasce a partir de diferentes necessidades e fatores. O atual presidente (um dos treze fundadores base) realizou a sua dissertação de mestrado neste concelho, onde desenvolveu o projeto Gigantes Verdes em 2017. O mesmo destina-se à criação de mecanismos de valorização do património natural existente neste concelho, através da identificação e conservação das árvores de grande porte e atualmente também de médio porte e de outras formas de valorização, trabalhando em parceria com a comunidade local. Esta iniciativa coordenada pelo mesmo com a ajuda da Câmara Municipal de Lousada, foi o gatilho motivacional para a formação da associação. Como referi no subcapítulo anterior, a VERDE nasceu também da necessidade de se desenvolver um organismo independente ao município, que permitisse dar continuidade a esta iniciativa e outras. Para além destas determinantes, identificou-se ser uma altura favorável para a formação de uma nova entidade, uma vez que era visível o interesse crescente da população tanto local como de fora para participar em atividades relacionadas com a conservação da natureza (VERDE. n.d.).

A associação é constituída por uma equipa multidisciplinar contando até ao momento com 21 pessoas (valor que vai variando) desde biólogos, ecólogos, designers, juristas, economistas ou profissionais de marketing. A grande maioria destes colaboradores colabora remotamente num regime parcial, podendo estar também a desenvolver trabalho de investigação para a

VERDE noutras localidades. A equipa que se encontra diariamente na sede em Lousada é bastante reduzida, podendo variar de um mínimo de duas pessoas a um máximo normal de quatro. Com perfil de contratação a tempo inteiro, trabalhando no concelho em causa existem três colaboradores. Apesar de realizarem trabalhos variados perdura uma área de foco de ocupação onde cada um deles centra-se mais. Exercem funções como coordenação direta dos voluntários e realização de tarefas no terreno com os mesmos, coordenação do projeto Gigantes Verdes, contacto maioritário com os proprietários destas árvores e terrenos e gestão do trabalho administrativo e organizacional da associação. Um destes três colaboradores trabalha num regime híbrido mais acentuado. A sede oficial situa-se no Centro de Apoio ao Associativismo da União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem. Como as instalações deste núcleo são partilhadas, não possuem as condições diárias necessárias para a equipa da Verde usufruir do local com a regularidade necessária, sendo que às vezes também trabalham a partir de casa. O ecocentro de Lousada (na freguesia de Boim) é um local de diferentes encontros. Localiza-se na periferia do centro da Vila e existem varias entidades estabelecidas nesta área. Podemos considerar, não metaforicamente que as mesmas dividem-se visualmente na sua edificação por uma longa estrada. De um lado da estrada encontramos o Ecocentro, com um espaço destinado à gestão de resíduos e um pequeno edifício situado perto do portão principal (Figura 2). Esta construção abarca a Ecoteca (Centro de Informação Ambiental), utilizado por funcionários contratados pelo município de Lousada, do Sector de Conservação da Natureza e Educação Ambiental (SCNEA), especializados em diferentes áreas das ciências naturais. Este espaço também é diariamente frequentada pela equipa da VERDE, que usa assim várias estruturas do município para a gestão diária do trabalho da sua equipa no concelho de Lousada. A poucos metros de distância, mais concretamente no lado oposto da estrada situa-se o canil e o viveiro municipal. O viveiro conta com cerca de 6400 m² e 3 estufas, é usado por vários funcionários do município, incluindo a equipa da VERDE e os seus voluntários (Figura 2). É a partir deste ponto que saem as plantas que vão ser plantadas em diferentes espaços verdes do município, das juntas de freguesia e outras entidades como as escolas. Num dia normal podemos ver os colaboradores no viveiro a realizarem atividades como estacas, sementeiras, transplantes, envasamentos e sementeiras, dando-se preferência pela utilização de plantas tanto endémicas como autóctones desta região e do país (Câmara Municipal de Lousada, 2015).



Figura 2- No lado esquerdo encontramos o Ecocentro e a Ecoteca e no lado direito situa-se o canil e o viveiro municipal. Imagem retirada do Google maps.

Os primeiros contactos com a rotina diária da VERDE e inevitavelmente de alguns dos funcionários do município, podem ser um pouco confusos no que respeita à distinção dos colaboradores consoante a sua entidade empregadora. Isto porque para além de a VERDE trabalhar no mesmo espaço que alguns dos funcionários do município, estas duas organizações são parceiras em diversos projetos como, Plantar Lousada e os Gigantes Verdes. Para um voluntário ou estagiário que esteja a ajudar a associação nas suas tarefas diárias é inelutável que venha a realizar tarefas juntamente com colaboradores do município. Existem casos inclusive, de pessoas que trabalham para a câmara e que são voluntários na VERDE. Esta sinergia entre pessoas, conhecimentos e ideias é uma mais-valia para ambas as entidades, em especial para a VERDE. Sem a ajuda do município, não existiriam todos os recursos e a assistência necessária para a sua rápida progressão na sua figuração atual. E sem a VERDE, o município não teria o desenvolvimento de alguns projetos feitos em parceria com a mesma, como o Carbono Biodiverso que pela sua tipologia dificilmente seria implementado pelo mesmo. Com o objetivo em comum de propagar os ideais da ecologia e chegar ao maior número de pessoas e espaços de atuação, uma parceria e a manutenção de boas relações só vem reforçar os objetivos que têm em comum. Não obstante, qualquer relação humana pode ser atravessada por dificuldades

relacionais e conflitos internos que têm um potencial de desequilibrar a constituição de um ambiente de trabalho agradável, empático e colaborativo. Logo é de extrema importância que os vínculos entre os colaboradores destas entidades sejam mantidos e trabalhados para que a relação entre os mesmos não afete a qualidade do trabalho desenvolvido. Dentro da VERDE as relações são reforçadas através de convívios fora da hora de trabalho entre os trabalhadores, mas também possíveis voluntários e estagiários. Existem ainda reuniões semanais e mensais (com objetivos diferentes) entre os colaboradores da associação de modo a fazerem o ponto de situação do trabalho, trocar ideias e resolver possíveis conflitos. Estes encontros ajudam a criar um maior envolvimento entre os trabalhadores, produzindo uma relação mais próxima com a equipa. O mesmo acontece com os voluntários e estagiários que estejam a trabalhar no concelho. Normalmente a reunião é feita todas as semanas apenas com um colaborador da VERDE, servindo para saber como estes se sentem, como está a correr o trabalho e quais os possíveis problemas a serem ultrapassados. A inexistência de uma ou mais reuniões pode levar a uma acumulação não verbalizada de sentimentos menos positivos, frustrações e dificuldades não partilhadas. Daí ser fundamental cumprir temporalmente na regularidade necessária esta iniciativa para reforçar uma relação harmoniosa e satisfatória entre as pessoas e com o trabalho.

4.1.2. Manifesto: visão e a sua aplicabilidade

A VERDE pretende através das suas ações ajudar na conservação e preservação dos ecossistemas pela valorização do território envolvendo a comunidade nesse desejo. Aplicando estratégias com ações rigorosas, estudando e respeitando os padrões e ciclos naturais da natureza, as suas intervenções são restritas ao estritamente necessário com o objetivo de atingir o máximo de resultados benéficos. Através do seguinte manifesto constituído por oito premissas, podemos conhecer a sua visão e valores pelos quais se guiam. Deveremos ter em atenção que todos os eixos apresentados se interligam entre si trabalhando em sinergia.

Manifesto da VERDE

1. A VERDE quer valorizar o território e os seus elementos naturais;

A valorização do território e dos seus elementos naturais é visível em cada uma das ações implementadas pela associação. Pode ser através da criação de inventariados de árvores de grande porte ajudando assim a preservá-las, reconhecer a importância da madeira morta que é essencial para a manutenção da floresta ou a transformação dos excedentes como a bolota num subproduto que pode ser comercializado produzindo um possível rendimento económico extra.

O aumento do conhecimento que temos sobre determinados elementos naturais ou uma área, evidência um viável potencial dos mesmos em diferentes termos como por exemplo ecológicos ou económicos, através de uma gestão coerente e eficiente colocada em prática.

2. A VERDE quer trabalhar para restaurar e regenerar os locais e a paisagem onde a biodiversidade a preservar está inserida;

A valorização do território e dos seus elementos naturais através de ações concretas como exemplificamos na alínea 1, é feita através dos princípios da restauração e regeneração. Não é um objetivo primário criar comunidades biológicas do zero, mas sim por um lado identificar locais onde já existe um alto nível de biodiversidade que deve de ser preservado e mantido ou zonas com potencialidade para aumentar o seu nível de biodiversidade. Deve-se de restaurar, regenerar e aumentar a biodiversidade já existente nos locais de intervenção.

3. A VERDE quer trazer uma visão holística e integrada ao conceito de preservação da natureza;

A origem etimológica da palavra holismo vem da raiz grega *hólos*- que significa “todo ou tudo aquilo que se encontra completo” (Russell, 2016). Trata-se assim de uma abordagem que acredita que todas as coisas são um todo que é mais importante que as partes que constituem esse mesmo todo. Esta visão pode ser integrada em diferentes disciplinas. Na antropologia existem perspetivas como o funcionalismo, estruturalismo ou a antropologia ambiental que usam vincadamente esta abordagem (Barnard & Spencer, 2005). Podemos considerar a antropologia como uma disciplina holística quando esta pretende compreender as inter-relações entre os diferentes aspetos da sociedade e cultura (Eriksen, 2015). Quando a VERDE afirma que quer trazer uma visão holística e integrada ao conceito de preservação da natureza, não significa que abandona ou desvaloriza o estudo de elementos isolados. Pelo contrário, muitas iniciativas focam-se em pequenas unidades de análise, ou seja, elementos individuais. No entanto, é a ânsia de chegar a vias inteiras que abarcam todos esses elementos isolados, é nesse todo que encaminha a prosperidade de todos os sistemas vivos de forma integrativa, que se centraliza o objetivo comum de chegar-se a uma mudança profunda e transformativa desse imaginário total. Este desejo é visível através da diversidade de iniciativas que produzem em diferentes escalas e com diferentes objetivos, mas que no final se interligam através de uma intenção comum.

4. A VERDE pretende criar soluções palpáveis, urgentes e realistas em prol da preservação da biodiversidade;

Mediante o que pode ser realizado no presente, com os recursos já existentes, a VERDE não espera pelo momento ideal para agir, nem pela disponibilidade de todos os recursos necessários. A associação não se limita apenas a ideias e reflexões; ela coloca em prática os conhecimentos que adquire ao longo do tempo, interligando a exploração prática com a exploração teórica.

5. A VERDE considera fundamental elevar e empoderar a comunidade na proteção e regeneração dos elementos naturais da sua paisagem;

É fundamental e altamente relevante envolver a comunidade em tais projetos. Além de compartilhar conhecimento entre técnicos que aprendem com os locais e vice-versa, é necessário adotar um modelo plural que englobe diversas vantagens, superando uma abordagem unilateral. Permite a envolvimento, a partilha e construção de ideias elevando os níveis de literacia ambiental de ambos os lados, criando as ferramentas necessárias a uma mudança individual e coletiva. Para além das várias iniciativas que a VERDE disponibiliza com diferentes durações abertas a qualquer pessoa que queira aprender mais, a associação não espera que sejam apenas as partes interessadas a irem à sua procura. No projeto Gigantes Verdes a associação vai muitas vezes ao encontro dos proprietários e mesmo que estes pareçam um pouco reticentes, muitas vezes por medo e falta de conhecimento, existe uma insistência saudável e paciente em transmitir a informação e dar o conhecimento necessário para que os cidadãos possam escolher fazer parte destas iniciativas ou não.

6. A VERDE pretende criar mecanismos de remuneração direta e indireta de apoio à conservação e preservação da natureza;

Um exemplo notável disso é o Carbono Biodiverso, o primeiro projeto em Portugal de compensação de carbono através da preservação de árvores de grande e médio porte, bem como da plantação de novas árvores e da intervenção em territórios designados para a restauração e preservação de habitats. Instituições e indivíduos que queiram compensar a sua pegada ecológica podem contribuir monetariamente para a preservação e plantação da biodiversidade florestal no concelho de Lousada. O dinheiro armazenado é assim distribuído de várias formas, através de plantações de árvores ou numa remuneração que pode ser direta ou indireta dos proprietários que possuem árvores de grande e médio porte. Uma remuneração direta pode ser dar o dinheiro ao proprietário para que este o possa usar no que a árvore necessitar e indireta através da prestação de serviços dados pela associação (VERDE, 2021). Um outro exemplo um

pouco diferente dos apresentados até ao momento, que promove mecanismos de remuneração de apoio à conservação e preservação da natureza foi o recente e primeiro concurso Árvore do ano de Lousada em 2023, lançado pela VERDE, em parceria com o município e com a ajuda da Associação Empresarial de Lousada. Os primeiros três finalistas, foram premiados com um valor monetário distribuído em formato de vale de oferta. Esta iniciativa para além de promover o arvoredo de grande porte de Lousada e de incentivar a sua conservação e preservação, cria um mecanismo de remuneração controlado e cíclico uma vez que os vales de oferta são aplicáveis em serviços prestados pela VERDE ou em determinadas lojas do comércio tradicional local do concelho de Lousada (VERDE, 2023).

7. A VERDE pretende integrar a conservação da natureza no território, trabalhando questões ambientais, mas também sociais e económicas, desenvolvendo modelos de negócio sustentáveis e sem fins lucrativos, investindo no território e no crescimento da atuação da associação;

Uma iniciativa que está a ser pensada e inicialmente em desenvolvimento pela VERDE, prende-se com a tentativa de criação de um modelo agroflorestal em conjunto com a comunidade local. Um sistema agroflorestal integra intencionalmente em simultâneo ou em sequência vegetação lenhosa como árvores e arbustos juntamente com culturas agrícolas e/ou animais, numa unidade de terra como uma exploração agrícola ou paisagem podendo assumir diferentes escalas. Este sistema junta a silvicultura com a agricultura e os seus objetivos podem ser variados, existindo o potencial de produzir sistemas integrados que promovam objetivos ambientais e socioeconómicos (Castle et al., 2022). Apesar da potencialidade de tal intenção, o que constitui o ideal de uma agrofloresta no ponto de vista de uma associação ambiental, pode não estar em ressonância com os ideais de certos cidadãos. Possíveis diferenças de perceções podem dificultar as parcerias entre agricultores, produtores ou proprietários locais com a associação ambiental. Para a VERDE pode fazer sentido usar maioritariamente plantas nativas e autóctones, enquanto os produtores convencionais preferem muitas vezes uma cultura agrícola de um único produto, dando preferência por certas plantas exóticas. A visão da associação em manter árvores e uma paisagem agrícola diversifica, poderá ser uma perceção diferente à que estão habituados. Os mesmos também podem querer obter rendimentos/resultados rápidos, o que talvez seja incompatível com os processos de crescimento ou de lógica do sistema agroflorestal, assim esses mesmos processos poderão ser mais lentos do que as expectativas criadas (Ollinaho & Kröger, 2021). É imprescindível que se encontre um balanço, através de uma abordagem de desenvolvimento em força, onde se retire o melhor dos conhecimentos dos

dois lados sem existir uma imposição restrita. Este projeto ainda em esboço, não trabalha apenas questões ambientais, incluindo também possíveis rendimentos extras para os locais através da inclusão de medronheiros que ao fim de cinco anos começam a dar fruto e do qual o excedente possa ser usado para produzir licor ou aguardante. Para além do medronheiro, outros produtos de eleição para o escoamento de produção é a bolota e a flor de sabugueiro. Iniciar um projeto como este é algo que exige bastante pesquisa e requer partilha de conhecimento e instrução dos locais, uma vez que estes talvez desconheçam o sistema agroflorestal ou certos métodos produtivos e de transformação de excedentes. A educação representa assim um papel central para a sensibilização e aceitação destes métodos (Pantera et al., 2021). A longo prazo a implementação de um projeto com estas intenções, poderá ajudar vários cidadãos a criarem pequenos modelos de negócios sustentáveis, contribuindo também para o crescimento e desenvolvimento do território local e para uma atuação mais abrangente da associação.

8. A VERDE procura ser futuro agindo no presente e propor-se a uma aprendizagem constante. Quer por isso, estar aberta a todas as ideias que ainda vão surgir, a todos os conceitos que vão ter de ser revistos, a todas as estratégias que ainda vão ser inventadas e ajustadas, a todas as descobertas que vamos ter a sorte de fazer para que a nossa ação seja sempre e ainda mais VERDE.

Apesar de ser uma associação recente, a VERDE já realizou uma notável quantidade de iniciativas e demonstra uma diversidade notável na temática das mesmas. Assumir a consciência que esta é uma vivência de aprendizagem contínua, e que os resultados observáveis até ao momento são o início de um longo processo de constante aperfeiçoamento, é um dos eixos fundamentais para se criar um movimento transformativo e regenerativo. Sem um sentido coerente de missão, abertura para uma evolução constante e motivação contagiante, dificilmente a visão holística e integradora apresentada poderá contribuir com um impacto positivo para uma ligação mais harmoniosa entre todos nós e a natureza envolvente.

4.3. Caminhos que se cruzam dentro e fora da associação

A VERDE tem o privilégio constante de contar com várias pessoas disponíveis para doarem o seu tempo e ajudar a associação nas suas múltiplas atividades. Enumeramos assim todos os elementos que acreditamos fazer parte da VERDE, independentemente do número de horas dispensadas a ajudar ou a forma como escolhem cooperar e divulgar a missão da associação:

- **Membros da equipa** - São os colaboradores que constituem a equipa da VERDE, nem todos trabalham ou residem em Lousada;
- **Voluntários** - Indivíduos singulares de diferentes nacionalidades, grupos de colaboradores de empresas ou outras organizações parceiras. Existem várias modalidades de atividades para os voluntários como os dias Verdes, de periodicidade quinzenal aos sábados de manhã abertos à comunidade geral ou o voluntariado pontual. Em ambos é comum aparecerem pessoas de longe para ajudar. Voluntariado corporativo dedicado a grupos específicos como empresas ou o banco de voluntariado local (para participarem nas tarefas do dia a dia) que normalmente traz interessados que vivem em localidades mais próximas. Assim a temporalidade das modalidades pode variar desde um dia, a algumas semanas ou meses. Para finalizar, existe ainda a modalidade de voluntariado de curta e longa duração, onde os voluntários ficam a ajudar a associação nas suas atividades quotidianas e têm direito a alojamento no concelho de Lousada;
- **Estagiários** – Designação dada a quem desenvolve um projeto curricular ou uma tese com a VERDE em diferentes áreas do saber. Participam nas atividades diárias com o acréscimo de foco numa temática de pesquisa específica. Os estagiários e voluntários de longa duração ficam alojados na mesma residência;
- **Parceiros** – A VERDE tem várias parcerias, a mais visível é a colaboração contante com a Câmara Municipal de Lousada;
- **Guardião de Gigantes** – Todas as pessoas ou entidades coletivas que pretendem compensar a sua pegada ecológica através dos projetos Gigantes Verdes e Carbono Biodiverso;
- **Cuidadores de Gigantes** - Todos os proprietários, gestores ou arrendatários de terrenos com árvores de grande ou médio porte. Autorizam a VERDE a preservar e cuidar dos elementos naturais presentes nas suas propriedades através do projeto Carbono Biodiverso;
- **Comunidade local** – Pessoas que residem em Lousada ou nos seus arredores. Participam, acolhem ou ajudam na divulgação e crescimento das iniciativas da associação;
- **Sócios e doadores** - Todos aqueles que se tornam membros da VERDE e que pagam uma quota ou que fazem uma doação monetária;
- **Comunidade online** – Comunidade online que partilha os mesmos valores e interesses que a associação, ajudam maioritariamente na divulgação e crescimento online.

As atividades de campo normalmente acontecem no concelho de Lousada. Contudo existem iniciativas que podem ter lugar noutros locais, como é o caso das caminhadas para descobrir árvores monumentais. Em 2022 a associação afirma ter recebido um total de 410 voluntários que disponibilizaram 8743 horas. Um total de dezoito voluntários de longa duração de cinco nacionalidades diferentes e realizaram quatro atividades de voluntariado com colaboradores de empresas e outras organizações parceiras onde participaram 79 pessoas. Um dia normal de trabalho na VERDE como voluntário de longa duração ou estagiário pode variar bastante. Normalmente a equipa cria um plano semanal, no entanto o planeamento é flexível uma vez que poderá sofrer alterações, devido a imprevistos ou surgimento de novas tarefas prioritárias. Da mesma forma nem todos os voluntários têm que fazer as mesmas tarefas, nem estar com os mesmos membros da equipa da VERDE ao mesmo tempo. Um dia de trabalho começa por volta das 9h da manhã, quando um membro da equipa vai buscar os voluntários ao apartamento. Seguem para o ecocentro, onde estão as ferramentas necessárias para as atividades do dia. Caso esteja a chover o trabalho é feito em locais fechados, como no horto ou na sede da BioEscola na Casa das Videiras a ajudar com as tarefas diárias. Sem chuva as atividades são realizadas ao ar livre, habitualmente nos terrenos de atuação da VERDE (Figura 3).

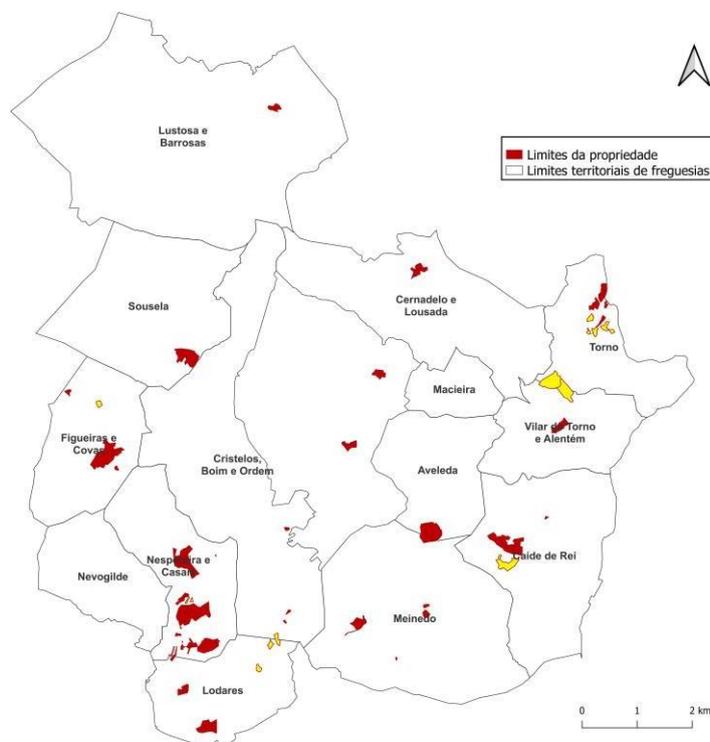


Figura 3 - Mapa da localização das propriedades onde a associação VERDE atua, os limites a amarelo são os locais onde existe protocolo entre a associação e o proprietário. Mapa cedido pela VERDE.

As tarefas são múltiplas desde a caracterização e monitorização de Gigantes Verdes e outras estruturas naturais, controlo de plantas exóticas e invasoras, limpeza e manutenção das caldeiras das plantas ou a construção de abrigos para promoção de biodiversidade. A equipa de voluntários/estagiários volta ao apartamento durante a hora de almoço, porém com bom tempo podem optar por ficar no terreno de trabalho a almoçar, encurtando a hora de pausa e finalizando o dia mais cedo. Durante a tarde, as tarefas podem ser outras, como a preparação de uma plantação ou visitar proprietários de árvores de grande porte para discutir ideias, assinar contratos ou fazer a caracterização do terreno e das árvores presentes. O horário de trabalho termina por volta das 17 horas. Quem está a desenvolver pesquisa tem sempre pelo menos uma manhã ou um dia livre durante a semana, normalmente à segunda-feira, dedicado à escrita ou pesquisa das suas investigações.

No capítulo 2 enumeramos algumas das motivações que impulsionam a participação em atividades de voluntariado desde a aprendizagem a respeito da natureza envolvente, desenvolver novas ferramentas pessoais ou produzir um contributo positivo à sociedade e ambiente. Acrescentamos ainda outros impactos positivos produzidos pela realização de tarefas ao ar livre, desde a possibilidade de fazer atividade física, contacto com outras pessoas e fazer parte de uma comunidade e fortalecimento de uma rede. Todos estes estímulos produzem melhorias físicas e mentais nos participantes e ajudam na criação de comunidades locais mais unidas, resilientes e sensíveis aos problemas ambientais, podendo mesmo levar a mudanças comportamentais individuais e coletivas (Nuutila, 2022). A ideia por trás do conceito *biofilia* é bastante antiga, no entanto o termo foi usado pela primeira vez pelo filósofo humanista, psicanalista e sociólogo alemão Erich Fromm e mais tarde difundido na obra *Biophilia* em 1984, escrita pelo biólogo e entomólogo americano Edward Wilson. O termo de forma estrita expressa o amor que temos pela vida e/ou pelas coisas vivas. Usado para referir a necessidade que o ser humano tem em estar em contacto com o meio natural, vários estudos seguiram esta linha de pesquisa revelando que o contacto com a natureza envolvente promove efeitos positivos na saúde, reduzindo o stress e a irritabilidade, proporcionando o bem-estar humano (Grinde & Patil, 2009). Apesar dos múltiplos benefícios que as atividades ao ar livre e em contacto da natureza produzem nas pessoas e comunidades locais, estas nem sempre foram vistas como um elemento favorável no que diz respeito à sua participação na gestão e conservação dos recursos naturais. Não é fácil encontrar uma definição exata para o conceito de comunidade, ideia essa objeto de ampla atenção e estudo dentro das ciências sociais. Uma das tentativas mais conhecidas para esclarecer o termo foi realizada pelo antropólogo americano Robert Redfield, que identificou quatro conceitos-chave: "... a smallness of social scale; a homogeneity of

activities and states of mind of members; a consciousness of distinctiveness; and a self-sufficiency across a broad range of needs and through time.” (Barnard & Spencer, 2005: 173). Porém, consoante as diferentes abordagens adotadas na antropologia ao longo da História como o funcionalismo, estruturalismo, evolucionismo, entre outras, a contextualização e interpretação da definição de comunidade altera-se.

A consciência comunitária em relação à importância da conservação dos recursos e elementos naturais tem aumentado mesmo com os avanços e impactos do capitalismo, que vai além de ser um mero sistema económico. É uma forma de organizar as relações humanas com a natureza envolvente. Pode apresentar diferentes bases de formação desde interesses religiosos, étnicos, ambientais ou a ânsia por um específico futuro utopista. Uma comunidade será assim composta por um grupo e um meio social no qual os seus constituintes pertencem ou desejam pertencer por variadas razões. O crescimento demográfico que elegivelmente leva a um aumento de consumo, ampliando a pressão sobre os recursos naturais, cria a ideia de oposição entre os objetivos da comunidade local e da conservação (Agrawal et al., 1999). A conservação demanda a proteção de recursos e elementos ameaçados. Uma vez que os humanos necessitam e dependem destes recursos, procedem assim à sua obtenção sem limites levando à degradação e exploração massiva dos mesmos. Os humanos sempre modificaram os ecossistemas, no entanto a expressividade com que isto acontece nas últimas décadas é alarmante. Como o escritor Raj Patel e o professor de História e geógrafo Jason Moore nos lembram:”...alguns seres humanos estão a matar tudo, desde megafauna a microbiota, a taxas cem vezes superiores à taxa normal de extinção.” (Patel & Moore, 2018: 14). Esta citação, enfatizando a palavra “alguns”, lembra-nos que não temos todos o mesmo impacto e que os Estados e muitas empresas também têm muitas vezes um papel extremamente destrutivo e preponderante na degradação ambiental. Se as comunidades locais forem profundamente afastadas dos processos de conservação do meio ambiente e dos recursos naturais, inevitavelmente os Estados, o mercado e a propriedade privada assumem maioritariamente esse controlo. Nestes casos se forem adotadas práticas bastante restritas da tipologia *top-down* (sistema de governação ou gestão onde as medidas tomadas são iniciadas no mais alto nível hierárquico), as comunidades locais frequentemente deixam de ser ouvidas e envolvidas com a regularidade merecida nestes processos (Agrawal et al., 1999). Será que muitas vezes as comunidades locais são incentivadas a utilizar ou gerir os recursos/elementos naturais e territórios de forma insustentável? É possível que através de um maior envolvimento da comunidade local na gestão da natureza envolvente, os possíveis benefícios que se possam originar ampliem e mantenham a sua envolvimento? As organizações ambientais podem servir como um motor de assistência no apoio das necessidades

não assistidas ou na elevação da voz destas comunidades e pessoas.

Na associação VERDE, apesar de a sua atuação ser no concelho de Lousada, os encontros acontecem, dentro e fora da sua sede, em diferentes terrenos e propriedades, em caminhadas noutros concelhos, nas salas de reunião e em plataformas online. Como propôs o antropólogo Laur Kiiik: “When we try mapping the actors who make up the social world of any single conservation project, we find not a ‘land’ – a territory – but people living, moving and relating across the world.” (Kiiik, 2018: 23). Assim os caminhos que motivam à participação da gestão e conservação da natureza envolvente, cruzam-se para além das fronteiras físicas e terrestres dos lugares de atuação. Encontram-se em indivíduos singulares ou coletivos com diferentes particularidades filosóficas, posicionamentos, dialetos e idades, que se movem pela partilha do desejo fecundo de viverem em paisagens múltiplas que partilham diferentes diálogos com várias espécies.

Diferentes exemplos de relações simbióticas entre seres humanos e árvores

“In a multispecies, multicultural world of life, dialogue is not a single-species Project.” Deborah Rose (2013: 9)

5.1. Partilhar o mundo com outros seres: o que as árvores podem ensinar

Sócrates e Fedro (personagens no diálogo filosófico *Fedro*, escrito por volta do ano 370 a.C.) caminham para fora de Atenas, com a intenção de analisar um discurso que Fedro tinha acabado de ouvir do seu amigo Lísias sobre o Amor. Nas obras do pensador grego Platão, não é habitual os diálogos ocorrerem fora da cidade. Após as personagens caminharem um pouco e escolherem a sombra de um longo e grandioso plátano para se sentarem a discutir em conjunto o texto, Sócrates prossegue a uma aclamação tão exaltante sobre o local de paragem que Fedro o questiona por este parecer completamente estranho ao local e paisagem de paragem. Sócrates retorquiu, desculpando-se por ser alguém que gosta de aprender, alegando que “O campo e as árvores nada têm a ensinar, ao contrário dos homens da cidade.” (Platão, 2016: 79). O que levou Platão a direcionar as personagens para fora dos muros da cidade? Mesmo que a mente de Sócrates e Fedro esteja ocupada com o ato de reflexão de diferentes questões ligadas à dimensão humana, como o amor ou a arte da retórica, será que o ofício pelo amor do saber dissocia-se do local escolhido para ser praticado? Neste diálogo filosófico, não faltam metáforas, figuras de estilo e a utilização regular de mitos. Como colocou o professor brasileiro de Teoria da Literatura Adalberto Müller: “Num ponto-chave do diálogo, as cigarras que cantam no plátano se transformam no tema do mito de Platão, que iguala a sua bela canção com a voz da filosofia.” (Müller, 2022: 66). Posteriores escritores e pensadores refletem a respeito do significado desta espécie de árvore no diálogo platónico, como é o caso do professor italiano de Clássicos e História Antiga Andrea Capra que explora diferentes dimensões míticas, biográficas ou mesmo a associação onomástica entre o nome plátano com Platão (Müller, 2022). Capra afirma que não se deve negar a importância que a paisagem natural assume na obra em causa (Capra, 2015). O mundo natural ao longo da história humana ocupou sempre um lugar de inspiração e ensino, instruindo-nos não só sobre o que encontramos à nossa volta, mas também sobre nós e a relação com o que nos envolve. Como coloca o filósofo e ecologista americano David Abram, negar a importância dos elementos naturais é negar a partilha de um mesmo mundo com eles: “Definir o fenómeno como um objeto inerte, negar a capacidade de uma árvore informar e até instruir a

nossa consciência, é ter desviado os sentidos desse fenómeno. É pensar a árvore fora do seu mundo, ou melhor, de fora do mundo que tanto a pessoa como a árvore compartilham ativamente.” (Abram, 2007: 120).

Durante uma conferência sobre “Árvores e Madeira como Símbolos Sociais” em 1996, uma questão foi levantada: “Para que fins simbólicos foram as árvores utilizadas?”. Em resultado desta interrogação surgiu o livro: *The Social Life of Trees: Anthropological Perspectives on Tree Symbolism* editado pela primeira vez em 1998 pela professora de antropologia e desenvolvimento na Universidade de Oxford Laura Rival. A partir da sua leitura percebemos o potencial exploratório para a disciplina da antropologia, sobre a possível interpretação do simbolismo das árvores em diferentes culturas e nos processos sócio ecológicos. Também nos oferece a possibilidade de compreender melhor como é que os humanos concetualizam os processos naturais (fenómenos físicos e químicos que originam modificações na superfície do planeta) e classificamos o mundo natural que nos rodeia. Como Laura Rival explica na obra, não se procura criar uma objetividade real e única que explique um “simbolismo da árvore”, esta designação é usada com a consciência de que tal abarca diferentes tipos de conhecimento, escapando a uma análise global. No final da conferência pode-se perceber que a árvore, é recorrentemente associada à autorregeneração, à força orgânica da vida e vitalidade usada muitas vezes para simbolizar a existência humana e a sociedade. No entanto, não se pode afirmar que estas associações feitas a este ser aconteçam em todo o lado. Para se pensar em validar tal hipótese seria necessário reunir muito mais material comparativo e mais pesquisas sobre os diferentes sistemas de significados existentes em todo o mundo (Rival, 2020). Algo que une grande parte das etnografias expostas no livro é o facto de as árvores serem usadas de forma simbólica para tornarem mais consistentes as noções tantas vezes indefiníveis e abstratas sobre a ideia de vida. Podemos assim encontrar um agrupamento de diferentes perspetivas e etnografias, tal como diferentes formas de abordar a simbologia que nos ajudam a perceber as possibilidades que tal tópico de pesquisa nos permite explorar. Exemplos de tal é o facto de as árvores serem muitas vezes utilizadas em rituais para marcar o ciclo da vida, são modelos perfeitos para conexões genealógicas e são várias as analogias que podemos encontrar entre as árvores e o corpo humano através de manifestações lexicais. Estas também podem ser usadas para simbolizar coletivos políticos, ativistas e ecológicos ou podem mesmo auxiliar na construção de planos sustentáveis e implementação de políticas de conservação.

Estes elementos naturais, tendo sempre em atenção que nos referimos em especial à árvore, ligam-se às pessoas através de diferentes meios e valores como os sistemas socioeconómicos, ou valores biológicos, históricos, estéticos, espirituais e culturais, permitindo-nos pensar a

respeito de diferentes dimensões. Tal como Sócrates e Fedro que caminham numa paisagem natural a fim de exercerem o ato de reflexão, também biólogos, conservacionistas, agricultores, extractivistas ou simplesmente amantes da natureza, fazem caminhadas com diferentes intenções, mas sempre através de uma relação especial entre o lugar escolhido e a ocupação praticada.

5.2. Gigantes Verdes e as pessoas

No capítulo 3 introduzimos que o projeto Gigantes Verdes foi um dos impulsionadores para o nascimento da associação VERDE. Os Gigantes Verdes são assim caracterizados como árvores de grande porte, com um tronco superior a 150 cm de perímetro, medido a 130cm de altura do solo (mais ou menos à altura do peito). Num vocabulário menos técnico é uma árvore que já não é possível ser abraçada por uma pessoa adulta. Para que estas árvores de grande porte (AGP) sejam preservadas o projeto criou a seguinte estratégia tendo como base estes três pilares:

- **Recolha de informação** - Levantamento e registo contínuo do número de Gigantes Verdes existentes em Lousada e das suas características como: estado de saúde; perímetro à altura do peito; altura total; espécie; riqueza de microhabitats; podas efetuadas e a sua periodicidade; estado circundante, ou seja, se estão agrupadas, alinhadas ou isoladas de outras árvores; dados relativos ao terreno onde se situam e do seu possível proprietário. A recolha de dados teve início no ano de 2018 e conta até ao momento com a identificação de 7400 gigantes verdes (GV) no concelho (Figura 4). Desde esse período até ao momento atual percebeu-se que pelo menos 560 AGP foram cortadas. Segundo dados partilhados pela associação, isto dá uma média de 2% de perda ao ano, sendo que o desaparecimento tem como causa principal a mão humana. A VERDE compartilhou também que existem 369 hectares de floresta nativa no concelho, e desde 2018 dissiparam-se 22 hectares, dando uma média de desaparecimento de 1,5% ao ano;
- **Envolvimento Pessoal** – Após um levantamento exaustivo e sólido de informação a associação percebeu que pelo menos 82% das GV estão em propriedades privadas. Desta forma para ser possível a sua proteção e preservação é essencial o envolvimento com os proprietários;
- **Valorização** – Para preservar as GV é essencial proceder à valorização das mesmas através da implementação de diferentes ações como: utilização do Regulamento Municipal de Gestão de Arvoredo e dos Espaços Naturais criado pelo município de Lousada

desenvolvido especialmente para proteger as AGP e arvoredos nativos; criação de uma rota das GV; após o abate ou poda de uma árvore a madeira morta deve de ser valorizada; criação em conjunto com o município da monografia Gigantes Verdes apresentada pela primeira vez em Junho de 2023 onde expõem a história de 60 árvores monumentais do concelho; diversos apoios à gestão destas árvores e do território onde se localizam.

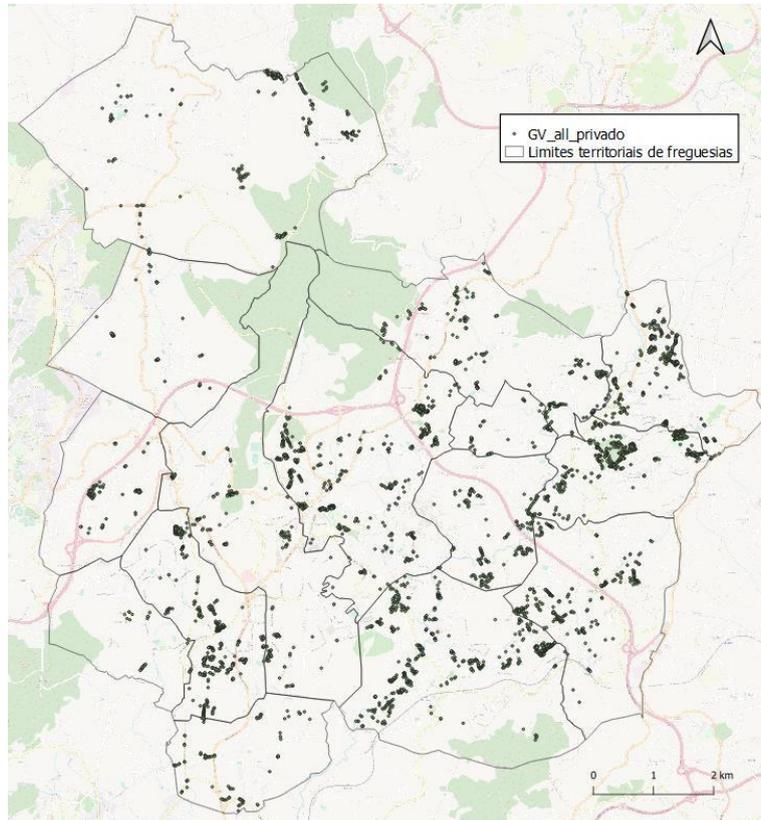


Figura 4 - Mapa da distribuição dos Gigantes Verdes no concelho de Lousada. Mapa cedido pela VERDE.

A VERDE atua assim muitas vezes como mediador para preservar as GV, estando em contacto direto com os proprietários. A salvaguarda destas árvores poderá ser feita através da celebração de um contrato entre a associação e o proprietário, assumindo este a posição de Cuidador de Gigantes. Após demonstrar interesse em assumir a posição e reunidas todas as condições necessárias, o acordo poderá ser selado com uma duração mínima de 10 anos. Este período pode ser renovado ou dissolvido por exemplo em casos onde o Cuidador tenha cometido um ou vários incumprimentos como o abate de uma árvore sem a notificação e aprovação da VERDE, aplicação de produtos químicos ou a realização de podas não necessárias. O Cuidador pode usufruir de diferentes benefícios desde o apoio na gestão das árvores e do seu terreno, ajuda monetária num máximo de 100 euros ao ano por árvore, avaliação do estado de saúde das mesmas e contacto próximo com a associação com acesso a

diferentes oportunidades de ações ligadas ao restauro ecológico. Recentemente a VERDE incluiu no contrato o apoio financeiro e técnico a árvores nativas de médio porte (tronco superior a 30 cm e inferior a 150 cm, sempre médio à altura do peito), salvaguardando futuras GV.

O projeto Gigantes Verdes foi incluído no projeto Carbono Biodiverso. Consequentemente o segundo fornece grande parte do financiamento dado aos Cuidadores de Gigantes que é financiado pelos Guardiões de Gigantes. O contrato de cogestão entre a associação e os Cuidadores assentam em duas tipologias. Financiamento direto ao Cuidador ficando este a cargo da gestão e preservação das árvores e do terreno onde as mesmas se localizam, ou financiamento que fica na posse da entidade coordenadora, neste caso a VERDE, ficando responsável pela gestão. Poderá fazer sentido, consoante a tipologia do local de ação criar mais do que um contrato com diferentes especificações. A associação conta com três contratos celebrados e é espectável que este número aumente nos próximos meses. Embora existiam vários proprietários elegíveis, o processo desde a primeira visita até à celebração do acordo é relativamente demorado. É essencial trabalhar a relação entre ambas as partes para se ganhar confiança. Desde o primeiro contacto até à assinatura do contrato, pode demorar pelo menos um ano. É fundamental que os futuros Cuidadores conheçam as intenções da associação, e uma vez que o projeto é único no país e com poucos anos de existência, é extremamente importante que a informação seja bem passada e compreendida. Para além disto, o facto de o contacto direto com os mesmos seja feito praticamente apenas por um único trabalhador, acrescentando um antecedente e sólido levantamento de dados sobre os terrenos e as árvores, prolonga ainda mais o processo.

As árvores de grande porte podem ser encontradas tanto em espaços florestais como em zonas urbanas ou campos agrícolas. No entanto, o seu declínio em diferentes partes do mundo é notório e acelerado, produzindo vários encadeamentos com diferentes implicações negativas para a biodiversidade e a integridade dinâmica dos ecossistemas. A integridade dos ecossistemas define-se pela capacidade dos mesmos de manterem as suas estruturas e funções, através da utilização de diferentes processos e elementos específicos da sua área ecológica e geográfica (Blatter et al., 2017).⁹ O declínio das árvores produz graves consequências para

⁹ A definição deste conceito não é unânime, e, apesar de haver certos pontos em comum entre as várias definições, Yasha Rohwer professor no departamento de Humanidades e Ciências Sociais do Instituto de Tecnologia de Oregon e a escritora ambientalista Emma Marris, ambos americanos, defendem que a integridade ecológica não é um conceito adequado à biologia da conservação e restauração. Consideram que muitas das definições não incluem as perdas de valor que acontecem quando os ecossistemas mudam. Afirmam que a ideia de integridade é: "... an artifact of the brevity of human lives and the

os ecossistemas, em que estas são essenciais para a produção de oxigénio, captura de carbono, ajuda a controlar o regime hidrológico e regulação das condições atmosféricas. Geralmente uma árvore adulta tem maior capacidade de produção, captura ou regulação de diferentes elementos, comparativamente a uma árvore jovem ou de menor dimensão. Disponibilizam ainda sombra, matéria-prima e alimento, arrefecem o solo, removem poluentes, servem de habitat para os mais distintos seres vivos e ajudam a evitar cheias (Moreira, 2019). Contudo, é necessário preservar árvores de médio e pequeno porte, que também têm um impacto positivo na captura de carbono atmosférico e noutros fatores importantes para um ecossistema saudável e subsequentemente poderão vir a ser futuras AGP. Como colocou o atual presidente da VERDE é necessário criar: “... mechanisms to impede the cut of these trees on a long term and promote the grow of smaller trees to reach larger dimensions and consequently develop heterogenic TreMs compositions.” (Moreira, 2019: 42).¹⁰

Ainda assim, apesar de as plantações de árvores serem de extrema relevância, é preciso reforçar a ideia de que o valor de uma árvore plantada, não deve de ser equiparado ao valor que existe numa árvore adulta (Pennisi, 2022; The Morton Arboretum, 2022; Woodland Trust, n.d.). A capacidade de armazenar carbono ou produzir oxigénio é bastante inferior, comparativamente a uma estrutura natural de maior porte. Será que em casos de grandes áreas devastadas, que à posteriori são massivamente plantadas, poderão ser consideradas nos seus primeiros anos de crescimento e dependendo da organização apresentada e da variedade de espécies “green deserts” (Wang et al., 2022), uma vez que os seus índices de biodiversidade são extremamente baixos comparativamente a florestas adultas? Não desvalorizamos de todo a importância da reflorestação, uma vez que é uma das formas mais rápidas para restaurar a biodiversidade de um determinado local. Contudo alegamos que é uma solução entre muitas outras e é importante entender que as florestas plantadas (especialmente com poucos anos), não substituem as florestas primárias e que uma plantação feita num território com pouca

shallowness of our historical records.” (Rohwer & Marris, 2021: 1), uma vez que os ecossistemas, profundamente dinâmicos no tempo e no espaço, são constituídos por complexas inter-relações. Advertem ainda para o risco deste mesmo conceito poder direcionar a uma perigosa tentativa humana de impossibilitar os ecossistemas de se adaptarem às mudanças, comprometendo diferentes partes constituintes do mesmo. Pelo facto de a expressão ter um elevado grau de elasticidade linguística, decidimos incluir o adjetivo “dinâmico”, aumentando o leque de interpretações dentro do conceito de ecossistema apoiando as suas complexas características, múltiplas e muitas vezes imprevisíveis.

¹⁰ Tree-Related Microhabitats (TreMs), traduzido para o português como “microhabitats relacionados com as árvores”. São principalmente as árvores de grande porte que possuem estes microhabitats, como cavidades e ramos mortos que podem ser usados por outras espécies como alimento, esconderijo e nidificação. É assim um indicador importante de biodiversidade nos ecossistemas florestais.

diversidade natural não tem o mesmo impacto que uma plantação feita num local onde já existe alguma variedade de diferentes formas de vida com o intuito de aumentar ainda mais a biodiversidade do território. O ato de plantar, agrega assim a responsabilidade de cuidar, preservar e restaurar o que foi plantado e o que já existe. Somamos a isto a ação de cuidar dos mais variados organismos vivos e das próprias pessoas que habitam ou estão presentes nestes locais.

As ameaças sem precedentes para o declínio atual das árvores de grande porte são múltiplas, desde a sua morte natural, às mudanças climáticas ou interferências humanas. Como resultado de fenómenos naturais (que não significa que não tenham sido provocados ou agravados primariamente pela ação humana) apontamos as secas, incêndios, tempestades de vento, neve e gelo, cheias, pragas ou doenças como a podridão radicular (Machado Nunes Romeiro et al., 2022). Em relação às mudanças culturais e interferência humana é de salientar o abandono do uso do solo através de processos tradicionais, grande crescimento da agricultura moderna e da silvicultura ou a perceção crescente de ver as árvores como elementos perigosos, devido a possíveis alergias ou à queda de ramos e da sua própria estrutura (Moreira, 2019). Segundo o presidente da VERDE, Portugal ainda tem muito para fazer no que toca à defesa das AGP: “In this sense, Portugal needs to change the way it manages forests and particularly large tree, promoting better preservation and conservation measures.” (Moreira, 2019: 43). No concelho de Lousada muitas AGP foram abatidas devido à intensificação agrícola, para produzir mais milho e vinhas. Através do contacto da associação VERDE com os proprietários e outras pessoas que possuem GV, procedemos em seguida à partilha de um pequeno levantamento das motivações que levaram os mesmos a abater algumas das suas árvores. Foram partilhados argumentos como, produzem muito “lixo” (aglomeração de folhas no chão), “estavam a chatear”, a “estorvar” ou “não gosto muito dessa árvore” (pretexto dado num ambiente em que a pessoa em causa gosta de moldar a paisagem à sua maneira). Em acréscimo muitas são cortadas para lenha, rendimento pessoal ou por medo de queda danificando a casa ou o jardim. Para além de apresentarmos alguns relatos relacionados com a ação ou o desejo do ato de abater expandimos também para as podas e outras situações que podem ser consideradas pequenos desleixos ou atos negligentes menos harmoniosos com a natureza envolvente e outros seres. Reforçamos que vários casos são primordialmente motivados por questões que se sobrepõem a um real desejo de ferir elementos naturais vivos. Como problemas financeiros ou o simples facto de acharem que estão a tomar a atitude mais acertada. Incluímos ainda uma observação causada pelas perturbações humanas em geral e não por alguém em específico.

Notas e apontamentos I – diário de campo:

Durante a visita a um proprietário, percebemos que ele não possuía AGP na sua propriedade. A única árvore que talvez fosse de grande porte foi cortada, isto é perceptível porque havia o resto de um tronco cortado rente ao solo e nesse corte podíamos ver numerosos anéis. O indivíduo em questão também abateu outras árvores à volta de um castanheiro para que este pudesse apanhar mais sol. Esta situação indica que o proprietário é de risco para assinar um contrato de cogestão com a VERDE, visto que ele já abateu várias árvores.

(Visita a um proprietário, Lousada, 11/01/2023)

Neste caso não apresentamos um abate, mas sim o desejo de fazer podas estéticas, sem existir preocupação com os possíveis riscos que tal pode arcar para o crescimento e saúde da árvore. Durante uma visita, foi partilhada a seguinte intenção: “Têm que se cortar, não forma uma árvore com nexo”.

(Visita a um proprietário, Lousada, 12/01/2023)

Visitámos um proprietário que tinha um castanheiro doente. Foi sugerido que ele se dirigisse ao departamento do ambiente do Município de Lousada, onde oferecem gratuitamente o controlo biológico da praga da lagarta que estava a prejudicar o castanheiro. Foi-nos justificado que o faria mais tarde, pois de momento não tinha tempo, encontrava-se à procura de trabalho. De seguida, observamos podas agressivas feitas num salgueiro pela companhia da E-REDES sem consentimento do dono do local. Apesar de a companhia ter o direito de intervir nas faixas de gestão, mesmo que sejam terrenos privados quando os proprietários não cumprem a lei, coloca-se em causa a forma como esta comunicação muitas vezes é efetuada. O mesmo ainda partilhou connosco a história de um indivíduo daquela zona, que retirou a vida a diversas árvores. Alegou que este fazia um furo nos troncos, colocando de seguida um líquido venenoso para trucidar este elemento natural. No local onde nos encontrávamos era visível que algumas destas árvores estavam já secas. Mais tarde visitamos o terreno de um familiar seu que se situa na sequência do primeiro visitado. Para proteger as árvores da urina dos animais, a pessoa em causa colocou bidões de plástico em volta destas. Esta ação apesar de ter resolvido momentaneamente o dilema em causa, tornou-se num infortúnio. Ao não serem retirados a tempo, o aro de metal que serve para fechar melhor os bidões ficou preso em alguns troncos, restringindo o seu crescimento. Devem de ser retirados rapidamente, no entanto isto também compromete o ser vivo em questão, pois ficará exposta uma ferida que deve de ser cuidada para não apanhar fungos.

(Visita a dois proprietários, Lousada, 19/01/2023)

Fomos limpar as caldeiras das árvores plantadas num terreno perto do rio Sousa. Devido ao aumento do nível da água estas ficaram parcialmente submersas. Com a descida da água foi possível ver que tanto as árvores adultas como as que tinham sido plantadas há pouco tempo, localizadas perto da margem estavam envolvidas em lixo e entulho orgânico.

(Limpeza de caldeiras, Lousada, 31/01/2023)

Apresentamos o caso de uma intriga familiar e do desejo de um abate. Na parte da manhã fizemos uma visita ao terreno de uma proprietária (esta não se encontrava no local, mas tínhamos autorização para lá estar), que afirma estar a sofrer abates forçados e não consentidos no limite e interior do seu terreno, realizados por um familiar seu vizinho. Uma outra pessoa que estava no local afirmou que um dos cortes foi motivado pelo medo de que a árvore tombasse danificando uma habitação ou magoando alguém. Durante a tarde durante uma viagem de carro, avistamos um grande pinheiro numa pequena propriedade. Decidimos parar e tocar à campainha, mas ninguém apareceu. Uma vez que estava um vizinho no quintal entabulamos conversa com o mesmo para tentar descobrir quem morava no local. Após nos dizer que a casa foi herdada e que atualmente está desabitada salientou que o pinheiro devia de ser cortado, porque mais cedo ou mais tarde ainda caía para cima da sua casa. A pessoa que estava ao meu lado que trabalha para a VERDE, explicou que no máximo se isso acontecesse só ia cair para cima da vedação que divide as propriedades e que para além disso, o pinheiro está em ótimo estado de saúde, sendo quase impossível vir a cair tão cedo.

(Visita a uma proprietária e tentativa de contacto, Lousada, 01/03/2023)

Visitamos uma pessoa que não queria abater as suas árvores, mas como precisava de dinheiro estava seriamente a ponderar em fazê-lo e vendê-las a um madeireiro. A VERDE apresentou uma proposta para proteger as GV e árvores intermédias situadas no terreno em causa. O processo de mediação ainda está a ser discutido discussão.

(Visita a um proprietário, Lousada, 02/03/2023)

Neste encontro foi-nos explicado que o local em causa sofreu um incêndio e algumas GV não sobreviveram. A dona do local afirma ter sido fogo posto, despertado por maus entendimentos e interesses pessoais. Para além disto, algumas das suas árvores estão a ser cortadas e roubadas sem autorização, por pessoas que passam a vedação que limita o local.

(Visita a uma proprietária, Lousada, 27/04/2023)

A VERDE pretende salvaguardar estas árvores atuando para a sua proteção. Para tal, trabalha muitas vezes em conjunto com proprietários privados (nos espaços públicos a intervenção é maioritariamente feita pela câmara) e a visão que os mesmos têm sobre o abate de árvores varia. Alguns são completamente contra, enquanto outros o fazem ou tencionam fazer pelas mais variadas razões como acabamos de exemplificar. Talvez um dos exemplos mais relevantes contra o abate de árvores seja o movimento *Chipko*. A palavra significa "agarrar-se a" e é alusiva ao ato de abraçar, ou colarmo-nos às "árvores" para evitar que as mesmas sejam abatidas. O movimento nasceu num país amplamente povoado, a Índia, na zona de Garhwal (Bandyopadhyay, 1999). Originou-se num contexto de resistência contínua dos camponeses da região a partir de um ambiente socioeconómico bastante desfavorecido. Esta reação deveu-se inicialmente à apropriação das terras destas pessoas feita pelas instituições coloniais e mais tarde pelas instituições governamentais indianas. Posteriormente manifestou-se em resposta à exploração dos recursos florestais por empresas madeireiras vindas de outros lugares (Crowley, 2013). O movimento inspirou ambientalistas e ativistas em todo o mundo, e teve uma grande repercussão no seio do ecofeminismo. Contudo, alguns académicos defendem que o mote impulsionador foi uma reação às dificuldades reais que estas pessoas vivenciavam e não apenas e unicamente como uma resposta à ação e defesa ambiental ou ao amor que podemos sentir sobre o ecossistema que nos envolve (Crowley, 2013). Procedemos em seguida, à partilha de alguns momentos mais harmoniosos e talvez mesmo esperançosos, no que toca a inter-relação entre as pessoas com a natureza e as árvores, observadas no contexto de ação da associação VERDE.

Notas e apontamentos II - diário de campo:

Relato de duas visitas feitas à mesma proprietária em dias diferentes. Durante a primeira visita a proprietária contou-nos que começou juntamente com o seu cônjuge a plantar árvores há 30 anos atrás. Partilhou connosco que na altura em que o seu avô ainda era vivo, as pessoas não pensavam muito na importância de plantar árvores, tinham que sobreviver e para isso dedicavam-se à agricultura. Quando este casal começou a fazer as primeiras plantações, as pessoas achavam aquilo estranho e questionavam constantemente a razão pelo qual o faziam. Hoje diz que tem cerca de 20 mil árvores plantadas na sua propriedade. Afirmou ainda: "Uma árvore tem um valor inimaginável." e "Cortam-me uma árvore, cortam-me o coração". Um dos representantes da VERDE que estava no local concordou com a última afirmação retorquindo:

“... mas às vezes é preciso cortar umas para se manter as outras”. Esta última afirmação demonstra a dualidade que pode existir por detrás de um trabalho de conservação. Muitas vezes para promover uma maior preservação e regeneração pode ser mesmo necessário fazer certas intervenções que podem incluir alguns abates.

Na segunda visita, pouco tempo depois de se iniciar o diálogo a pessoa em causa partilhou a seguinte afirmação: “A floresta fica cá para se lembrarem de nós”. Partilhou ainda que a sua árvore favorita é uma Tília bastante antiga que já existia no tempo da sua avó. Quando esta era pequena, sentava-se debaixo da árvore para contar os carros que passavam (na altura eram poucos). Mais tarde, uma vez que esta é a sua árvore de infância, fez um poema em sua dedicação. Também nos foi dito que por cada neto que nasce, uma árvore é plantada.

(Duas visitas feitas à mesma proprietária, Lousada, 12/01/2023 e 09/03/2023)

Fomos realizar uma plantação na casa de uma proprietária. Foi anotada a seguinte frase enquanto a pessoa em causa nos ajudava a plantar: "Não vou ver estas árvores grandes, mas os meus filhos e netos vão". No final ofereceu-nos um lanche delicioso e deu-nos a provar a sua marmelada caseira.

(Visita a uma proprietária, Lousada, 13/01/2023)

Há algum tempo, foram parcialmente cortadas duas tílias num local público em Lousada, que mereciam o estatuto de “Gigantes Verdes”. Não estavam saudáveis, apresentavam diversas doenças e fragilidades causadas por múltiplas podas agressivas. Assim o município de Lousada procedeu à remoção de alguma lenha, optando por deixar os troncos no mesmo local. Contrataram uma escultora holandesa que vive no Porto para esculpir a madeira restante e criar uma obra alegórica à temática da biodiversidade (Figura 5). Optando por este caminho e não por um abate total, o município alega pretender manter a memória e o valor histórico das duas tílias de porte majestoso (Fernandes, 2022). A artista estava impressionada com a natureza da encomenda, partilhou que na Noruega é comum existirem esculturas de animais feitas em madeira na floresta e que as mesmas são lá deixadas servindo de abrigo e alimento para diversos animais. Como estas iniciativas não são comuns em Portugal, a artista mencionou tratar-se de uma mudança de paradigma, uma nova forma de preservar o património natural público.

(Interação com uma artista, Lousada, 25/01/2023)



Figura 5 - Tílias que foram transformadas em esculturas no concelho de Lousada. Trabalho artístico feito por Rosa Van de Vooren.

Atividade de plantação organizada por alguns trabalhadores do município com a ajuda da VERDE. Era suposto ter sido uma atividade mista, com crianças e séniores que fazem parte do programa BioSénior, mas como choveu antes da plantação os últimos não quiseram vir. Apareceram cerca de 40 crianças do 5º e 6º ano de uma escola de Lousada. No final muitas delas mencionaram que deviam de fazer estas atividades mais vezes, preferindo a plantação às aulas. O local de intervenção foi um pequeno parque numa zona residencial do concelho. Existe a esperança por parte dos trabalhadores do município de que quanto mais se fizer neste local, mais as pessoas o assumam como seu e ajudem a tomar conta e preservar o espaço.

(Plantação com crianças, Lousada, 26/01/2023)

Plantação numa propriedade privada onde a VERDE faz a gestão ecológica. Os participantes foram as crianças de uma escola da região e séniores (do projeto BioSénior). Grande interação e entreajuda de todos. Um senhor de idade deslocava-se devagarinho para ir plantar uma árvore pois tinha dificuldade a andar. De um lado uma criança dava-lhe a mão e acompanhava-lhe o passo, do outro na sua mão levava uma enxada.

(Plantação numa propriedade, Lousada, 10/02/2023)

Apresentação do Guia de Campo da Mata de Vilar mais caminhada interpretativa na mata. Durante a apresentação os interlocutores falaram sobre a história da mata, a sua requalificação, contaram vários episódios e agradeceram a diversos trabalhadores pelos seus serviços prestados. Mencionaram que “A mata é um lugar para se ser feliz” e que a mesma deve despertar

emoção. Partilharam ainda que nem sempre tomaram as opções mais “corretas” podendo mesmo ter existido pequenos incumprimentos legais, no entanto, se estas opções ajudaram a criar uma mata mais saudável e próxima da população, os mesmos não se arrependem das decisões que foram tomadas. Foram apontadas as seguintes afirmações: “Afinal isto não demora assim tanto tempo, basta querer.” e “Mais do que fazer é ter o clique para fazer as coisas.”. No final, algumas pessoas que estavam a assistir agradeceram todo o trabalho que está a ser feito no local.

(Apresentação na Mata de Vilar, Lousada, 11/03/2023)

Ajudamos a preparar uma plantação numa escola secundária em Lousada. Apareceram dezenas de alunos com idades diferentes, havia uma criança que usava um vestido de tutu bastante pitoresco, os séniores do projeto BioSénior juntaram-se à iniciativa. Uma senhora com idade avançada (apenas no número porque estava cheia de energia) plantou descalça declarando que tinha trabalhado no campo por mais de 63 anos (Figura 6). No final as crianças, seniores, professores, equipa da VERDE, do município e auxiliares da escola lancharam todos juntos.

(Plantação numa Escola, Lousada, 29/03/2023)



Figura 6 - Sénior a plantar descalça durante uma atividade de plantação numa escola secundária de Lousada.

Fomos ajudar um casal a tratar da sua horta. Durante o almoço os mesmos falaram sobre os caminhos de Santiago que ambos percorreram separadamente há uns anos atrás. Quando voltaram decidiram mudar de vida, dantes trabalhavam como personal trainers (no final o

trabalho já não os satisfazia), atualmente produzem cabazes biológicos, plantam e vivem segundo os princípios da permacultura. Afirmam estarem mais felizes e em harmonia com a vida.

(Visita a um casal de permacultores, Lousada, 20/04/2023)

5.3. “Um dia entre as árvores”, desde o culto da árvore ao TreeBlitz

Talvez não seja novidade o facto de muitas celebrações, tradições e até mesmo feriados ao redor do mundo estarem ligadas à nossa relação com as árvores. Uma destas festividades é o Tu BiShvat, conhecido como o Ano Novo judaico para as árvores. Também temos as famosas árvores dos desejos de Lam Tsuen em Hong Kong e a festa das amendoeiras em flor na vila de Taфраoute em Marrocos, que homenageia a abundância deste fruto seco (Brannon, 2022). Em Portugal, no epílogo do regime monárquico, no dia 26 de Maio de 1907 no Seixal, teve lugar a primeira Festa da Árvore motivada por diferentes organizações republicanas. Com a implementação da República a 5 de Outubro de 1910, um novo conjunto de símbolos e valores surgiram, incentivando ao movimento comemorativo cívico e cultural dos benefícios tanto da árvore como das florestas. No século XIX houve um processo intenso de desmatamento, principalmente de castanheiros e carvalhos, motivado pela crescente demanda por madeira. Assim, não foi difícil no início do século XX iniciar um movimento de celebração deste organismo vivo, promovendo a arborização. Houve uma forte campanha à escala nacional na promoção da festa tendo sido amplamente divulgada junto das escolas, atingindo o seu pódio no ano de 1913. Um ano depois, foi constituída formalmente a Associação Protetora da Árvore que defendeu árvores monumentais e propagou as vantagens da arborização e do regime florestal. Contudo, várias frentes conservadoras que discordavam dos novos valores que estavam a ser difundidos cometeram atos de vandalismo e campanhas de imprensa contra esta festa, tendo inclusive procedido ao arranque de árvores plantadas. Com a entrada de Portugal na primeira Guerra Mundial em 1916, encadeia-se o declínio desta festa fundamentada por uma economia e um regime republicano fragilizados (Vieira, 2010). Em Lousada, a festa da Árvore teve lugar no dia 9 de Março de 1913, turmas femininas e masculinas plantaram 6 árvores no largo da Senhora da Ajuda ao som do Hino Nacional e do Hino das Árvores. Em 1956, surgiu a notícia na freguesia de que estes elementos naturais que tinham sido plantados durante a festa iam ser cortados (Fernandes et al., 2017). Mais tarde em 1970, foi o ano Europeu da Conservação da Natureza onde o Conselho da Europa iniciou um esforço no combater à ameaça de um ambiente natural empobrecido e intoxicado (Council of Europe, 1970). Desde então,

várias comemorações ocorreram. Por exemplo, em 1984, foi celebrado o primeiro “Arbor Day” nos Estados Unidos, especificamente na cidade de Nebraska (Olson, 1972). A designação mais conhecida atualmente é o Dia Internacional da Floresta, apesar de ainda ser usada a expressão Dia da Árvore, em Portugal e noutros países. No nosso país e noutros localizados principalmente no norte do globo este dia é comemorado em conjunto com a chegada da Primavera, no dia 21 de Março.¹¹

Em continuação de um registo celebrativo, o primeiro evento da associação VERDE em parceria com o Município de Lousada e outras entidades foi o TreeBlitz no dia 29 de Maio de 2021. A adoção desta designação faz trocadilho e inspira-se no famoso evento BioBlitz que promove a inventariação da biodiversidade de uma determinada área designada. Uma vez que a organização surgiu devido às Gigantes Verdes, este evento tem o intuito de promover um dia junto das mesmas, através de uma aprendizagem detalhada sobre estes seres celebrando a sua existência. Em 2023 o evento voltou para celebrar as árvores e florestas, acontecendo no dia 17 de Junho na Mata de Vilar. Com uma agenda recheada, contou com 30 participantes e a presença de 7 monitores. Existiram várias atividades desde caminhadas e caracterização de Gigantes Verdes e de outros organismos como líquenes, fungos, invertebrados e briófitas, uma oficina de música, um Workshop para Cuidadores de Gigantes e ainda um concerto que nos ligava à natureza envolvente através do som e da dança. O workshop em causa não teve o adesão desejado, o que pode ter sido motivado por diversos fatores. Ser um evento ao sábado e já terem outros compromissos, a faixa etária dos mesmos estar em média acima dos 40 anos o que pode criar uma maior reserva na adesão deste tipo de eventos, a informação partilhada sobre o mesmo não ter sido suficiente ou dificuldade em compreender o objetivo da sessão, não terem ficado suficientemente entusiasmados, entre outras possibilidades. O encontro incidiu na transmissão de informação sobre a salvaguarda destes elementos naturais e dos terrenos onde se encontram. Partindo de diferentes ações de valorização de subprodutos florestais, através da regeneração do território possibilitando um retorno económico ao longo dos anos. Pretende-se assim avançar para uma cogestão destes terrenos, algo que não é muito comum de acontecer. Para além do evento ser um importante elo de ligação e celebração das pessoas com outros seres, consciencializando e educando para a sua importância, também é um excelente momento de convívio para se conhecer novas pessoas igualmente amantes da natureza e proporcionar

¹¹ Durante o trabalho de campo em Lousada, na promoção das atividades realizadas pela VERDE numa feira local, um indivíduo partilhou que não concordava com esta data. Na sua visão, visto que grande parte das iniciativas de comemoração recaí sobre a plantação de árvores, este não é o mês mais indicado para o fazer. Manifestou o seu desejo para que esta data fosse repensada para um dia mais favorável a esta atividade.

reencontros entre antigos voluntários, monitores e habitantes locais.

No início do capítulo, falamos sobre o ato de caminhar e como este não se dissocia do lugar ou paisagem onde se encontra. No diálogo de Platão, a personagem Sócrates afirma que o campo e as árvores não têm nada a nos ensinar. No entanto, ele e Fedro, acabam por usar a paisagem que os circula e os elementos naturais para refletirem sobre várias questões da dimensão humana. O antropólogo britânico Tim Ingold sugere que não vivemos num universo mas sim num pluriverso (Ingold, 2021: 288). Com isto, ele afirma que cada vida com todas as suas singularidades é uma amostra das várias possibilidades do ser. Ao fazermos essa caminhada refletiva sobre o mundo que nos envolve, da qual podemos intitular de vida talvez possamos perceber que para além de sermos todos habitantes do mesmo mundo, as várias possibilidades de existência não são uma condição única apenas do humano. É uma condição partilhada por muitos outros seres, e talvez seja na pluralidade de todas as nossas diferenças, formas de habitar e de existir que nos conectamos no mesmo fluxo da vida, num mundo plural que se desmembra para além da humanidade.

CAPÍTULO 6

Considerações finais

*“Anthropogenic landscapes are also haunted by imagined futures.” Anna Tsing,
Heather Swanson, Elaine Gan e Nils Bubandt (2017: 2)*

O químico neerlandês Paul Crutzen e o biólogo Eugene Stoermer cunharam o termo “Antropoceno” no ano 2000. Esse termo surgiu da necessidade de criar um conceito mais apropriado para designar o tempo geológico atual, caracterizado como a época do Holoceno (Anthropocene Working Group, n.d.). Este período teve início no final da última Idade do Gelo, apresentando uma gradual estabilização da temperatura global (apesar de existirem sempre pequenas variações), desde o último período geológico com temperaturas mais baixas. Contudo, essa “estabilização” tem sido fortemente perturbada a partir das atividades humanas e do seu impacto bastante significativo tanto no clima terrestre como no funcionamento dos próprios ecossistemas (Hamilton et al., 2015). Atualmente, o Antropoceno ainda não é uma unidade geológica formalmente definida na Escala de Tempo Geológico, no entanto o grupo de pesquisa interdisciplinar denominado Anthropocene Working Group (AWG) está a desenvolver uma proposta para tal validação. Mesmo sem esta “legitimação oficial” o impacto antropogénico é inegável e representa mais do que apenas uma força geológica causada pelos humanos, influenciando uma reconfiguração das concepções do mundo social e natural, possibilitando a criação de renovadas narrativas e perspectivas com diferentes significados (Gibson & Venkateswar, 2015). Basta analisarmos outras palavras que surgiram para narrarem o conceito do Antropoceno dando um maior foco a distintas características da humanidade sempre com um carácter desestabilizador e amplamente prejudicial. Os autores Raj Patel e Jason Moore na obra *A História do Mundo em Sete Coisas Baratas* (2018) dão preferência à utilização do termo Capitaloceno em vez de Antropoceno, para caracterizarem a era dominada pelo capital que estrutura o mundo em que vivemos. Outros termos que demonstram as relações de poder que contribuíram de diferentes formas para a crise ambiental atual e outras consequências que extrapolam a mesma, é o Euroceno com enfoque na ideia do eurocentrismo ou o Plantationoceno que caracteriza a emergência dos sistemas de produção e diferentes estruturas num regime de monoculturas, chamando à atenção da problemática da adoção de pensamentos e ações extrativistas (Reno, 2022). Incluímos ainda a ideia por detrás da palavra Chthuluceno, a partir da construção de uma visão simpoiética e não autopoiética, como a distinta professora americana no Departamento de História da Consciência da Universidade da

Califórnia em Santa Cruz Donna Haraway colocou é: “... a kind of timeplace for learning to stay with the trouble of living and dying in response-ability on a damaged earth.” (Haraway, 2016: 2). É preciso cautela para não assumirmos que o desafio apresentado pelo Antropoceno signifique que todas as pessoas devem ser agentes de mudança planetária. As dificuldades que levanta encontram-se enraizadas em vários sectores, inclusive na grande disparidade de desigualdades entre pessoas pois as ações de alguns não são iguais e nem têm o mesmo impacto que as de outros. O investigador e especialista belga em geopolítica ambiental e dinâmica migratória François Gemenne explana que: “... Anthropocene is first and foremost a matter of keeping the Earth habitable for the most vulnerable.” (Gemenne, 2015: 173).

A investigação antropológica oferece importantes *insights* no que toca à oferta de diferentes compreensões na forma como abordamos o tema do Antropoceno. Com a presente dissertação tentamos demonstrar a forma como a associação VERDE, as pessoas que fazem parte da mesma revendo-se nos seus valores e visão, incluindo ainda a peculiar dinâmica impulsionadora que encontramos até ao momento na vila de Lousada, respondem aos problemas atuais com especial focagem no campo ambiental. É assim relevante salientar, que os métodos adotados por esta associação e a sua própria visão são em primeira análise uma procura constante das melhores soluções para as questões com as quais pretendem lidar. Esses mesmos métodos não devem ser vistos em sua totalidade como orientações fechadas que podem ser aplicadas em vários contextos. Cada lugar é um lugar e cada pessoa tem a sua própria singularidade, sendo importante nunca descontextualizar dando relevância à peculiaridade de cada realidade. A professora associada de antropologia e sustentabilidade na universidade do Estado do Oregon Elizabeth Marino e o professor de Antropologia Social e Cultural na Universidade de Viena Peter Schweitzer, definem as alterações climáticas como modificações que acontecem nos padrões climáticos globais num determinado espaço e tempo e por esse mesmo motivo, são um fenómeno distinto de escala global que tem efeitos locais (Marino & Schweitzer, 2009). Assim, é essencial que os antropólogos compartilhem diferentes formas de viver, trabalhar e de estar no mundo, ajudando a enquadrar a questão das alterações climáticas e tantas outras relevantes no seio da interação do homem com o ambiente natural em constante transformação. Ao exporem e partilharem diferentes histórias e experiências permitem que outras pessoas tomem consciência e conheçam distintos testemunhos em relação à forma como o mundo está a mudar em tantas vertentes e como diferentes comunidades humanas acompanham estas mudanças (Gibson & Venkateswar, 2015). Isto é o equivalente a dizermos que nunca vai existir um único ponto de vista sobre esta matéria nem este terá uma essência reducionista. As antropólogas Hannah Gibson e Sita Venkateswar incentivam-nos a desviarmos

a nossa atenção que tantas vezes está apenas centrada nos seres humanos, de forma a pudermos ver que no nosso planeta existem outras interações com diferentes espécies a acontecerem. Como ambas esclarecem, ao valorizarmos outros organismos e diferentes tipos de associações podemos abrir uma passagem diferente para a forma como o humano se posiciona e responde a esta era denominada por muitos como de Antropoceno, criando um discurso e propósito esperançoso que pode existir nas margens da ecologia da destruição (Gibson & Venkateswar, 2015: 18). Surgem assim novas ideias que desafiam as dicotomias, tomando em consideração outras formas de existência através de um diálogo que promove um mundo multicultural da vida (Rose, 2013). O professor associado de Antropologia na universidade McGill Eduardo Kohn propõe-nos “uma antropologia da vida” (Kohn, 2007). Os antropólogos americanos Eben Kirksey e Stefan Helmreich (2010) falam-nos sobre a etnografia multiespécies. Tim Ingold por sua vez apresenta uma “Antropologia para além da Humanidade” (2013). Estas não são as únicas propostas que existem tanto dentro desta disciplina do saber como noutras e mesmo entre as enumeradas existem diferenças que as distinguem. Contudo, o professor sénior de antropologia da Universidade de Canterbury, Piers Locke, sugere que o elemento unificador destas ideias reside na preocupação em: “... resituating the human such that nonhuman life is no longer restricted to the subordinate objectification of its cultural significance or its social, economic, and political utility.” (Locke, 2018: 1).

No contexto deste repertório, destacamos a obra *The Mushroom at the End of the World* (2015) da antropóloga americana Anna Tsing. O seu conteúdo é fundamentado através do trabalho de campo realizado entre 2004 e 2011, em diferentes locais do mundo como o Japão, Canadá, China, Finlândia ou Estados Unidos da América (Tsing esteve ainda em mais sítios), colocando no centro da reflexão o cogumelo matsutake. A autora utiliza assim esta espécie para abordar temas como o capitalismo, ligando a atividade económica em volta da mesma para explorar diferentes dimensões culturais humanas no processo de recolha, consumo, exportação e partilha (através do ato de oferecer a outras pessoas) este cogumelo. Como a autora retrata: “Matsutake build relationships, and as gifts they cannot be separated from these relationships. Matsutake become extensions of the person, the definitional feature of value in a gift economy.” (Tsing, 2015: 123). Tentamos com esta dissertação, mesmo que ainda de forma prematura, dar relevo ao elemento natural da árvore, aprendendo ao seu lado numa tentativa de vislumbrar diferentes formas de partilhar o mundo através de uma vida em comum com outros seres. Comparativamente ao caso da associação VERDE, não estamos tanto perante uma situação agregada à ideia da “economia da dádiva” como apresenta Tsing, mas quando analisamos o projeto Gigantes Verdes despreendem-se outras dimensões exploratórias. Podemos ver o

projeto como um manifesto crítico, através de uma tentativa de preenchimento da lacuna existente em relação à falta de estratégias suficientes, tanto a nível local e nacional, para a preservação, valorização e proteção das árvores no território português. Esta iniciativa demonstra-nos que é possível encontrar estratégias criativas para resolver determinadas adversidades. Com paisagens cada vez mais degradadas e transformadas em campos de monoculturas, a tentativa de salvar estes seres quer seja numa área de grande dimensão ou pequena, numa floresta ou na casa de uma pessoa, oferecem um vislumbre de esperança no meio de toda a degradação e perturbação ambiental que nos rodeia. Somamos a esta equação, o facto de a associação VERDE ser um bom exemplo demonstrativo das diferentes formas de coexistência entre os humanos com outros seres. Assistimos também ao processo da criação de diferentes categorias como “Cuidador de Gigantes” ou “Guardião de Gigantes”, que ajudam na implementação de novas ideias práticas, através da construção de um certo tipo de “pessoa” ou ideia que se vai encaixar na categoria gerada (Hacking, 2007). Estes seres recordam-nos que qualquer forma de existência acontece a partir de um ponto relacional através de um amplo emaranhado de relações com outros organismos. Quando o nosso pensamento permite uma abertura de inclusão de outras espécies, podemos estar a traçar um caminho que nos ajude não só a compreender melhor a existência dos mesmos, como a nossa própria existência humana e a forma como escolhemos coabitar o mundo.

Esta dissertação foi acometida através de uma tentativa de explorar diversificados conteúdos que se interligam, contudo, a inquietação principal está centralizada na reflexão das diferentes formas de colaboração humana para auxiliar num retrocesso, ou pelo menos num apaziguamento, dos dilemas ecológicos que caracterizam a nossa época atual, provocados primordialmente por diferentes impactos antropogénicos. Para tal escolhemos a associação VERDE como local de observação e meditação. Ao longo deste trabalho tentamos não só demonstrar o papel que a antropologia pode ter na reflexão e o seu possível contributo para o estudo de questões ambientais, como também buscamos demonstrar que muitas das filosofias e termos ligados à gestão ambiental podem ser conceptualizados de diferentes formas. Mesmo na associação VERDE, apesar de a equipa estar toda a trabalhar para os mesmos objetivos, acabando espontaneamente por os aproximar para uma perceção do mundo semelhante, pelo menos em relação às questões relacionadas com o trabalho, o diferente *background* de cada colaborador permite-nos visualizar que para um mesmo objetivo existem diferentes conceções e formas de lá chegar. Fizemos também um breve levantamento do movimento ambientalista internacional e nacional e da importância que o associativismo e os programas de voluntariado podem ter na aproximação das pessoas para uma causa em comum. Depois de uma visão mais

geral, precedemos à demonstração de como uma pequena vila no norte de Portugal, pode ter um papel determinante não só na conservação do património natural, mas também como local promotor e encorajador para que outras iniciativas surjam neste território. O presente trabalho foi motivado não só pelo desejo da mestrandia em explorar questões que se ligam a problemáticas inerentes ao humano e natureza, mas também pelo estímulo de poder contribuir e gratificar através de uma retribuição materializada do que aprendeu e vivenciou nos últimos anos, ao lado de diferentes pessoas. A dissertação destina-se assim a todos os que têm interesse nestas temáticas, incluindo os trabalhadores/funcionários ligados a associações e outros organismos ambientais. A conclusão deste trabalho é acompanhada pela sensação de que muitas outras histórias ficaram por serem observadas, ouvidas e contadas, o que naturalmente pode levar a novas indagações.

Existem inúmeras formas de descrevermos os dilemas ecológicos. Desde a criação de narrativas que promovem o afastamento brusco ou mesmo total dos humanos da natureza, ideias de como conseguiríamos transplantar a mesma para outros locais, desde a conceptualização de novos modelos agrícolas mais sustentáveis ou ao surgimento dos mais variados projetos que pretendem conservar e restaurar ecossistemas degradados (Baldwin Jr et al., 1994). Desde ideias vagas que, no entanto, podem-nos ajudar a pensar e a posicionarmos no mundo de outra forma, a projetos concretos com aplicabilidade e resultados visíveis, não há uma única proposta ou consenso geral, sugerindo que a resposta à crise ecológica deva seguir uma estratégia singular.

Como mencionado anteriormente, Tim Ingold propõe uma “Antropologia para além da Humanidade”. Para que tal possa acontecer o antropólogo apresenta duas propostas. Ser dotado de vida, é “tornarmo-nos”, ou seja, estar vivo é o processo no decurso do qual nos tornamos naquilo que somos (Ingold, 2013: 20). A partir desta premissa e com o apoio das ideias de Donna Haraway, Ingold descreve assim que independentemente de serem humanos ou animais: “...they are at any moment what they have *become*, and what they have become depends on whom they are with.” (Ingold, 2013: 21). Em segundo lugar, o antropólogo considera que a Antropologia trabalha a partir da participação noutras vidas, não fazendo estudos de, mas sim em conjunto com outras pessoas ou até mesmo animais. Neste ponto enfatizamos que o estudo pode englobar os mais diversos organismos vivos e não apenas animais. Para Ingold esse estudo não deve focar-se somente no que diz respeito ao passado, mas sim a partir de um avanço em conjunto com as múltiplas formas de como os humanos, animais e outros seres tornam-se ou aprendem ao lado daqueles com os quais partilhamos as nossas vidas. Na sua visão o movimento permanente, ou as transformações contínuas pelas

quais qualquer coisa ou organismo vivencia o mundo, vão sempre mais cedo ou mais tarde, ultrapassar aquilo que são no agora, ou seja neste momento preciso. A partir desta ideia, o antropólogo acredita que o espaço de ação onde atua a antropologia, deve de ultrapassar também o horizonte centralizado unicamente na humanidade (Ingold, 2013: 21).

No artigo *Posthuman Prehistory* (2021), Ingold sugere que para reinventarmos a humanidade, as vidas humanas devem de desenrolar-se em paralelo com as vidas de outros seres. Para que tal aconteça, esse mesmo desenrolar não deve de seguir em direção a uma conclusão já pré-estabelecida, mas sim sustentável (Ingold, 2021: 99). A sustentabilidade usada por Ingold foi emprestada a partir da reflexão da teórica e filósofa contemporânea Rosi Braidotti, para designar a seguinte ideia em relação a este termo: “...is about endurance, about “passing on” to future generations a world that is liveable and worth living in’.” (Braidotti, 2013: 138, como citado em Ingold, 2021: 99). Como reflexão final, gostaríamos de propor que esta mesma ideia pode ser pensada a partir de outros termos para além da sustentabilidade, o que inevitavelmente vai criar diferentes possibilidades de perspetivações para as gerações futuras num mundo habitável. Segundo Daniel Wahl (2016), o conceito de sustentabilidade que tanto é usado massivamente nos dias atuais, situa-se num ponto de neutralidade onde simplesmente não se produzem mais danos. Para o mesmo, a regeneração implica o regenerar não só do mundo onde vivemos, mas também dos nossos sistemas sociais, políticos e económicos, onde nos tornamos mais resilientes e passamos a ter a capacidade de colaborar e criar uma adaptação e impacto mais positivo às mudanças que somos sujeitos constantemente. Esta mudança só deve de ser perspetivada a partir de uma diversidade de culturas regenerativas e não na intenção de criar uma única cultura regenerativa. Quando estas alterações de paradigmas são transmitidas de região em região, de projeto em projeto (como no caso da associação VERDE) ou de comunidade em comunidade, podemos começar a vislumbrar diferentes formas disruptivas e mais inclusivas de coabitar com outros seres, habitar e regenerar o nosso mundo e em última análise a nós mesmos.

Referências Bibliográficas

- Abram, D. (2007). De Línguas em árvores. In Fundação Calouste Gulbenkian (Ed.), *A Magia Do Sensível*.
- Adebayo, O. (2019). Loss of biodiversity: the burgeoning threat to human health. *Annals of Ibadan Postgraduate Medicine.*, 17.
- Agrawal, A., Gibson, C. C., Britt, C., Coward, W., Engel, S., Greenberg, J., McGinnis, M., Moore, D., Peluso, N., Pfeifer, K., Ribot, J., Sanderson, S., Sawyer, S., Schmink, M., Scott, J., Sivaramakrishnan, K., & Walker, J. (1999). Enchantment and Disenchantment: The Role of Community in Natural Resource Conservation (Vol. 27, Issue 4). [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0305-750X\(98\)00161-2](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0305-750X(98)00161-2)
- And, H., & Sciences Communications |, S. (2022). Exploring the diversity of conceptualizations of nature in East and South-East Asia. 9. <https://doi.org/10.1057/s41599-022-01186-5>
- Anthropocene Working Group. (n.d.). Working Group on the ‘Anthropocene’ - Results of binding vote by AWG Released 21st May 2019. <http://quaternary.stratigraphy.org/working-groups/anthropocene/>
- Antunes, P. (1997). *Evolução do Direito e da política do Ambiente Internacional, comunitário e nacional*. <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/728/1/Evolu%20c3%a7%20do%20Direito.pdf>
- Ao, Y., Luo, P., Liu, J., Jiang, H., & Yang, H. (n.d.). Associations between neighborhood environment and sense of community belonging in urban China: Examining mediation effects of neighborly interactions and community satisfaction.
- APA - Agência Portuguesa do Ambiente. (2023). Lista das ONGA e equiparadas registadas no Registo Nacional. https://apambiente.pt/sites/default/files/2023-05/Lista%20RNOE_2023.pdf
- Associação VERDE. (n.d.). Regulamento Carbono Biodiverso. From https://www.verde-associação.pt/_files/ugd/f4c9e1_6f7ed183d4a6487fa95673fba799d80e.pdf
- Baldwin Jr, A. D., Luce, J., & Pletsch, C. (1994). *Beyond Preservation: Restoring and Inventing Landscapes*. University of Minnesota Press.
- Bandyopadhyay, J. (1999). Chipko Movement: Of Floated Myths and Flouted Realities. *Economic and Political Weekly*, 34(15), 880–882.
- Barnard, A., & Spencer, J. (2005a). Community. In *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*.
- Barnard, A., & Spencer, J. (2005b). *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. ROUTLEDGE.
- Blatter, C., Lemm, R., Thees, O., Lexer, M. J., & Hanewinkel, M. (2017). Management of ecosystem services in mountain forests: Review of indicators and value functions for model based multi-criteria decision analysis. In *Ecological Indicators* (Vol. 79, pp. 391–409). Elsevier B.V. <https://doi.org/10.1016/j.ecolind.2017.04.025>
- Brannon, I. (2022, April 22). 8 Ways People Celebrate Trees Around the World. AFAR. <https://www.afar.com/magazine/eight-festivals-from-around-the-world-that-celebrate-trees>
- Brilha, J. (2005). *Património geológico e geoconservação : a conservação da natureza na sua vertente geológica*. Palimage.
- Brown, N. (2004). *Natural Regeneration of Tropical Rain Forests*. CRC Press.

- Bruch, C., Schang, S., Pendergrass, J., Fulton, S., Moraga-Lewy, N., Wright, M., & Swanson, G. (2019). *Environmental Rule of Law: First Global Report*.
- Buckton, S. J., Fazey, I., Sharpe, B., Om, E. S., Doherty, B., Ball, P., Denby, K., Bryant, M., Lait, R., Bridle, S., Cain, M., Carmen, E., Collins, L., Nixon, N., Yap, C., Connolly, A., Fletcher, B., Frankowska, A., Gardner, G., ... Sinclair, M. (2023). The Regenerative Lens: A conceptual framework for regenerative social-ecological systems. In *One Earth* (Vol. 6, Issue 7, pp. 824–842). Cell Press. <https://doi.org/10.1016/j.oneear.2023.06.006>
- Cabral, M. V., Wall, K., Aboim, S., & Silva, F. C. da. (2008). *Itinerários - A Investigação nos 25 Anos do ICS*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Câmara Municipal de Lousada. (2015, February). Viveiro Municipal, plantar qualidade de vida - Revista Lousada. Editorial MIC, 4–5.
- Capra, A. (2015). *Plato's Four Muses: The Phaedrus and the Poetics of Philosophy*. Center for Hellenic Studies. http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_CapraA.Platos_Four_Muses.2014.
- Cardoso, C. (2011, November). Um olhar sobre o turismo da Vila de Lousada no primeiro quartel do século XX. Município de Lousada.
- Carvalho, N. M. S. (2003). *A Construção do Ambiente Como Problema Social em Portugal: Anos 70 - Anos 90*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.
- Castle, S. E., Miller, D. C., Merten, N., Ordonez, P. J., & Baylis, K. (2022). Evidence for the impacts of agroforestry on ecosystem services and human well-being in high-income countries: a systematic map. *Environmental Evidence*, 11(1). <https://doi.org/10.1186/s13750-022-00260-4>
- Cnaan, R. A., Handy, F., & Wadsworth, M. (1996). Defining who is a volunteer: Conceptual and empirical considerations. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 25(3), 364–383. <https://doi.org/10.1177/0899764096253006>
- Conwentz, H. (1914). On National and International Protection of Nature. *Journal of Ecology*, 2, 109–122. <http://www.jstor.org/stable/2255592>
- Constituição Política Da Monarchia Portuguesa, Impr. Nacional (1822). <https://purl.pt/6926/1/index.html#/1/html>
- Council of Europe. (1970). *Nature in Focus - European Conservation Year*.
- Crowley, T. (2013). Climbing mountains, hugging trees: A cross-cultural examination of love for nature. *Emotion, Space and Society*, 6(1), 44–53. <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2011.10.005>
- Descola, P. (2013). *Beyond Nature and Culture*. The University of Chicago Press.
- DGAL, & INE. (2022, March 11). Lousada Bilhete de identidade. Mais Transparência. https://transparencia.gov.pt/pt/municipios/bi-municipios/municipios/municipio/1305/#county_info_id
- Diego Alves, Rosa Pinho, & Cristiano Cardoso. (2021). *Jardins com História: Flora e Património dos Solares de Lousada*. Câmara Municipal de Lousada.
- DRE. (2008). Decreto-Lei n.º 142/2008, de 24 de julho.
- Eriksen, T. (2016). *Overheating: An Anthropology of Accelerated Change*. Pluto Press.
- Eriksen, T. H. (2015). *Small Places, Large Issues: An Introduction to Social and Cultural Anthropology* (V. Amit & C. Garsten, Eds.; 4th ed.). Pluto Press.
- Falkner, R. (2021). *Environmentalism and Global International Society*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108966696>
- Fernandes, A. (2022, November). Lousada: Troncos de duas tílias darão origem a uma escultura. Rádio Vizela. <https://www.radiovizela.pt/noticia-lousada-troncos-de-duas-tilias-darao-origem-a-uma-escultura>

- Fernandes, L. Â., Matos, C., & Grande grupo de colaboradores e investigadores da região. (2017). *A Terra de Leovigildo*. Invulgar, Artes Gráficas.
- Gemenne, F. (2015). *The Anthropocene and Its Victims*. In *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. Routledge.
- Giavara, E. (n.d.). *Movimento ambiental em Portugal: novos programas e novas agendas*.
- Gibson, H., & Venkateswar, S. (2015). Anthropological engagement with the Anthropocene: A critical review. *Environment and Society: Advances in Research*, 6(1), 5–27. <https://doi.org/10.3167/ares.2015.060102>
- Grinde, B., & Patil, G. G. (2009). Biophilia: Does visual contact with nature impact on health and well-being? In *International Journal of Environmental Research and Public Health* (Vol. 6, Issue 9, pp. 2332–2343). MDPI. <https://doi.org/10.3390/ijerph6092332>
- Hacking, I. (2007). *Kinds of People: Moving Targets*. In *Proceedings of the British Academy* (Vol. 151). www.college-de-france.fr/site/phi_his
- Hamilton, C., Gemenne, F., & Bonneuil, C. (2015). *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis - Rethinking modernity in a new epoch* (1st ed.). Routledge.
- Haraway, D. (2016). *Staying with the Trouble - Making Kin In The Chthulucene*. Duke University Press.
- Ingold, T. (2006). *Against Human Nature* (revised version).
- Ingold, T. (2013). Anthropology Beyond Humanity. *Journal of the Finnish Anthropological Society*, 38(3).
- Ingold, T. (2021a). *Imagining for Real - Essays on Creation, Attention and Correspondence*. In *Imagining for Real*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003171713>
- Ingold, T. (2021b). Posthuman Prehistory. *Nature and Culture*, 16(1), 83–103. <https://doi.org/10.3167/nc.2020.160106>
- Invasoras.pt. (n.d.). *Fichas de espécies invasoras em Portugal*. From <https://invasoras.pt/pt/especies-invasoras-portugal>
- James, S. P. (2019). Natural Meanings and Cultural Values. *Environmental Ethics*, 1–18. <https://doi.org/https://doi.org/10.5840/enviroethics20194112>
- Jordan, W. R., & M. Lubick, G. (2011). *Making Nature Whole: A History of Ecological Restoration*. Island Press. www.ser.org.
- Jornal de Louzada. (1924). *O Grande Hotel de Louzada*. *Jornal de Louzada*, 1.
- Junta de Freguesia de Ferrel. (n.d.). *Resenha Histórica*. From <https://www.freguesiadeferrel.pt/freguesia/5-historia/8>
- Keulartz, J., & Weele, C. van der. (2009). Between Nativism and Cosmopolitanism: Framing and Reframing in Invasion Biology. In *New Visions of Nature - Complexity and Authenticity* (pp. 237–256). Springer. https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-90-481-2611-8_18
- Kiik, L. (2018). Conservationland: Toward the anthropology of professionals in global nature conservation. *Critique of Anthropology*, 39(4), 391–419. <https://doi.org/10.1177/0308275X18821177>
- Kirksey, S. E., & Helmreich, S. (2010a). The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, 25(4), 545–576. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1360.2010.01069.x>
- Kirksey, S. E., & Helmreich, S. (2010b). The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, 25(4), 545–576. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1360.2010.01069.x>
- Kohn, E. (2007). How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. *American Ethnologist*, 34(1), 3–24. <https://doi.org/10.1525/ae.2007.34.1.3>
- Lachowycz, K., & Jones, A. P. (2013). Towards A Better Understanding Of The Relationship Between Greenspace And Health: Development Of A Theoretical Framework. *Landscape and Urban Planning*, 118, 62–69. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2012.10.012>

- Locke, P. (2018). Multispecies Ethnography. In *The International Encyclopedia of Anthropology* (pp. 1–3). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118924396.wbiea1491>
- Lohbeck, M., Rother, D. C., & Jakovac, C. C. (2021). Editorial: Enhancing Natural Regeneration to Restore Landscapes. In *Frontiers in Forests and Global Change* (Vol. 4). Frontiers Media S.A. <https://doi.org/10.3389/ffgc.2021.735457>
- LPN. (n.d.). Apresentação. From, from <https://www.lpn.pt/pt/sobre-nos/apresentacao>
- Machado Nunes Romeiro, J., Eid, T., Antón-Fernández, C., Kangas, A., & Trømborg, E. (2022). Natural disturbances risks in European Boreal and Temperate forests and their links to climate change – A review of modelling approaches. In *Forest Ecology and Management* (Vol. 509). Elsevier B.V. <https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120071>
- Madeira, B. (2018). «Não foi para morrer que nós nascemos». *O Movimento Ecológico do Porto (1974-1982)* (Edições Afrontamento, Ed.). <https://doi.org/10.21747/9789898351784/mad>
- Mais Transparência. (2021). Censos de 2021. <https://www.pordata.pt/censos/quadro-resumo-municipios-e-regioes/lousada-409>
- Marino, E., & Schweitzer, P. (2009). Talking and Not Talking about Climate Change in Northwestern Alaska. In *Anthropology and Climate Change - From Encounters to Actions*. Routledge.
- Mascia, M. B., Brosius, J. P., Dobson, T. A., Forbes, B. C., Horowitz, L., McKean, M. A., & Turner, N. J. (2003). Conservation and the social sciences. In *Conservation Biology* (Vol. 17, Issue 3, pp. 649–650). <https://doi.org/10.1046/j.1523-1739.2003.01738.x>
- Matos, M., & Nunes, M. (2020). Voluntariado Ambiental em Lousada: o essencial é invisível à economia. *LUCANUS - Revista de Ambiente e Sociedade*, 196. http://www.lucanus.cm-lousada.pt/wp-content/uploads/2017/11/2020_Lucanus_Volume_4.pdf
- Matos, M., & Nunes, M. (2021, December). *Estratégia Municipal para a Sustentabilidade - O Projeto Transformador do Município de Lousada*. Município de Lousada.
- Measham, T. G., & Barnett, G. B. (2008). Environmental Volunteering: Motivations, modes and outcomes. *Australian Geographer*, 39(4), 537–552. <https://doi.org/10.1080/00049180802419237>
- Milton, K. (1996). *Environmentalism and Cultural Theory - Exploring the Role of Anthropology in Environmental Discourse* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/https://doi.org/10.4324/9780203205440>
- Minteer, B. A., & Corley, E. A. (2007). Conservation or preservation? A qualitative study of the conceptual foundations of natural resource management. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, 20(4), 307–333. <https://doi.org/10.1007/s10806-007-9040-2>
- Moran, E. F. (2022). *Human Adaptability An Introduction to Ecological Anthropology* (4th ed.). Routledge.
- Moreira, J. (2019). How important are big trees for biodiversity: a call to the local community of Lousada. *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*.
- Mota, J., Barbosa, J., Rusconi, I., Isidoro, C., & Moreira, G. (2019). Processo participativo para a elaboração do plano de gestão da paisagem protegida de Sousa Superior . *Câmara Municipal de Lousada*, 8–35. http://www.lucanus.cm-lousada.pt/wp-content/uploads/2017/11/2019_Lucanus_Volume_Completo3.pdf
- Müller, A. (2022). O Plátano e eu - (Primeiras Folhas). *Revista Cerrados*, 13, 59–73. <https://doi.org/https://doi.org/10.26512/cerrados.v3i160.47941>
- Müller, A., Fabrícia, D., Rodrigues, W., Kranz, D. I., & Maria, D. (n.d.). *O Plátano e eu (Primeiras Folhas)*. Município de Lousada. (n.d.). *Mata de Vilar*. Município de Lousada. https://www.cm-lousada.pt/pages/690?poi_id=27

- Município de Lousada. (2020a). Paisagem protegida local do Sousa Superior. https://www.cm-lousada.pt/cmlousada/uploads/writer_file/document/591/ppss_dossier_resumo_final_red.pdf
- Município de Lousada. (2020b). Regulamento Municipal de Gestão de Arvoredo e dos Espaços Naturais do Município de Lousada.
- Regulamento da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior, Diário da República 305 (2021).
- Município de Lousada. (2023). História. <https://www.cm-lousada.pt/pages/657>
- Naeem, S., Chazdon, R., Duffy, J. E., Prager, C., & Worm, B. (2016). Biodiversity and human well-being: an essential link for sustainable development. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 283(1844). <https://doi.org/10.1098/rspb.2016.2091>
- National Geographic Society. (2023, September). Conservation. <https://education.nationalgeographic.org/resource/conservation-encycopedic/>
- Newing, H., Eagle, C., Puri, R., & Watson, C. W. (Bill). (2011). *Conducting Research in Conservation - Social science methods and practice* (1st ed.). Routledge.
- Nuutila, H. (2022). Assessing the impacts of conservation volunteering on participant wellbeing: a systematic review protocol (Vol. 11). F1000 Research Ltd. <https://doi.org/10.12688/f1000research.113630.1>
- Ollinaho, O. I., & Kröger, M. (2021). Agroforestry transitions: The good, the bad and the ugly. *Journal of Rural Studies*, 82, 210–221. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.01.016>
- Olson, J. C. (1972). Arbor Day-A Pioneer Expression of Concern for the Environment. <http://www.nebraskahistory.org/magazine/permission.htm><http://www.nebraskahistory.org/admin/members/index.htm>http://www.nebraskahistory.org/publish/publicat/history/full-text/NH1972Arbor_Day.pdf
- Pantera, A., Mosquera-Losada, M. R., Herzog, F., & den Herder, M. (2021). Agroforestry and the environment. In *Agroforestry Systems* (Vol. 95, Issue 5, pp. 767–774). Springer Science and Business Media B.V. <https://doi.org/10.1007/s10457-021-00640-8>
- Pasquini, L., & Shearing, C. (n.d.). Example of the Process of Institutionalizing an Environmental Agenda within Local Government. In *Journal of Environment and Development* (Vol. 23, Issue 2). <http://ssrn.com/abstract=2674011><https://ssrn.com/abstract=2674011>
- Pasquini, L., & Shearing, C. (2014). Municipalities, Politics, and Climate Change: An Example of the Process of Institutionalizing an Environmental Agenda Within Local Government. *Journal of Environment and Development*, 23(2), 271–296. <https://doi.org/10.1177/1070496514525406>
- Patel, R., & Moore, Jason W. (2018). *A História do Mundo em Sete Coisas Baratas Um guia sobre capitalismo, natureza e o futuro do planeta* (Editorial Presença, Ed.).
- Pedras, R. (2007). *A Casa Nobre Rural dos Séculos XVI-XVIII no Concelho de Lousada*. Gabinete de Arqueologia e Gabinete de Património Da Câmara Municipal de Lousada.
- Pennisi, E. (2022, January 21). Rare and ancient trees are key to a healthy forest. *Science*. <https://doi.org/doi:10.1126/science.ada0797>
- Pereira, A., Matos, M., Silva, M., Alves, D., Marques, R., Nunes, J., Couto, A., & Nunes, M. (2022). *Guia de Campo da Mata de Vilar* (Câmara Municipal de Lousada, Ed.).
- Phillips, A. (1998). The nature of cultural landscapes - nature conservation perspective. *Landscape Research*, 23(1), 21–38. <https://doi.org/10.1080/01426399808706523>
- Platão. (2016). *Fedro*. Companhia das Letras e Penguin Group.
- Proust, M. (2023). *The Captive and The Fugitive - In Search of Lost Time* (W. C. Carter, Ed.; Vol. 5). Yale University.
- Queirós, M. (2016). Rachel Carson Center Environmental Knowledge and Politics in Portugal: From Resistance to Incorporation. *RCC Perspectives - ENVIRONMENTAL*

- KNOWLEDGE, ENVIRONMENTAL POLITICS: Case Studies from Canada and Western Europe, 4, 61–68. <https://doi.org/10.2307/26241391>
- Rafferty, J. P. (2023). Biodiversity loss. *Encyclopaedia Britannica*. <https://www.britannica.com/science/biodiversity-loss>
- Reno, S. T. (2022). *The Anthropocene - Approaches and Contexts for Literature and the Humanities* (1st ed.). Routledge.
- Rival, L. (Ed.). (2020). *The Social Life of Trees: Anthropological Perspectives on Tree Symbolism*. Routledge.
- Rocha, A. da S. E. (2011). *Natureza e cultura no pensamento de Lévi-Strauss*.
- Rochester, C., Paine, A. E., Howlett, S., & Zimmeck, M. (2010). *Volunteering and Society in the 21st Century*. Palgrave Macmillan London. <https://doi.org/https://doi.org/10.1057/9780230279438>
- Rodrigues, E. (1995). Os Novos Movimentos Sociais e o Associativismo Ambientalista em Portugal. *Oficina Do CES*, 60, 1–33. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/32756>
- Rodrigues, E. (2008). O ambientalismo português, entre a utopia e o pragmatismo. In III Congresso Português de Sociologia.
- Rohwer, Y., & Marris, E. (2021). Ecosystem integrity is neither real nor valuable. *Conservation Science and Practice*, 3(4). <https://doi.org/10.1111/csp2.411>
- Rose, D. B. (2013). Slowly ~ writing into the Anthropocene. *TEXT Special Issue*, 20.
- Rota do Românico. (n.d.). Rota do Românico - Quem Somos. From <https://www.rotadoromanico.com/pt/rota/rota-do-romanico/?tab=1>
- Russell, G. (2016). Holism and holistic. In *BMJ (Online)* (Vol. 353). BMJ Publishing Group. <https://doi.org/10.1136/bmj.i1884>
- Sanborn, T., & Jung, J. (2021). Intersecting Social Science and Conservation. In *Frontiers in Marine Science* (Vol. 8). Frontiers Media S.A. <https://doi.org/10.3389/fmars.2021.676394>
- Santos Pereira, T., Carvalho, A., & Fonseca, P. F. C. (2017). Imaginaries of nuclear energy in the Portuguese parliament: Between promise, risk, and democracy. *Public Understanding of Science*, 26(3), 289–306. <https://doi.org/10.1177/0963662516662738>
- Schmidt, L. (2008a). Ambiente e Políticas Ambientais: Escalas e Desajustes. In *Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS* (pp. 285–314). Imprensa de Ciências Sociais.
- Schmidt, L. (2008b). Políticas Ambientais em Portugal – processos e insucessos entre o “global” e o “nacional.” <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/256.pdf>
- Shoreman-Ouimet, E., & Kopnina, H. (2013). *Environmental Anthropology Future Directions* (1st ed.). Routledge.
- Shoreman-Ouimet, E., & Kopnina, H. (2017). *Routledge Handbook of Environmental Anthropology* (1st ed.). Routledge.
- Sistema Solar. (n.d.). Afonso Cautela. From <https://www.sistemasolar.pt/pt/autor/2423/afonso-cautela/?ac=autor>
- Society for Ecological Restoration (SER). (n.d.). What is Ecological Restoration? From <https://ser-rrc.org/what-is-ecological-restoration/>
- Soromenho-Marques, V. (1994). *Regressar à Terra Consciência ecológica e política de ambiente. Fim de Século*.
- Soromenho-Marques, V. (1998a). A causa Ambiental: Para uma Visão de Conjunto. In *O Futuro Frágil. Os Desafio da Crise Global do Ambiente* (pp. 23–69). Publicações Europa-América. <https://www.viriatosoromenho-marques.com/Imagens/PDFs/A%20Causa%20Ambiental%201998.pdf>
- Soromenho-Marques, V. (1998b). Crise do Ambiente e Política Internacional. In *O Futuro Frágil. Os Desafios da Crise Global do Ambiente* (pp. 185–212). Publicações Europa-América. <https://www.viriatosoromenho->

- marques.com/Imagens/PDFs/Crise%20Ambiente%20Politica%20Internacional%201998.pdf
- Soromenho-Marques, V. (2001). Cidadania e Ambiente. In R. Carneiro (Ed.), *Educar hoje : Enciclopédia dos pais* (pp. 220–221). Lexicultural. <https://viriatosoromenho-marques.com/Imagens/PDFs/Cidadania%20e%20Ambiente%202001.pdf>
- Soromenho-Marques, V. (2005). “Raízes do Ambientalismo em Portugal.”
- Sousa Superior. (2022). Apresentação. A Paisagem Protegida Local Do Sousa Superior. <https://www.sousasuperior.pt/apresentacao/>
- Stenmark, M. (2009). *Homo Religiosus: Linnaeus and Beyond - Three Theories of Human Nature*. Zygon: Journal of Religion and Science. www.zygonjournal.org
- The Morton Arboretum. (2022). Ancient trees deemed vital to forest survival. *Nature Research*. <https://doi.org/10.1038/s41477-021-01088-5>
- Townsend, P. K. (2009). *Environmental Anthropology - From Pigs to Policies (Second)*. Waveland Press.
- Tsing, A. L. (2015). *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.
- Tsing, A., Swanson, H., Gan, E., & Bubandt, N. (2017). *Arts of Living on a Damaged Planet - Ghosts and Monsters of the Anthropocene*. University of Minnesota Press.
- VERDE. (n.d.). Manifesto. From <https://www.verde-associacao.pt/manifesto>
- VERDE. (2021). Regulamento Carbono Biodiverso. https://www.verde-associacao.pt/_files/ugd/f4c9e1_6f7ed183d4a6487fa95673fba799d80e.pdf
- VERDE. (2023a). Regulamento - Concurso Árvore do ano Lousada 2023. <https://drive.google.com/file/d/1WHyzsogwYHSnPr9de4591gxJauqRXHQf/view>
- VERDE. (2023b, April 8). VERDE e a consulta pública sobre o mercado voluntário de carbono. <https://www.verde-associacao.pt/post/projeto-de-decreto-lei-que-institui-o-mercado-volunt%C3%A1rio-de-carbono>
- Vicente, J., Queiroz, A., Silva, L., Marchante, E., & Honrado, J. (2018). As invasões biológicas em Portugal: história, diversidade e gestão. *Arte e Ciência - Universidade do Porto*.
- Vidal, F., & Dias, N. (2016). *Endangerment, Biodiversity and Culture* (1st ed.). Routledge.
- Vieira, J. N. (2010). *O Culto da Árvore e a 1.ª República*.
- Wahl, D. C. (2016). *Designing Regenerative Cultures*. Triarchy Press Ltd.
- Walker, J. A., & Cloete, T. E. (2023). Reductionism or holism? The two faces of biolog. *HTS Theologese Studies / Theological Studies*, 79(1). <https://doi.org/10.4102/HTS.V79I1.8336>
- Wang, C., Zhang, W., Li, X., & Wu, J. (2022). A global meta-analysis of the impacts of tree plantations on biodiversity. *Global Ecology and Biogeography*, 31(3), 576–587. <https://doi.org/10.1111/geb.13440>
- Woodland Trust. (n.d.). Ecological value of ancient trees. From <https://ati.woodlandtrust.org.uk/what-we-record-and-why/why-we-record/ecological-value/>